



Um
Viuívo
em Alto Mar

G I S A S R





Um
Viúvo
em Alto Mar

GISA SR

Um
Viuvo
em Alto Mar

G I S A S R

Copyright © 2021 Gisa SR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Lucas Bernardes

Revisão: Bárbara Pinheiro

Diagramação Digital: Jack A. F

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

Pará - PA 1º Edição

Outubro de 2021

Aviso!



Este é mais um livro que entra no universo do hospital São Salvador. Para quem já me acompanha, sabem que o hospital foi o palco de muitos capítulos em alguns livros meus. Amo um médico, não nego...

Porém o aviso que quero ressaltar aqui é relacionado à licença poética usada para embasar detalhes descritos no livro, para deixar claro que tudo narrado nos capítulos a seguir é pura ficção. Usamos a realidade atual, porém moldadas para a necessidade do nosso enredo e criatividade.

Espero que possam se apaixonar por Vladmir e Melissa, assim como eu!

*Sobre
esta obra*



Este é mais um pedacinho de mim que vai para o mundo, para fazer rir, chorar e encantar aqueles que chegaram até aqui. Meu intuito sempre é causar emoções e espero que com este livro eu alcance esse objetivo.

Este livro foi criado em junho de 2020, para fazer alusão ao Dia dos Namorados. Mas algo não me deixou lançá-lo, por acreditar que ele não estava como deveria, faltava mais, algo que ainda não tinha descoberto o que era e por isso o engavetei.

Um ano depois, me peguei pensando neste enredo, no motivo de não voltar a lê-lo e tentar achar o tal ingrediente especial que estava faltando. O desengavetei e me apaixonei novamente por Vladmir e Melissa e, enfim, consegui encontrar o tempero tão especial para adicionar.

Espero muito que o meu ingrediente especial entre em vossos corações.

Tinopse



Algumas feridas jamais cicatrizam.

No caso de Melissa, dez anos já se passaram e a dor ainda continua ali, fazendo com que ela seja uma pessoa inflexível em relação ao amor. E quando descobre que tem apenas três meses de vida, resolve aproveitar o pouco tempo que lhe resta para realmente viver.

Mas é claro que o destino a coloca frente a frente com o homem que partiu seu coração.

Vladimir sofre até hoje com os erros que o afastaram de Melissa. Ele sempre foi apaixonado por ela e não consegue esquecer o grande amor de sua vida — muito menos, se perdoar pelo que fez.

Agora viúvo e com uma filha, ele está disposto a tudo para reconquistar a mulher que nunca saiu de seus pensamentos.

E, ao reencontrá-la em um cenário paradisíaco, presos em um cruzeiro, decide que não irá desperdiçar a chance de serem felizes para sempre.

Playlist



Para ouvir a playlist de “ Umvívo em alto mar” no Spotif y abra o app no seu celular, selecione “ buscar” clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



Ou clique aqui



[Aviso importante](#)

[Sobre esta obra](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[A carta](#)

[Agradecimentos](#)

[Mais livros da Autora](#)

[Sobre a Autora](#)

[Contatos da Autora](#)

“Estudos recentes revelam: namorar pode levar ao casamento cuidadoso!”

The doctor

Prólogo



O Feliz par a sempre pode acontecer ?

Paro em frente à porta do quarto, no corredor da república, e respiro fundo ao tocar a maçaneta da porta, abrindo-a em seguida, a pouca luz que entra pela janela ilumina seu quarto. Meu coração bate forte com a ansiedade. Dou um passo para dentro e tropeço em algo que me impele a olhar para o chão, notando...

Meu sorriso vai morrendo aos poucos ao ver uma peça rosa no chão, um sutiã que não é meu. Respiro com certa dificuldade, mais ainda por reconhecer o pedaço de pano que agora seguro em minhas mãos. Solto um muxoxo, que mais parece um soluço e olho em direção à cama, com corpos demais sobre ela.

Ele... ele não pode fazer isso, não, não, ela não faria!

Cabelos negros e brilhosos cobrem o travesseiro, o mesmo travesseiro em que, ainda ontem à tarde, fizemos amor, enquanto ele jurava me amar, jurava que eu, dentre todas em sua vida, era diferente.

Eu continuo estática, parada, querendo não acreditar que é Vladimir aqui, na cama com ela. Tento fazer minhas pernas se moverem, tento controlar meu coração ou as lágrimas que insistem em escorrer dos meus olhos. Fecho-os enquanto minha mente tenta dizer a mim mesma que isso é um engano, que há uma explicação.

“ Você tem sorte, Melissa, Vladimir é o sonho de qualquer garota...”

Lembro-me dessa frase dita por Emília, enquanto seus olhos brilhavam ao olhá-lo em outra ocasião, na semana passada.

Como eu fui burra, como eu não vi?

Ouçoo um movimento, abro os meus olhos e então meu mundo parece afundar de vez, quando é impossível continuar aqui, me enganando. Emília, minha... amiga de infância se move sobre os lençóis, abrindo os olhos e me vendo aqui, parada, sem conseguir

me mover. Meu corpo grita um porquê, e ela apenas dá de ombros, como se isso, aqui, fosse algo comum, corriqueiro. Sequer tenho voz e, fazendo um movimento para que eu faça silêncio e saia do quarto, ela puxa o lençol para si, tapando os seios nus.

Isso só pode ser um pesadelo, não pode ser verdade. Meu coração dói, ao ponto de me causar uma dor aguda, em meio a um rio que toma meu corpo, junto ao grito preso em minha garganta. Eu quero urrar meu desespero e minha dor, quero chorar ao ponto de esquecer o que estou vendo, eu quero...

— Melissa. — A fúlgua e sonolenta de Vladimir me atinge, enquanto ele parece confuso ao me ver aqui.

— Adeus, a vocês dois. — Enfim encontro minha voz.

Deixo o quarto, saindo corredor afora disparada, ouvindo-o me chamar. Aqui dentro parece que meu peito foi rasgado em mil pedaços e eu não consigo fazê-lo parar de sangrar. Faço o que sempre fiz de melhor: fujo.

Capitulo

1



10 Anos depois...

Ah o amor... o dom de sentir confiar e se entregar incondicionalmente.

Melissa

— Já sentiu isso por alguém, Mel? O frio na barriga, as mãos suando, o coração batendo apressado no peito de tanto amor. Já sentiu?

Bebo um gole do vinho, que ao descer pela garganta não cai lá muito bem em meu estômago e penso no que Jessica acaba de me perguntar. Se eu já senti isso? A resposta seria sim, uma vez apenas e me custou um preço alto demais depois disso, me custou... meu coração. Até então, não consegui colar seus caquinhos. Mas hoje não é sobre mim, é sobre Jessica e o que ela quer me contar.

— Não, nunca senti — minto e a vejo sorrir, radiante, fazendo-me lembrar de quando a conheci.

Foi na faculdade, nos identificamos nas primeiras aulas e, desde então, mantemos contato e posso dizer que somos amigas. Digo que posso dizer, pois o passado não me custou só a confiança no amor, custou também minha confiança em pessoas, em amizades. Gosto da Jessica, acho que até mesmo amo, mas confiar 100% em sua amizade, não confio. Emília tirou isso de mim.

E talvez eu tenha culpa nisso, afinal, não devo deixar que pessoas tirem coisas de mim, não é? Não deveria deixar que pessoas me quebrem, eu sei disso, sei sim. Mas entre saber e conseguir vencer seus demônios há uma grande diferença e essa

questão se tornou mais profundo que imaginei que seria tempos atrás, quando tentava esquecer quem tanto me fez chorar

— Eu não entendo, Mel, nunca realmente entendi.

— O que não entende? — pergunto, insistindo em beber mais um gole de vinho da taça à minha frente.

Minha amiga tem cabelos tingidos de loiro e um sorriso perfeito, em um rosto com formato de coração, tão diferente e bonita quanto consegue ser. De estatura média, ela se orgulha de dividir seu tempo entre o magistrado e em ser uma das modelos mais procuradas na categoria Plus size, uma plus size belíssima, de curvas cheias e perfeitas.

— Você! Uma mulher tão bonita, infinitamente simpática e de coração lindo que, pelo que diz, até hoje, não amou ninguém e nem parece inclinada a querer esse sentimento.

Sorrio ao ouvi-la e respiro fundo, não é a primeira vez que ela me faz essa pergunta. Na verdade, para minhas tias, já passei, inclusive, da idade para me casar. Disseram que já posso considerar que fiquei para titia, que até minha irmã mais nova se casará primeiro que eu. Como se eu me importasse realmente com isso e estivesse em uma disputa muda.

— E você está certa, não quero. Relacionamentos ou o casamento perfeito não existem, Jess. — Ao me ouvir, ela chega a abrir a boca, voltando a fechá-la, procurando o que dizer

Não há muito o que dizer, os fatos e a realidade falam por si só. Então não, obrigada, mas amor... não é para mim. Amores com o passar dos dias se tornam fáceis, acabam rápido demais, são facilmente descartáveis e o problema não é o sentimento, não é o amor, esse deveria ser um sentimento sublime. O problema é o ser humano e sua necessidade de provar algo, de ter alguém que alimente seu ego, mas que, no fundo, dão em troca apenas sentimentos vazios. Somos falhos, desde a fábrica, e um sempre machucará aquele que está realmente disposto a amar.

— Não, eu não consigo entender, não consigo, qual o motivo disso?

Os olhos de Jessica estão sobre mim, esperando uma resposta, solto o ar e decido contar a ela, talvez assim pare de me perguntar sempre a mesma coisa.

— Quando eu era criança, vi minha mãe chorando certa vez e eu não entendi, eu perguntei a ela por que chorava, enquanto amamentava minha irmã mais nova. Daí ela limpou as lágrimas e disse ter sido um cisco em seu olho. Eu não entendia nada da vida, acreditava em contos de fadas e acreditei naquilo, no cisco, outra opção era inimaginável, ainda mais se fosse ligada aos meus pais, que para mim tinham um casamento perfeito.

— Ah, que lindo, Mel... sei que casamentos perfeitos não existem, mas acredito...

— Mas conforme eu crescia — volto a dizer, a cortando. — Me dava conta de que com mais frequência minha mãe chorava e com o tempo descobri seus motivos. Eram as traições. — Sinto meus olhos arderem, pois consigo me lembrar de cada sentimento ao vê-la sofrer — Meu pai, o homem que eu idolatrava, a traía constantemente e ela sempre o perdoava. Depois, ele fingia não mais fazer isso por um tempo, eram meses em que ele se transformava no marido perfeito e dava esperanças a ela, mas no ano seguinte... lá estava mais uma amante, mais brigas, mais pedidos de perdão, mais choro, mais flores. Eu nunca quis isso para mim, Jess. Por mim, mamãe teria se separado na primeira traição, mas ela dizia que tinha a nós, pequenas, que tinha a família, que não tinha para onde ir, mas a verdade é que ela o amava, ela sim o amava de verdade, tanto ao ponto de ser humilhada por ele e sua falta de amor pela família era cômodo para ele tê-la à disposição e ele se aproveitava do seu amor. — Sinto meu coração apertado em meu peito ao falar sobre isso. Perdi cedo o respeito por meu pai, ver minha mãe sofrer.. me feria. — Eu não quero amar, apenas isso. É uma escolha, fazemos escolhas todos os dias, o que vestir, comer, como trabalhar, bom, escolhi não amar. — Termina de falar e

Jessica está me olhando de boca aberta, o semblante pasmo. — O que foi? — indago, tentando espantar as lembranças, voltar ao momento.

— Nem todos os homens traem, Mel! — Jess praticamente grita, fazendo que um casal nos olhe atravessado.

— Talvez não, mas eu não vou arriscar. — Vamos omitir aqui que eu já arrisquei e me falei. — Mas então, o que queria me contar?

Observo-a engolir em seco, colocar uma mecha do cabelo atrás da orelha, olhar para mim e em seguida, para seu colo, para suas mãos unidas sobre ele. Estamos em um restaurante, um que ela fez questão de me arrastar hoje para contar uma grande novidade, estou aqui a olhando, esperando a tal novidade que até o momento não chegou.

— É que Isaque me pediu em casamento e eu aceitei — falo, com um sorriso amarelo e um brilho diferente nos olhos.

Santo Deus!

Agora quem está de boca aberta sou eu. Ela queria falar que vai se casar e o que eu fiz? Falei do fracasso que foi o casamento dos meus pais. Que grande boca de caçapa, onde já se viu? Ela queria falar que está noiva e eu, bom, eu falei em traição. Mas ela perguntou, não foi?

Sigo paralisada, a olhando, sem saber o que dizer, vendo-a levantar a mão direita e me mostrar um anel de ouro, com uma pequena pedra no meio. Jess vai se casar.

— Ah, santo Deus, Jess! Como... meus parabéns — me obrigo a dizer, me levantando, chamando a atenção de algumas pessoas no local, indo até ela e a pegando em um abraço apertado que ela recebe meio sem jeito. — Me conte tudo, como e quando foi o pedido? — peço, enquanto volto a me sentar, sentindo uma queimação infernal em meu estômago.

Ah não, a comida não me caiu bem e Rebecca, minha irmã, está certa, eu preciso mesmo ir ao médico ver o que é isso.

— Foi ontem. Ele me mandou flores no trabalho, com um bilhete perfeito. Deixou bombons na porta do apartamento e quando eu entrei... bom, tinham pétalas de rosas pela sala e ele estava lá, em meio a elas, ajoelhado com a caixinha preta na mão, aberta, foi como nos filmes, Mel — termina, sonhadora.

Enquanto ela fala, eu imagino a cena, o nerd que ela namora desde a faculdade, que cursou Pedagogia conosco, lá, de joelhos em meio à sala do apartamento que eles já dividem. Sorrio, um gesto lindo ao qual Jessica merece e merece muito. Seguro sua mão por sobre a mesa.

— Eu estou muito feliz por você, Jess. Mesmo, e desejo toda a felicidade do mundo para vocês dois.

Minha amiga continua me olhando, tentando um sorriso no semblante confuso.

— Mel, acha mesmo que todo homem trai? — pergunta e me arrependo do que disse, da forma que disse.

— Ah, Jess, não liga para as minhas paranoias, não. Abstraia, por favor nem Freud daria conta. Isso é algo que trago comigo por traumas, por ver minha mãe mal, não quer dizer que todo homem será uma cópia do meu pai, pelo amor de Deus.

Gesticulo enquanto falo, fazendo-a sorrir, desta vez de forma aliviada, me deixando, também, aliviada no processo.

— Ufa... e só para avisar você será a madrinha.

Ela enlouqueceu de vez!

— Eu? Sério? Não... sério?

— Claro que sim, Mel, quem mais poderia estar ao meu lado nesse dia tão especial?

Alguém que acredita em amor e casamentos? — penso, mas não falo, é melhor calar a minha boca grande.



Abro a porta do apartamento pequeno que divido com Rebecca e entro já tirando o salto e o jogando de lado. Indo em busca do meu sofá, me jogando nele, massageando meus pés em seguida. Passar o dia de sapatilhas confortáveis, não é fácil passar três horas de salto alto em uma noite qualquer.

Jessica irá se casar, quem diria? Eu jamais poderia imaginar que o que ela queria contar era isso, tampouco teria derramado tanto cocô sobre ela, falando de minhas paranoias, se soubesse o que ela queria me contar.

Amor... amor... e blá-blá-blá. Aprendi cedo que o amor machuca e deixa marcas significativas. Presenciei isso na infância e adolescência em meu próprio lar, vi minha mãe sofrer com cada traição do meu pai e com cada promessa de que iria mudar. Ela claro, sempre o perdoava, pois era isso que esperavam que ela fizesse, sua família a família dele e tinha nós, suas filhas pequenas, e por se preocupar tanto com o que os outros pensavam e com a família minha mãe viveu um casamento de altos e baixos, em que, por vezes, foi mais infeliz que feliz.

E no que acredito?

Acredito que nenhuma mulher nasce feita para o casamento, a construir uma família ninguém precisa que criem expectativas sobre isso para você, na verdade, ninguém deve esperar nada de ninguém, pois cada um vive a vida que quer e como quer.

Errei uma vez ao conhecer Vladimir. Foi quando acreditei que pessoas eram diferentes e baixei a guarda, me apaixonei e a primeira coisa que ele fez, foi me trair

— Hum... — Chego a gemer, me livrando do que tanto me aperta.

Coloco a sacola branca sobre a pequena mesinha amarela ao lado do sofá, e jogo a bolsa sobre ele, olhando ao redor, observando o lugar silencioso e arrumado. O que quer dizer que Rebecca fez sua parte hoje em arrumar a casa.

Nossa sala é pequena, temos o básico, já que não temos muito espaço. Um rack marrom com portas brancas e uma TV sobre ele, alguns porta-retratos em cima, um sofá ao qual estou largada agora com uma mesinha amarela ao lado e um tapete felpudinho, rosa, escolha de Rebecca. Ah, as paredes são bicolores. Eu queria tudo neutro, Rebecca queria tudo colorido. Então, duas paredes são brancas e duas são lilases.

Por falar nela, penso que já possa estar dormindo, a julgar pelo silêncio, mas não demora muito e ouço passos vindo em minha direção. Uma Rebecca em um conjunto de baby doll rosa me aparece na sala, com cabelos desgrenhados.

— Trouxe comida?

Sorrio. Essa garota é uma draga.

— Trouxe. Macarronada ao molho branco. Espero que goste.

Ela abre um sorriso de coringa, praticamente correndo em minha direção.

— Vai servir. Precisamos fazer a compra do mês, Mel, a geladeira está vazia.

— Não, não está. O que você quer dizer é que precisamos comprar porcarias.

— Isso também — falo, destampando a marmita que eu trouxe e não se dando ao trabalho de ir pegar um garfo na cozinha, comendo com o talher de plástico que acompanha a comida. Ao menos, o cheiro está ótimo.

— Jessica vai casar, acredita? — comento, fingindo desinteresse. Desde que deixei o restaurante não tiro isso da cabeça.

Casamento... uma relação para a vida inteira. Ao menos, em tese.

— Eu já sabia — diz, surpreendendo-me. — Vi no story dela ontem, no Instagram.

Olho-a com rapidez e atenção.

— Ela postou? Eu não vi... e eu achando que tinha sido a primeira a saber. — Não se fazem mais amigas como antigamente.

— Se prestasse mais atenção em suas redes sociais, você veria. O pedido ao menos foi bonito, pétalas, champanhe, tudo que se tem direito. O nerd caprichou.

— Uau! É, parece que sim — confirmo e foco o nada em especial, pensando em como Jess falou apaixonada do que planeja para seu casamento. Ela realmente o ama e eu espero muito, muito, que Isaque não a machuque.

— O que foi, Melissa, que cara é essa?

— Falei besteira, no jantar — confesso. — Digo, antes dela me contar que vai se casar. Ela perguntou por que eu nunca quis ninguém e eu disse o motivo, logo depois ela jogou em mim sua felicidade e eu me senti péssima. — Tapo o meu rosto com as mãos e gemo em desalento.

Já Rebecca, estronda em uma gargalhada alta, de boca cheia, tentando se segurar e rio junto com ela. Foi desconcertante, mas agora que já passou, posso ao menos rir da situação.

— É muito a sua cara, Melissa. Acho que se um dia eu aparecesse com um namorado, você seria tipo a Frozen com a irmã.

Dou de ombros. O difícil é ela aparecer com alguém. Rebecca é tão desapegada a romances quanto eu, a diferença é que ela é festeira, adora falar, sair, paquerar, transar, já eu... gosto mais de ficar na minha.

— Eu o congelaria, com toda certeza... isso, caso queira casar um dia! — falo, mastigando o macarrão, vendo Rebecca rir enquanto empurra meu ombro.

— Alguém ainda f isgará seu coração, dona Frozen, e eu irei rir muito da sua cara.

Sorrio e pego sua marmita e enfio uma garfada cheia em minha boca, mesmo sabendo que vai fazer meu estômago doer mais tarde e que talvez eu tenha que tomar outro remédio antes de ir dormir. Já percebi que massa me dá mais dor do que outros alimentos, ainda assim, insisto em comer, afinal, ela está realmente ótima. Culpem o meu signo de touro.

É o famoso: o peixe morre pela boca.

Quanto a me apaixonar, fechei meu coração tempos atrás e ele continuará assim. Minha vida é ótima exatamente como é.

Capitolo 2



Acredite-se que algumas pessoas não estão prontas para amar. Sinceramente, acredito que neste caso, é o amor que não está pronto para estas pessoas.

Vladimir

Pergunto-me por que minha irmã enfiei na cabeça que sair com Fernanda, uma de suas melhores amigas, seria uma boa ideia.

Se bem que o encontro, se é que posso chamar assim, não estava ruim nem foi um desastre. Fomos a uma boate bem localizada no centro da cidade que oferece um ótimo serviço de entretenimento, ficamos um tempo no bar conversando, em seguida fomos jantar. O que foi agradável junto a uma boa conversa e, depois da sobremesa, achamos que era hora de ir embora. Tudo fluí abem, não posso dizer que estava fluindo em torno de um romance, não senti tesão ou desejo por ela, apesar de ela ser linda, mas posso e devo dizer que foi agradável.

Hoje em dia, em um encontro, se espera que ao final dele possa se estender para a casa de alguém, ir além de comida e uma boa conversa, caso ambos queiram. Talvez eu tivesse aceitado o convite de Fernanda em subir e tomar uma taça de vinho, isso, se não tivéssemos passado antes em frente a um certo restaurante na Zona Norte e não tivesse tido a impressão de ter visto alguém, alguém que eu não vejo há anos e que, ainda assim, nunca deixou de permear meus pensamentos.

Arrependimentos são corrosivos e comigo não é diferente. Naquele instante, por mais rápido que tenha sido e por mais que eu soubesse que não poderia ser ela, sua imagem não deixou minha mente. Em principal, da jovem que ela um dia foi e se eu já não

tinha sentido conexão com Fernanda antes, depois de ter Melissa em meus pensamentos, isso se tornou impossível.

Deixei minha acompanhante há pouco em casa, sem maiores delongas em frente ao seu prédio, fingindo não ver sua demora excessiva em sair do carro, talvez esperando uma iniciativa minha, um beijo de boa noite que fosse, um segundo convite para outro encontro, e quando eu nada disse, tive que negar seu convite para que subisse com ela para o seu apartamento. Uma taça de vinho e boa conversa, foi o que me ofereceu e foi o que neguei em seguida.

Ainda fiquei rodando a cidade, ao deixá-la lá, não, é uma mentira. Na verdade, o que fiz foi voltar ao tal restaurante, passando em frente mais devagar, prestando mais atenção. O que eu esperava com isso? Não tenho ideia, mas ainda assim, passei em frente uma e duas vezes e não encontrei nada ou ninguém que realmente me interessasse.

Foi apenas uma impressão e nada mais, como aconteceu outra vez. E nas duas vezes em questão, senti a mesma sensação de impotência, o coração acelerado em meu peito e a esperança ao deixar minhas mãos suando. No fim, ao me dar conta do óbvio, que era apenas um engano, sobra apenas a decepção.

Com isso, ao menos ganhei tempo, ao encontrar Daniela dormindo ao voltar para casa e conseguir fugir de suas perguntas intermináveis de como terminou minha noite com sua amiga, afinal, não há nada de interessante a contar, apenas terminou.

Amo minha irmã, mas sua preocupação excessiva e sua invasão em minha vida pessoal me deixa incomodado algumas vezes. Ela insiste, por exemplo, que preciso seguir em frente, deixar de lado cada arrependimento, a culpa pela ingenuidade, por perder quem amei. Ela não está errada, de forma alguma, eu deveria e eu tentei. Várias vezes, mas sempre, após o primeiro encontro, algo me traz a certeza de que não passará disso, apenas uma noite. Meu único relacionamento, após ficar viúvo, nunca passou sequer de um mês e, sendo sincero, nem mesmo sei explicar o motivo.

Sentado na poltrona com um copo da bebida de cor âmbar nas mãos, me pego revisitando o passado e tendo uma ilusão do que teria sido o futuro ao lado de Melissa. Se o que tivemos teria ido adiante, dado certo ou não, eu nunca vou saber. Só me pergunto por onde ela pode estar. Coursou mesmo Pedagogia? Correu atrás dos seus sonhos? Continua uma bela idealista e feminista?

Eu espero que sim, cada coisinha como essa fazidela única, especial.

Melissa era como uma manhã de verão, que vinha carregada de uma brisa fresca, misturada ao cheiro doce de relva do campo, com folhas molhadas. Estar ao seu lado era como poder sonhar acordado e bastou apenas segundos, para que eu a perdesse. A garota se foi e eu nunca mais a vi.

Após ela ir, o destino mudou e só amor já não era suficiente, não quando Emília estava grávida de um filho meu. Eu era o filho da puta que tinha ido para cama com outra, e pior, com a melhor amiga da minha namorada. Um traidor, é o que eu sou para Melissa.

Foi então que meu inferno particular começou...

Bebo um gole da bebida que me desce amarga, amarga como estou por dentro. Como o simples engano de ter visto alguém, pode ter mexido tanto comigo assim, me jogando no passado sem nenhum paraquedas?



— Não concordo com a abordagem — digo, com mais ênfase do que desejava. — Será um sofrimento inimaginável para o paciente. Ele acha que sofre com dores agora, mas após essa cirurgia, a dor que ele pensa sentir será infinitamente incomparada à que sentirá.

— Mas estará livre de um tumor, um tumor que todos acusam ser inoperável, mas que eu acredito ser capaz de remover.

— Augusto, você entende que o que estamos falando aqui é de, literalmente, abrir o rosto desse garoto ao meio — argumento.

A técnica que Augusto, neurocirurgião do hospital ao qual trabalho, está sugerindo não é ruim, mas nada conservadora, além de arriscada e dolorosa. Como cirurgião plástico e especialista em inervenções e vasos, ele precisa do meu parecer e ajuda na cirurgia, e isso que está sugerindo pode dar certo, mas também, pode dar muito errado, pois se abirmos e não tirarmos o tumor, será meses de dor até se recuperar, mas se não retirarmos, faremos esse garoto pedir para morrer após a cirurgia. Será uma recuperação dolorosa e difícil.

— Antony, o que acha? — Augusto pergunta ao terceiro médico presente, também neurocirurgião.

Estamos na sala de exames e enquanto ambos parecem animados com essa cirurgia, eu pareço aquele que está estragando a brincadeira.

— Acho que desde que Vladimir perdeu sua última paciente, ele está se segurando em casos de alto risco, como este.

Nego, coçando minha testa com certa impaciência ao olhar de um para o outro. Ambos com quase a mesma altura e porte físico. Augusto segue a linha esportiva, com o cabelo meio loiro, grande, na altura dos ombros e a barba grande e bem-cuidada; já Antony faz a linha tradicional sempre com os cabelos claros em corte social bem-alinhados.

— Não, vocês não estão entendendo — tento, mas Augusto sequer me deixa terminar.

— Não, é você que não está entendendo. Esse menino tem um tumor no cérebro, tumor que eu posso acessar e para ter a maior chance de sucesso, eu preciso dos melhores médicos em minha equipe e um deles é você. Não estou perguntando se você concorda ou não com a cirurgia que eu irei fazer, não estou pedindo permissão, estou convidando você a fazer parte da equipe que dará a esse menino uma chance de uma vida longa e sem dor, mas se

você não aguenta a barra, okay, iremos atrás de outro cirurgião. Um que tenha colhões.

O silêncio que se segue na sala onde estamos — Augusto, Antony e eu — é ensurdecedor. Não é incomum discussões como essa entre médicos, em especial os titulares de suas especializações. Não nego que em algo ele tem razão, não precisa da minha permissão ou conf irmação, o paciente e a cirurgia são dele e ele é o chefe do seu setor, assim como sou do meu. Volto a olhar as chapas expostas na sala, a imagem de um tumor que se inf iltrou perfeitamente no seio nasal, prejudicando inervações perigosas e alcançando o lóbulo f rontal.

Solto um suspiro cansado, Antony não está errado, eu tenho estado mais cauteloso em cirurgia, nisso ele tem razão. O motivo? Acredita-se que cirurgias plásticas cuidam apenas da estética, mas não é o caso. Há casos de vida e morte em que nada tem a ver com isso. Perdi uma paciente há um mês, uma mulher que eu já vinha cuidando há algum tempo, devido a ter 40% do corpo queimado, tempos atrás.

E nesse processo, a conheci a f undo, conheci sua f amília sua filha de quatro anos, seu marido, seus medos e alegrias, a acompanhei de perto e me envolvi.

Mas antes que chegássemos a concluir o processo, ela teve uma infecção nas extremidades. Se eu tivesse sido mais cauteloso, teria amputado seu pé, não apenas desbridado e tratado com antibióticos. A inf ecção se espalhou e logo, eu a perdi e senti essa dor com o dobro do peso pela af eição que tomei por ela. Desde então, não tenho encarado cirurgias de alto risco com os mesmos olhos, a morte tem me assustado mais do que antes.

Claro, há outras abordagens a serem tomadas, como, por exemplo, tentar tirar apenas partes do tumor, a parte acessível, mas com isso o garoto iria estar sempre aqui, ref ém de cirurgias. Em uma coisa Augusto tem razão, esse garoto merece uma chance e observando os exames e partindo do ponto de vista de que a f amília quer é que o garoto fique livre de vez do tumor, então... não há outra

abordagem a ser tomada, não uma que irá permitir a retirada completa desse tumor.

— Tudo bem. Vamos ao seu plano cirúrgico, então. Vamos operar, irei abrir a f acepra você e te ajudarei com as inervações — concludo, pegando alguns exames sobre a mesa, pronto para sair.

— Ótimo, era isso o que eu queria.

— Mas, Augusto — chamo e ele me olha, um sorriso presunçoso no rosto barbudo. — Não volte a f alar comigo dessa f orma, posso estar em um mau dia — f alo e deixo a sala, levando comigo os exames do paciente. Preciso estudar o caso, a cirurgia precisa ser realizada na semana que vem e tem que ser perf eita.

Olho o celular e há cinco mensagens de Daniela. Consegui êxito em fugir de sua curiosidade aparente, mas não ia durar por muito tempo. Todas as mensagens são perguntas sobre a noite de ontem, seguidas de muitos pontos de exclamação. Sorrio, voltando a guardar o celular no bolso, a f im de matar minha irmã de curiosidade. Talvez assim, ela pare de se meter em minha vida.

Nem imagino quão irada ela f icaria, caso dissesse que sequer subi ao apartamento de Fernanda por achar ter visto Melissa.

Passei a noite de ontem pensando em procurá-la, mas seria egoí smo, egocentrismo até e presunção achar que, depois de tudo, Melissa iria me ouvir, que ainda sentisse algo por mim. O que tí nhamos era perf eito, f orte até, mas a mágoa... eu a magoei, seus olhos cheios de lágrimas e seu adeus amargo naquela manhã ainda rondam minha mente e f az meu coração doer

Agora não importa mais. Em alguns dias, f arei uma viagem, uma viagem que eu não queria ter aceitado, mas que era preciso, que agora, pode ser um bom escape.

Capitolo 3



Reencontrar os; o doce e o amargo duelando em seu íntimo.

Melissa

Ontem à tarde fui a uma consulta, não deu mais para protelar. A verdade é que toda a demora é por medo, medo que digam o que já acho que tenho; gastrite e que, por isso, tenho que me negar a comer muitas coisas. Coisas que eu gosto muito. Acredito fielmente que um dos prazeres da vida é provar as delícias da culinária, em especial, a brasileira. Mas minhas dores chegaram a um nível insuportável, no qual após comer o macarrão na terça com Rebecca, eu cheguei a vomitar antes de ir para a cama.

Não tive mais como fugir além do mais, a forma como me senti me deixou realmente preocupada com o que poderia ser. A consulta correu bem e após pouco tempo de conversa, o doutor Ivan me pediu exames, muitos deles, eu diria. Por reclamar da queimação, achei que faria uma endoscopia ou algo assim, mas pelo que vi, pediu alguns exames de imagem, o que é estranho.

Já hoje pela manhã, em plena sexta, tive que tirar boa parte do tempo para fazer todos eles e acabei que não fui trabalhar. E por isso estou sendo obrigada a aguentar Rebecca ao voltar para casa, que me recebeu com a notícia de que baixou um aplicativo de encontros e até mesmo fez o meu perfil.

Às vezes, eu não acredito no que deixa Rebecca me convencer a fazer de verdade. Ela se diverte à minha custa e, claro, que eu a chamei de louca, mas, segundo ela, será por pura diversão, já que preciso transar.

“ Não é romance, boboca, é só conhecer, marcar e dar você sabe o quê.”

Essas foram suas palavras.

Não dei muita atenção e deixei que ela se divertisse por um tempo, já que não estou mesmo levando isso a sério, longe disso, e não é só Rebecca que está se divertindo. Aparecem uns caras boas-pintas até, mas com uma descrição que brocha qualquer uma. Estou há um bom tempo dando risadas nesta de curtir ou não e, confesso, já deu o tal match com alguns. Recebi duas mensagens, inclusive que eu ainda não respondi.

— Deveria responder o carequinha... ele é gostoso, forte, boa-pinta, tem cara de que fode bem.

— Santo Deus, Rebecca.

— Ah, lá vem a puritana... já disse, não falei pra baixar o aplicativo pra achar um namorado ou o amor da sua vida, não, Mel. É só sair, um lugar legal, transar e adeus, próximo.

— Eu não sou assim, Rebecca. Se controle, isso aqui pra mim é, uma brincadeira. É divertido avaliar alguns carinhas. — Dou de ombros, mas ela é incansável.

— Sabe que eles te avaliam também, né? — Ela ri e eu faço careta para sua afirmação. — Mas, oh, está fazendo sucesso, recebendo muitas curtidas. Deveria marcar um encontro.

— Deus me livre... sabe o tanto de mulheres que desaparecem nisso?

— Meu Deus, às vezes você parece a vovó.

— Cuidado, isso se chama prevenção — advirto, enquanto arrasto o dedo na tela do celular, vendo uma cara forte e grande, de olhos negros e cabelos encaracolados na tela, tendo como fundo uma cachoeira. — Oh, esse aqui é boa-pinta.

— Ih, GP — falei e chego a apertar meus olhos para encarar a tela, tentando achar o que diz, fazendo-a revirar os olhos. — Abreviação de garoto de programa, Mel. GP.

— Ah... — solto o olho a descrição em seu perfil. Sim, o cara é garoto de programa. — Gente, que horror.

— Nada a ver. Essa é uma boa forma de alcançar clientes. Olha aí, já que você não conhece ninguém no seu círculo de amizades, já que não quer ter um encontro no Tinder, então... um GP, o que acha?

— Não ferra, Rebecca.

— Ué, servirá para tirar as teias de aranha e pronto.

Finjo não ouvir, guardando o celular e me levantando.

— Sabe o que eu vou fazer agora?

— O quê?

— Café. Irei tomar um bom café, que eu ganho mais do que ficar aqui e escutar as asneiras que saem da sua boca. Eu, hein?!

GP... só me faltava essa, pagar por sexo!



— Minha mãe tá demorando, tia. — Ana Júlia suspira, soltando um muxoxo baixinho, inconformada de ser a última criança na escola.

— Ela já está vindo, amorzinho. A secretária ligou há pouco para ela e foi isso o que ela me disse.

— Ela nunca se atrasa.

— É, eu espero que não. — Ana Júlia é minha nova aluna e eu espero, realmente, que a mãe dela não tenha mesmo o costume de se atrasar, ou me dará problemas. — Mas agora ela tá trabalhando, acho que é por isso, né? — A menina de olhos tristes e carinhosos procura meu rosto, como se quisesse consolo.

— Oh sim, talvez sim.

Passo o braço pelos ombros da pequena menininha de seis anos, que olha desapaixonada para o portão da escola, à espera de que venham buscá-la. Todos os alunos e professores já se foram, só restou a nós duas e o vigia. Bato meu pé, um tanto impaciente, pois

preciso ir embora, não querendo que a pequena veja meu estado lamentável de irritação com sua mãe.

Claro que já estou acostumada a isso, a esperar um pai ou outro que se atrasa, imprevistos acontecem, mas quarenta minutos? É demais.

Se demorar mais, vou acabar com as tripas enroladas uma na outra, meu estômago já começa a roncar audivelmente. Suspiro, assim como Ana.

A menina está passando pelo período de adaptação na escola nova e sabemos o quanto isso é chato. Por ora, ela se mostrou ser um doce de criança, esperta e carinhosa. Com minha experiência, isso pode se transformar rapidamente e rogo a Deus que ela não seja mais um motivo para o meu estresse e minhas dores e queimação constantes, advinda de uma gastrite, assim espero descobrir em breve.

Amo a vida acadêmica, só que os pequenos estão acelerando o nascimento dos meus cabelos brancos, fazendo com que eu pense realmente em tentar uma turma fundamental. Eu me formei em Pedagogia, fiz pós em educação inclusiva, mestrado e estou indo agora rumo a outra pós que me permitirá alçar novos voos. Não entendam mal, apesar de amar meus baixinhos, turmas do fundamental talvez sejam menos estressantes? Ou... desafiadoras.

Deveria ter ouvido meu pai quando ele dizia para seguir outra profissão, menos desgastante e que desse mais dinheiro. Mas como uma boa idealista, jovem demais, acabei idealizando algo que, no fim, é bem diferente. Ganhei cabelos brancos mais cedo do que imaginei que teria. Mas não serei injusta, jamais daria razão ao meu pai, me apaixonei pela profissão e, sinceramente, não iria querer algo diferente. Gosto de pensar que faço a diferença em algo.

Antes, trabalhava em dois horários, mas há seis meses entreguei a turma da tarde, não estava mais aguentando, vivia trocando lé com cré, pouca paciência e zero vida social, além de dores extenuantes de cabeça. Agora, tenho apenas a turma matutina e minha gastrite tem agradecido. Quer dizer... acho que é

gastrite, ao menos, é o que o Google diz, a outra opção seria algo com meu fígado e, neste caso, prefiro imaginar a gastrite

Deveria me envergonhar disso, é verdade, se autodiagnosticar pode ser perigoso.

A menininha volta a suspirar, sentada ao meu lado, e tenho vontade de fazer o mesmo. Ainda não conheço sua mãe, ela começou na sexta, que acabei não vindo trabalhar por conta dos exames. Agora que terei oportunidade de conhecê-la, irei lembrá-la com muita educação dos horários da filha e também dos meus, algo assim não pode se repetir. Nossa atenção muda quando um sedan preto para do outro lado da rua e a menina se agita ao meu lado.

— Olha, a mamãe! — exclama, saindo do meu abraço.

— Espere, Ana. — Tento acompanhar a pestinha, para que não corra em direção à rua sozinha. Alcanço-a no portão e seguro seu bracinho ao abri-lo e noto que não é uma mulher que sai do carro, não calçando sapatos masculinos tão lustrosos e grandes. Foco no homem à frente, tentando um sorriso gentil no rosto, apesar de estar bem insatisfeita com seu atraso e...

Perco parcialmente a função de respirar quando reconheço o homem que vem em nossa direção. Claramente mais velho, também mais forte e os olhos... esses continuam os mesmos. Meu coração salta em meu peito e meu esforço para não ceder é surreal. Constato o exato momento que ele também me reconhece, as pupilas dilatadas, os olhos azuis se ampliando. O tempo parece parar por instantes.

Não, não pode ser.

— Papai!

Papai? Acordo do meu transe quando a menina diz essa palavra, saindo do meu alcance e pulando sobre ele, que a pega nos braços, voltando a atenção para a menina, seu semblante ainda surpreso.

O destino brincaria assim comigo? Ana Júlia Rangel... esse é o sobrenome dela e eu sequer cogitei tal coisa.

— Oi, princesinha, como foi seu dia?

— Foi bom, conheci minha professora e ela é muito legal. Mas a mamãe me esqueceu... — fala em muxoxo e eu não consigo reagir, presa no momento, perdida em pensamentos, sem conseguir dizer uma palavra sequer, não quando seus olhos estão presos em mim.

Meu Deus, quanto tempo foi?

— Não, ela não te esqueceu, ela teve um imprevisto — defende, olhando a menina e tocando o vinco em meio às pequenas sobancelhas negras, tanto quanto seus cabelos, presos em duas tranças.

Sua fraqueza imagem de Emília vir à minha mente, não é de se estranhar que tenha esquecido a filha, sinal de que não mudou muito com o passar do tempo. Como uma criaturinha tão doce pode ser filha desses dois?

— Essa é minha professora, pai, a tia Melissa.

Vladmir volta a me olhar, assim como faço com ele e o tempo parece parar. Já foi tanto tempo e meu coração ainda quer pular em suas mãos ao vê-lo, isso chega a ser um delírio ou culpa dos seus olhos, de um azul-verde perfeito junto ao charme que o torna irresistível nesse maldito terno cinza. Eu deveria mandá-lo ir catar coquinho, deveria fazer o que não fiz anos atrás, esbofetear essa sua cara de macho alfa, mau-caráter e gostoso.

— Você está ótima, Melissa.

Mas que meleca, o que ele esperava? Que eu estivesse desfalando por ter sido traída daquela forma? Filho de uma... uma... olho de Ana Júlia para Vladmir, notando cada semelhança, sem coragem de falar a ele tudo o que está entalado em minha garganta.

— Você também — falo, quase em sussurro.

Não era para ser assim, eu não deveria ficar como uma estátua ao vê-lo, não deveria me sentir mal após tanto tempo. Não

deveria sentir ciúme, ciúme por vê-lo tão bem. Achei que o destino se encarregaria de dar-lhe o troco, já que eu não pude.

— Morando aqui agora? — pergunta, pegando a mochila das costas de Ana e segurando a mãozinha pequena na sua.

— Sim. Bom, eu...

— Ah, me desculpe pelo atraso, estava preso em uma cirurgia — ele interpõe e eu não ouço, ainda que meu coração salte no peito por ter a certeza de que ele chegou aonde queria.

— Tudo bem, Ana Júlia já está entregue. Peço que se adequem melhor ao horário de buscá-la na escola, que esse atraso não volte a se repetir — falo de uma vez, querendo dar o meu melhor, colocar meus pensamentos e sentimentos no lugar, manter distância. — Adeus, Vladimir. Ana, até amanhã.

— Tchau, tia.

Viro-me, a fim de colocar a maior distância que conseguir entre nós, mas sua voz, inconfundível, me faz parar. Parece que o seu maldito magnetismo não tem fim.

— Mora longe? Não quer carona?

Qual direito ele acha que tem? Sinto uma raiva sem igual tomar conta de mim e se não fosse a menina...

— Não, obrigada, moro aqui próximo.

— Onde?

Olho sobre meu ombro, notando que Ana olha de um para o outro com curiosidade genuína. Pergunto-me se ela contará à mãe que seu pai queria dar carona para sua professora e tenho vontade de rir com o pensamento.

— Perto, como eu disse. Até qualquer dia.

Agora realmente dou as costas aos dois, saindo pela calçada lateral da escola, meu coração a galope no peito. Como pode ser possível que meu corpo ainda reaja a ele?

Que grande cocô!

Deveria ter pensado melhor nas opções quando me mudei, há dois anos, para a capital, talvez ir para outra cidade teria sido mais prudente para meu coração. Mas qual a probabilidade de reencontrá-lo em uma cidade deste tamanho?

Ainda assim, eu não deveria fazer minhas escolhas movida por um amor de juventude, fugindo de forma ridícula. Não era justo comigo, não era justo com minha mãe que merecia e merece o melhor tratamento.

E pensar que o infeliz ficou ainda mais bonito com o passar do tempo, se é que seja possível. Ainda sinto minhas costas queimarem com o seu olhar, apressando o passo até virar a esquina, podendo voltar a respirar.

Imagino como Emília anda se saindo como mãe de família e não deixo de pensar, que se as coisas tivessem sido diferentes, aquela menina poderia ser minha. Balanço a cabeça, me recriminando por tal pensamento. Uma loucura sem tamanho algum. Nada seria diferente, ainda que eu não o tivesse pegado com ela naquela manhã, quanto tempo demoraria para descobrir quem ele realmente era?

Ele e Emília se merecem.

Aquele homem me machucou como nenhum outro, me deixou marcas que nunca consegui esquecer e, ainda assim, sou a idiota que não controla os batimentos do coração ao seu lado. Dez anos e ele continua o mesmo. Dez anos e eu não consegui esquecê-lo.

Achei que sim, achei que poderia lhe dar indiferença um dia o visse, sem sentir absolutamente nada, mas as lembranças são traiçoeiras e foi só o ver que tudo mudou. Na verdade, para ser sincera, achei que nunca mais o veria. Aquele traidor, mentiroso filho da mãe.

Sei que eles se casaram, ele e aquela... aquela... aquela... traidora, que se dizia minha amiga, Emília fez questão de que eu ficasse sabendo quando, nem quatro meses depois de deixar aquele maldito quarto, um convite de casamento chegou até mim.

Ela sabia como pisar em cachorro morto e funcionou, eu me senti um lixo. Ela conseguiu, no fim das contas.

Desde então, busco não ter notícias de nenhum dos dois, até revistas evito ver, com medo de encontrar uma nota sobre ele e seu ótimo trabalho como cirurgião ou dela, uma socialite na crista da onda. Caramba.

Levo a mão ao abdômen, ao senti-lo doer. O infeliz me dá até queimação no estômago. Sigo em frente, sentindo minha pele arrepiar com a vontade de olhar para trás. Às vezes acredito quando dizem que só amamos uma vez... gastei minha chance com quem não valia a pena e estou pagando pelo meu erro.

Capitolo 4



Não se deve chorar pelo leite derramado, ao invés disso, faça da gota restar e não pota, a melhor gota de leite e da sua vida

Vladimir

“ Entre naquele aeroporto como se minha vida dependesse daquilo, dela e dependia, de certa forma, meu coração era dependente dela, só dela. Foram dois dias em que ela não aceitou falar comigo, me ouvir e eu quis gritar e de nada adiantou. Queria pedir desculpas, sem nem saber bem sobre o quê.

Eu precisava só tocá-la, conversar, apelar aos deuses que ela me ouvisse. Eu precisava pedir perdão, pois precisava dela, só dela. Cheguei atrasado ao aeroporto, o avião estava decolando e levando consigo as chances que eu tinha de um perdão.

Qual o preço da mentira? O meu foi altíssimo.”

— Vlad. — A voz suave de Daniela soa às minhas costas e me tira dos meus pensamentos, a olho por sobre o ombro, a luz fraca da sala escondendo-a.

Estou no mesmo lugar desde que cheguei do hospital, um tanto inquieto hoje, após o encontro com Melissa mais cedo. Continuo com os braços encostados no parapeito da sacada e espero-a se aproximar, Daniela sempre se aproxima. Ela parece sentir quando algo não está bem comigo, temos uma ligação que poucos tem, assim imagino.

Sinto sua mão em meu ombro, um carinho, e encosto minha bochecha em sua mão, sentindo seu perfume. Ouço-a sorrir com o contato da minha barba por fazerem sua pele, é como se pudesse ouvir...

— Precisa tirar essa barba. — diz, entre risos, completando meus pensamentos.

— Preciso sim e você, precisa largar um pouco do meu pé.

— Hum, isso é apenas preocupação de irmã, algo que imagino ser bem comum entre irmãos — fala, com fingida naturalidade e sorrio ao beijar sua testa.

— Acredito eu, que algumas irmãs são menos intrometidas.

— Talvez seja porque alguns irmãos são mais responsáveis com sua vida emocional. Por exemplo, vim aqui agora, pois tenho a impressão de que está calado demais desde que chegou, o que é estranho, já que você fala pelos cotovelos.

— Eu não falo pelos cotovelos — me defendendo de sua calúnia.

— Ah, não? E a quem Ana Júlia puxou?

Sorrio com a menção da pequena tagarela, ela sim, fala pelos cotovelos.

— A você, quem mais poderia ser? — Faço-a rir, mas seu olhar aguçado está sobre mim. Ontem, não tive mais como fugir e precisei passar um relatório inteiro de como foi meu encontro com sua amiga, o que a deixou bem insatisfeita. — Por falar na pestinha, ela já nos perdoou por demorar a buscá-la?

— Em partes, pois, segundo ela, a professora foi um amor enquanto nos esperava e também porque prometi que você irá contar uma historinha para ela antes de dormir, então, é com você.

Nego, Daniela sempre foge de contar histórias. Sem ser nada criativa para tal façanha, se apoia em mim sempre que consegue. Tudo por ter certo desprezo por algumas histórias infantis acha que meninas merecem mais que apenas acreditar no príncipe encantado.

Até mesmo isso me faz lembrar Melissa, me arremete que ela e Dani têm isso em comum, acham sexistas os contos de fadas e eu, claramente concordo. Então, quando nosso estoque de livros

diferentes acaba, fico responsável por inventar uma boa e encorajadora história para a minha garota favorita.

— Bom, uma troca justa... — confirmo e volto a olhar o horizonte e, por segundos, o silêncio chega a ser ensurdecedor.

— E então, vai me dizer o que aconteceu que te deixou assim?

Penso em negar, fingir preocupação com algum paciente, mas é Daniela à minha frente, ela saberia se eu estivesse mentindo assim que as palavras deixassem minha boca e odeio mentiras, odeio mentir e quero saber por que logo ela, mentiu sobre a professora de Ana para mim.

— Lembra-se da Melissa? — decido então falar e a vejo apertar os olhos, as sobrancelhas juntas, um tanto insatisfeita. Claro que ela se lembra.

— Como poderia esquecer. Antes do seu apocalipse particular começar, você falou dela o verão inteiro e depois, bem, chorou por ela por todo o resto e então... se casou com ninguém mais ninguém menos que Emília, apenas quatro meses depois — falo com certo escárnio. — Mas me diga, o que tem ela?

— Eu a vi, hoje. Coincidentemente, ela é a professora Ana. — Olho-a, passei o dia me perguntando por que ela me escondeu isso.

Daniela chega a se virar em minha direção, tocando meu ombro, me impelindo a fazer o mesmo, em seu rosto há surpresa estampada com o que acabei de dizer.

— Porque não é ela. Eu vi a professora e não era ela. Eu reconheceria aquela mulher em qualquer lugar, mesmo que se passassem cem anos. De onde tirou isso? — cospe as palavras, em uma mistura de irritação e impaciência.

— Eu já disse, eu a vi. Era ela com Ana Júlia hoje, quando fui buscá-la mais cedo, a seu pedido. Era Melissa e eu senti como se meu coração fosse sair por minha boca ao vê-la. Quem você viu quando Ana começou a estudar deve ter sido a tal professora substituta, que estava no lugar de Melissa, por algum motivo.

Daniela parece tão perplexa quanto eu estava mais cedo.

— Meu Deus... que coincidência. E como foi?

Volto a olhar para qualquer lugar que não seja o rosto cheio de expectativas de minha irmã, lembrando-me do exato momento em que vi Melissa, ali, ao lado de Aninha. Minha Aninha. Confesso que ainda não consegui organizar os pensamentos para ser capaz de narrar exatamente o que senti.

A verdade é que sempre temi esse reencontro. O medo de ainda ver mágoa em seus olhos, ou descobrir que ela encontrou outro amor, que se casou, tem uma família e ama outro alguém. Ou, que mesmo sozinha, ela nunca me perdoe, que eu jamais tenha a segunda chance a qual eu já tinha desistido de procurar.

— Foi estranho, surpreendente e estranho... ela continua a mesma, o tempo parece ter congelado para ela. O olhar ainda parece o mesmo, só que mais maduro, mais triste, até. Aquele brilho, ao qual me chamou atenção desde que a vi pela primeira vez, pelo qual me apaixonei, parece estar se apagando.

— E ela? O que ela disse, o que você disse a ela?

— Nada... quer dizer, consegui perguntar se ela está morando na cidade, o que é óbvio, dado que dá aulas à Ana, mas foi só isso. Ela, em contrapartida, parecia assustada, surpresa, encurralada, não quis conversar, não disse muito e simplesmente foi embora. Apenas pediu para que nos atentássemos ao horário de pegar Ana Júlia nos próximos dias.

Ao acabar de falar, Daniela parece ter perdido a língua, confuso, parecendo buscar palavras.

— Errada não está. Mas não vai acontecer novamente, agora que comecei a trabalhar, irei organizar direitinho os meus horários. Mas voltando ao que importa, você tentou falar com ela sobre o passado?

— Falar o quê? — pergunto, desanimado.

— Não é óbvio?

— Pelo amor de Deus, Daniela. Isso foi há anos, não vai fazer diferença agora.

— Faz diferença pra você, pelo visto, que está aí caladão, se lembrando da namoradinha do passado. Deveria parar de querer deixar as coisas como são e lutar pelo que quer. Deveria reacender a chama que Emília apagou em você.

Se Daniela pudesse, estaria sentada no sofá, me colocando em seu colo, dando-me uns bons tapas. É a impressão que tenho ao olhar seu rosto fechado e não posso dizer que ela está errada. Daniela é pequena, é verdade, magricela também, mas tão brava quanto nossa mãe era. Mesmo tão intrometida, não sei o que faria sem ela. Diferente de mim em fisionomia, ela tem os cabelos castanho-claros encaracolados e olhos castanhos, emoldurados por um rosto angelical e ingênuo.

— Às vezes, eu fico tentando imaginar como teria sido, Dani, isso, se as coisas tivessem acontecido de forma diferente.

— Teria sido mais feliz, com toda a certeza. Emília infernizou sua vida enquanto viveu, isso sim.

Minha irmã não é muito fã de Emília, isso é um fato. Nunca se deram bem e após os acontecimentos que levaram ao meu casamento, Daniela passou a odiar a mulher com quem me casei. Em contrapartida, Emília não fazia questão de mudar sua opinião.

— E agora?

— Eu não sei. O olhar que Melissa me deu hoje, foi o mesmo de antes. Nada mudou, o tempo não atenuou o que ela sentia pelo jeito, a mágoa está lá.

— Ela não demonstrou curiosidade? Será que ela não leu a carta? Nada mudou? Jura?

— Aparentemente, ela deve ter queimado a carta, ou sequer a recebeu. Foi só uma coincidência, é melhor deixar essa história onde deveria estar, no passado. — Em resposta ao que digo, recebo um bom tapa em meu braço, que faz um eco seco pela sacada,

fazendo com que a olhe com espanto. — O que pensa que está fazendo?

— Não é possível que não veja o óbvio. Olhe pra você, Vladimir, está todo mexido. Emília morreu há seis anos e em todo esse tempo você nunca, nunca amou ninguém, nunca quis ninguém. E sabe por quê? Porque mesmo após dez anos, você não esqueceu Melissa — enfática, ela torna a dizer e, por segundos, lembro os últimos anos.

Volto a olhar o parque lá fora, não posso dizer que é mentira. Ver Melissa mexeu comigo, ver seu olhar, ainda magoados... inferno!

— Não importa. Viajo em alguns dias, não vou fazer nada com relação a isso, não agora. Já faz tempo demais, somos outras pessoas, ainda magoados e feridos, é melhor deixar como está e não ouse me bater novamente.

— Vlad.

— Chega, Dani, vamos chamar Ana Júlia e jantar. Esqueça isso, tudo bem?

— Ah, claro, tudo bem. Eu posso esquecer, com certeza, não é o meu coração que foi e continua partido.

Nego, vendo-a sair, pisando alto, fazendo com que o vestido longo de pano fino voe, enquanto vai chamar Ana para o jantar. Minha doce Ana, a menininha a qual causou um alvoroço ao nascer e que agora é a alegria da minha vida, da minha casa.

Tenho sorte em tê-la, pois apesar de ser chamado por ela de pai, não sou, não de verdade. Ana Júlia é minha sobrinha, filha de Daniela, que no passado fez péssimas escolhas.

Ela ainda morava com nosso pai ao engravidar de Ana, e o velho não pensou duas vezes antes de colocá-la para fora de casa, sem remorso algum. Foi em minha porta que ela bateu em busca de ajuda, já que seu namorado, na época, disse que a criança não era sua filha. Miserável, filho da puta.

Em um primeiro momento, quis matá-lo, mas Daniela precisava mais de mim, precisava de apoio, não de raiva ou

violência, e eu jamais a deixaria sozinha, jamais abandonaria minha irmã, assim como ela nunca me abandonou. Recém-viúvo, me vi estando junto dela na maternidade, me tornando a figura mais próxima de um pai que Ana poderia ter.

Dois irmãos miseráveis no amor, que sina, não? A tristeza de Daniela se transformou em alegria quando Ana nasceu e trouxe para nossas vidas ensinamentos, muito amor e ternura. Foi como se, de alguma forma, ter aquela menininha em meus braços tapasse o buraco vazio em meu peito, me ajudasse a esquecer. Nos empenhamos por ela e conseguimos dar a ela um lar de verdade, com amor.

Em contrapartida, eu nunca quis ser chamado de pai, nunca pensei ocupar esse lugar na vida dela, foi Ana quem escolheu. E quando a palavra saiu de sua boca, mal balbuciada e imperfeita, eu não pude dizer não, nem a corrigir.

Com o passar dos dias, fomos explicando a ela que eu era irmão de sua mãe, seu tio e não seu pai. Ainda assim, ela continuou a me chamar de pai, achamos que uma vez maior, ao entender, ela pararia, mas não. Fato é que por aquela garotinha eu faço qualquer coisa e é um privilégio ser chamado por ela de papai e ter todo o seu amor.

É, a vida não foi lá muito romântica comigo, mas em troca me deu alguém para amar incondicionalmente.



Um trabalho perfeito. Constato ao olhar a cicatriz no rosto da minha paciente a qual removemos um tumor, consideravelmente grande, com certo louvor, dias atrás. Foram semanas difíceis de recuperação, mas hoje ela pode dizer que venceu o câncer e a cicatriz, bom, eu sou ótimo no que faço.

— A senhora está ótima. Uma recuperação excelente — dou o meu diagnóstico e a vejo sorrir, agradecida.

— Obrigada, doutor. Só mais alguns exames e, se Deus quiser, me dirão que eu venci essa doença maldita.

— Sim, a senhora irá. Terminamos por aqui — declaro e observo a senhora de cabelos raspados se levantar, ajeitando a bolsa e me estender a mão.

— Até sua volta, doutor, e boa viagem.

— Obrigado, tenha uma excelente semana.

Abro a porta e, ao vê-la sair, volto a me sentar, olhando a parede branca à frente. Adiantei todas as consultas da semana que vem para esta semana, achei por bem adiantar tudo do que atrasar a agenda uma semana, além de, claro, encaixar a cirurgia na qual venho debatendo com Augusto nos últimos dias. Talvez a bendita viagem, um congresso médico, me façam. Este ano, tiveram a brilhante ideia de fazer tal congresso em um cruzeiro. Nada contra cruzeiros, é só que...

Droga, é só que eu queria dar um jeito de encontrar Melissa novamente, ganhar coragem de falar para ela tudo que está engasgado aqui, há anos. Eu disse à Daniela que não mais importava, mas importa, sempre importou. Os dias se passam, anos se passam e eu disse a mim mesmo que aquela paixão adolescente ficou para trás, mas não ficou.

Se tivesse ficado, teria sido mais fácil quando a vi, não teria doído o seu olhar em minha direção e eu não teria me decepcionado tanto mais cedo, quando, após três dias deliberando sobre procurá-la, eu insistir com Daniela que hoje eu iria buscar Ana Júlia na escola e dei de cara com outra professora no lugar de Melissa.

Eu não a esqueci, nada passou e, depois dela, nunca mais amei ninguém, mesmo que em dado momento tenha me esforçado para amar Emília, eu não consegui, meu coração estava ocupado demais amando Melissa.

Minha doce Mel...

Uma batida na porta me traz de volta e, logo a cabeça cabeluda de Tiberius está entre a fresta que ele entreabre.

— Já terminou por hoje?

— Sim, por quê?

— Preciso de companhia para um café. Caso eu não fosse casado, chamaria uma companhia feminina, mas... como pode ver, sou um homem comprometido e respeitável agora, e então, vamos?

Sorrio, esse cara não tem jeito.

— Não seja patético, não fazia convites a companhias femininas nem quando era solteiro e sabe o porquê?

— Bom, ela sempre teve meu coração, o que eu poderia fazer se sou loucamente apaixonado por minha esposa? Capitu ganhou meu coração quando sequer imaginava.

— Um poeta...

— E então, vai ou não?

Tiberius é um colega de trabalho, um ótimo psiquiatra, mais que isso, um amigo e uma das melhores pessoas a qual conheço.

— Depois de tamanha declaração, é claro que vou, não tenho mais ninguém hoje, de qualquer maneira. Vamos lá, um café e, quem sabe, uma consulta?

— Sério, precisando conversar com alguém?

— É, precisando há anos, meu amigo.

— Então vamos lá, talvez eu lhe empreste meus conselhos. Meus amigos têm a mania de achar que sou uma espécie de padre em confessorário e eu gosto de fingir que sou.

— Mais essa, agora tenho um idiota como amigo. — Sorrio e olho o relógio em meu pulso, é mesmo hora de ir.

Capitolo 5



Negação, a arte dada ao ser humano como desculpa para lidar com aquilo que não se pode mudar. Negar, fugir é sempre mais fácil.

Melissa

— O senhor tem certeza? — volto a perguntar, ainda um tanto aérea, pois, segundos atrás, meus pensamentos estavam nele, até ouvir do médico à minha frente que o que eu achava ser estresse ou só uma gastrite, é algo muito maior.

— Sei que algo assim é assustador, Melissa, mas sim, tenho certeza.

— E é terminal?

— Sim...

— Quanto tempo? — Ele não responde de imediato, se levantando e vindo até mim, sentando-se ao meu lado e segurando minha mão.

— Sei o quanto ouvir isso é difícil, em especial depois do diagnóstico de sua avó, Melissa. Mas quero que saiba que estou aqui com você, para te ajudar no que precisar. — Sua condescendência apenas me assusta ainda mais.

— Quanto tempo, doutor? — volto a perguntar, querendo uma resposta concreta, apertando sua mão em pura apreensão.

— Pela minha experiência, eu diria que tem de três a quatro meses de vida, até metástases tomarem conta do seu corpo. Melissa, o câncer vai...

— Me matar! — completo e vejo o médico fixar seu olhar penoso ao meu.

— Isso — confirma.

Recosto na cadeira, soltando sua mão, e olho ao redor de sua sala, tentando não chorar. Enfim trouxe meus exames para o médico e agora... Tenho trinta anos, uma vida bem estruturada, um trabalho que amo, uma irmã que adoro e... tenho câncer. Um tumor do tamanho de uma laranja tomando conta do meu fígado e é inoperável.

— Claro, ainda temos exames a fazer como a biópsia, apenas para termos certeza.

— Como assim, certeza?

— As imagens são claras, o tumor é de difícil acesso, já está se espalhando de forma agressiva e na minha experiência é maligno e não há muito a ser feito. Ainda assim, temos tratamentos opcionais, paliativos, que podem te ajudar e, para isso, precisamos te encaminhar para um oncologista, além de fazer uma biópsia. Isso pode...

— Me salvar? — pergunto, esperançosa.

— Não, mas pode melhorar esses últimos meses, a dor.

Sorrio, negando ao mesmo tempo o que diz, ele está se ouvindo? Ele continua falando e falando e falando e a única coisa que ouço repetidas vezes em minha mente é a palavra tumor. Câncer terminal em estágio avançado. Mas, como isso foi acontecer, como eu deixei isso acontecer?

Fala em fazer mais exames, uma biópsia que, pelo que está dizendo, é um procedimento invasivo que exigiria repouso na recuperação. Eu poderia fazer tudo isso, mas eu quero?

Eu poderia entrar em modo de negação, procurar outro médico, fazer todos esses exames aos quais ele fala, mas aqui à minha frente, falando e falando e falando, é o doutor Ivan. O médico que durante anos cuidou da minha família, quem cuidou da minha mãe e ajudou a diagnosticá-la, o homem que cuidou da minha avó

com afã e cuidado, ao qual conheço e confio há anos e ele disse terminal.

— Melissa... Melissa, está me ouvindo? — pergunta, tocando meu ombro de forma complacente, paternal.

Balanço a cabeça e o olho, a visão embaçada, meus olhos cheios de lágrimas não derramadas.

— Na verdade, não, eu sequer estou aqui. Minha cabeça parou de funcionar doutor, eu... só consigo ouvir a palavra tumor repetidas e repetidas vezes. Eu... preciso de ar. Eu... — Levanto-me, ao tempo que me sinto fraca, tonta, as pernas bambas, é como se tivesse levado uma descarga de adrenalina e agora, aos poucos, sinto-a deixar meu corpo.

O homem se levanta também, um tanto preocupado.

— Espera, sente-se, pego uma água e podemos conversar melhor.

Levanto minhas mãos, como uma proteção frente ao meu corpo, o impedindo de se aproximar.

— Eu volto — falo, tentando acalmar meu coração, tentando não desabar ao sentir que por mais que eu tenha tentado fazer o certo, o destino mais uma vez me derrubou.

Saio praticamente correndo do lugar, buscando ar, forçou-se lá o que, as lágrimas que eu tentava segurar já não consigo conter e elas rompem, molhando o meu rosto. Isso tem que ser mentira, tem de ser. Um câncer? Eu sou jovem, mas não sou burra para me agarrar a isso. Quantas mulheres jovens são vítimas dessa maldita doença? Deixam famílias, filhos, sendo elas jovens ou não. A doença não escolhe a quem.

Talvez por estar com a cabeça baixa, tentando não chamar atenção para lágrimas que eu não consigo conter, sinto, tarde demais, quando meu corpo vai de encontro a alguém, que me segura com força pelos antebraços para impedir que eu desfaleça ao chão.

Ainda de olhos fechados, pelo impacto, posso jurar que sinto seu cheiro. Abro-os, lentamente, sentindo-os arder, como se tivessem areia e um mar caribenho me encara de volta, no rosto do único homem que eu não queria... ou melhor, que não quero nunca mais encontrar: Vladmir

— Mel? O quê... — Seu olhar vasculha meu rosto, sua expressão se fechando ao notar minhas lágrimas. Seu toque chega a me queimar e ao me debater, consigo o controle do meu corpo de volta, me afastando de seu toque, limpando meu rosto com pressa.

— O que faz aqui? Por acaso está me seguindo? — pergunto com desprezo, tentando não chorar.

— Eu trabalho aqui, Melissa. Mas e você? O que faz aqui e neste estado?

— Não te interessa — respondo e só então noto que o homem à minha frente não está sozinho e sim na companhia de um cara alto, vestido de branco, cabelos compridos amarrados e uma barba espessa, com aparência de um viking moderno que me olha com curiosidade. — Eu preciso ir.

— Nesse estado? — Ele tenta se aproximar mais uma vez, mas eu me afasto. — Me conte o que aconteceu, eu te levo para casa.

— Não, obrigada. Eu estou bem. — Não dá para dizer ao homem a quem demorei tanto tempo tentando superar que, além de não ter conseguido dar a volta por cima, ainda irei morrer. — Vim visitar uma amiga, acabei me emocionando, foi isso. No geral, bebês me emocionam e continuo uma manteiga derretida.

Nunca fui boa em mentir, sejamos sinceros, mas talvez o medo latente em estar aqui frente a frente com ele, fez com que a frase tenha saído tão segura. Vejo-o rir, minimamente, daquele jeito charmoso. Eu nunca esqueci esse sorriso.

— Eu me lembro bem.

— Bom, tenho que ir. Adeus... — Ainda o escuto me chamar, mas ignoro, alcançando o estacionamento e pedindo o primeiro táxi

que aparece.

Eu preciso ficar sozinha, eu preciso pensar, eu preciso encontrar uma saída.

Vladmir

— O que está esperando? Vá atrás dela! — Ainda aéreo, após esbarrar na mulher que sempre esteve em meus pensamentos nos últimos dias, volto a mim ao ouvir Tiberius, me dou conta de que sim, devo ir atrás dela.

Vou em direção à saída do hospital e consigo, até mesmo, sentir seu cheiro, que deixou um rastro doce pelo lugar e, sem pensar uma segunda vez, assim como ela, corro em disparada, o tempo todo com seu olhar entristecido em minha mente.

— Desculpe — sou obrigado a dizer, após esbarrar em alguém no caminho, não parando para ver quem é.

Ao alcançar o estacionamento, olho para ambos os lados, à procura dela, meu coração a ponto de romper a parede torácica somente para procurá-la também. Ainda tenho tempo de vê-la, no banco de trás de um táxi qualquer, que passa devagar em frente a mim. Ela sequer me vê aqui, o rosto baixo, enterrado entre as mãos.

Melissa!

É o que sinto vontade de gritar, mas o som não sai. Não me resta mais nada além de ter que procurar por ela, me explicar. Se a carta que enviei, anos atrás, não chegou até ela, talvez eu possa falar. Talvez eu possa, ao menos, pedir perdão.

Solto o ar, obrigado a respirar fundo ao ter prendido a respiração por tempo demais, tempo esse que sequer me dei conta. Levo as mãos à cabeça, como se, com isso, eu pudesse conter o

arrependimento de não ter agido com rapidez, e não ter oferecido mais apoio. A forma como a vi, os olhos vermelhos de choro, me remeteu para aquele quarto de república velha, naquela manhã. A forma como me olhou...

— Chegou tarde.

— É, ela pegou um táxi.

— Era sobre ela?

— Ela o quê? — pergunto a Tiberius, com o olhar perdido no asfalto agora vazio.

— Era sobre ela que queria conversar?

— Ah, isso? Sim, é ela — fixo e só então o olho. — Com ela que planejei toda uma vida um dia, quando, segundo o meu pai, eu mal tinha deixado as faladas.

— Ele teve a mesma postura com relação à Emília?

Sorrio. Não, não tinha. Emília era a menina de ouro.

— Não mesmo..., mas isso agora sequer importa. Minha preocupação é pelo que a deixou assim. Que Melissa é uma manteiga derretida, disso eu sei, mas um bebê não poderia lhe deixar atordoada daquela forma, não é?

— Disso, eu não sei... talvez ela já estivesse com algum problema antes. Não custa nada voltar e checar na recepção do hospital, tenho certeza de que ainda se lembra do nome dela completo.

— Como se eu pudesse esquecer.

Enfio as mãos nos bolsos, olhando para a porta do hospital atrás de mim. Estou indeciso, claro, sei que a última pessoa que Melissa quer bisbilhotando sua vida, com certeza, sou eu. Mas e se o destino estiver me dando uma segunda chance? A chance de ter o seu perdão!

— Não se preocupe quanto ao café, tem coisas mais urgentes a descobrir e, enquanto isso, vou eu tomar o meu e, caso queira, me ligue mais tarde e conversamos melhor.

— Claro, claro, vai lá. Eu vou voltar para o hospital.

Capítulo 6



O destino pode ser traído e lidar com a raiva advinda por nos correr pouco a pouco, tornando o óbvio um verdadeiro inferno.

Melissa

Morte e vida... a pergunta que me façorealmente é: por que eu?

Até agora ainda não achei uma explicação. Repasso cada minuto em que estive naquela sala com o doutor Ivan, uma, duas e três vezes, já até perdi a conta. Lembro-me da tristeza em seu olhar, no pesar ao me dar o diagnóstico. Me custa aceitar... também repassei várias e várias vezes o que ele disse sobre tratamentos paliativos, mas eu já vi esse filme e não terminou bem.

Minha avó morreu de câncer de mama, uma senhora forte, que definhou em uma cama hospitalar, cheia de remédios, acessos e tubos. Nada adiantou, apenas prolongou sua dor. Eu não quero isso, tampouco quero morrer, mas... o que me resta? Tem que ter outra saída, tem que ter

Ao mesmo tempo que repito isso para mim, lembro-me de que passei o resto do dia pesquisando sobre o tumor em questão, a taxa de mortalidade e tratamentos e acabei ainda pior do que quando cheguei, e tudo o que penso até agora é que irei morrer e deixarei minha mãe, minha irmã, meus pequenos que me dão tanto estresse, deixarei todos.

É nessa atmosfera em que estou submersa, desde então, entre revolta e aceitação. Para ser sincera, mais revolta que realmente aceitação. Não é fácil aceitar. Ainda por cima, repassei

por vezes a fio o encontro que tive com Vladmir, como se não bastasse tudo.

Fantasiei por muitas vezes esse momento, sim, mas em nenhum deles eu estava no estado em que cheguei em casa mais cedo e, mais uma vez, eu fugi dele, do médico, de mim.

É como me comporto quando as coisas ficam difíceis quando me machuco, eu fujô.

Olhei-me no espelho essa manhã e chamei-me de covarde. Sim, por fugir do tratamento e por fugir de tudo que me afeta. Solto um suspiro longo, abraçando o travesseiro e me aconchegando mais a ele. Amanhã irei novamente conversar com o médico, sim, irei... eu ainda não sei o que fazer, mas irei. A pior parte? Não quero correr o risco de encontrar Vladmir novamente, sendo assim, liguei mais cedo para o doutor Ivan e pedi a ele, não, eu implorei a ele que me encontrasse no café próximo ao hospital.

Não sei bem o que irei dizer, mas, espero achar palavras, ou melhor, uma saída ou apenas acordar desse pesadelo.

Ouçô alguém forçar a porta do meu quarto e sequer me mover, sei que é Rebecca e se ela vier agora, eu não vou conseguir segurar as lágrimas. Ela precisa saber, mas primeiro, eu tenho que decidir o que fazer. Volto a respirar quando ela desiste e escuto apenas seus passos se afastando no corredor.

Santo Deus, que eu apenas acorde deste pesadelo.



Aceitar o futuro pode ser doloroso e constatar o óbvio é como se sentir afogado em terra firme. É como me sinto.

Se ao menos tivesse 1% de chance que fosse, se ao menos tivesse a chance de lutar..., mas não tenho. Hoje, no horário que marquei com o doutor Ivan, eu fui ao café, me sentia mais calma, ainda que minhas mãos tremessem e suassem tanto e também, já

tinha tomado algumas decisões. Eu queria e precisava perguntar ao Ivan se realmente eu não tenho nenhuma chance, uma cirurgia, eu não sei, eu precisava de esperança, de que me dissesse que há 1% de chance para vencer essa doença.

Mas, segundo ele, eu já deveria estar, inclusive, mais debilitada do que estou, com aspecto amarelado, além de apenas com tonturas, náuseas e queimação no estômago e f oi bem conciso em suas explicações. Se eu f echaros olhos agora mesmo, aqui em minha sala, ainda pareço estar lá...

“ —Sei que não é muito, mas tratamentos paliativos como radio e quimio, tudo isso pode te dar conforto, ao menos. — Quando ele disse essas palavras, os últimos dias de minha avó vieram à minha cabeça e eu senti revolta, além de dor, dor f í sica que em nada tinha a ver com os sintomas da doença. — Veja, Melissa, pode ser até mesmo genético e peço que sua irmã passe a fazer check-in anualmente também.

— Não. — Minha resposta foi dita de forma seca, alta demais até, chamando a atenção de algumas pessoas para nossa mesa, me obrigando a baixar o tom de voz. — Eu sei o que farão... irão me encher de remédios, radiação e quimioterapia e isso não me fará melhor, o senhor sabe disso. Eu estava lá quando Nina, minha avó, morreu, eu segurei sua mão e não quero isso para mim, não quero que Rebecca me assista morrer lentamente.

— Melissa... — A forma carinhosa como meu nome é dito por ele me causa ainda mais dor.

— Sejamos sinceros, doutor.

— A essa altura, pode chamar de I van, Melissa, sem formalidades — pede, gentilmente e realmente ali já não cabia formalidades.

— Sejamos sinceros I van, talvez me façam ganhar mais um ou dois meses de vida, mas a que custo? Vivendo em um hospital? Perdendo o meu cabelo e morrendo pouco a pouco? — falei e me levantei, pegando minha bolsa. — Não, não. Vou dizer o que eu vou

fazer, a começar de agora mesmo. Eu vou aproveitar o meu primeiro mês de vida, vou... sei lá, curtir cada minuto do tempo que me resta. I reime reinventar, irei... ser feliz. Uma viagem, talvez? Enquanto posso, enquanto ainda não sinto tanta dor... e depois, depois eu vou voltar, vou contar sobre o câncer para minha família que consiste em minha única irmã e, então, vou aproveitar cada minuto ao lado dela e só. Apenas isso, esse é o meu plano cirúrgico.

— *Melissa, nós podemos fazer mais exames, falei ainda hoje com o oncologista, podemos pedir ajuda a outros especialistas.*

— *Não, o senhor já disse, é inoperável e eu acredito na sua experiência e diagnóstico. Não vou desperdiçar meus últimos dias em um hospital, perdendo pouco a pouco a esperança — falei e tentei não deixar as lágrimas que insistiam em se formar em meus olhos não caí rem. — Eu agradeço, muito, mas... bem, obrigada e adeus.*

— *Melissa.*

— *Está tudo bem. — Tentei eu, tranquilizá-lo. — De verdade, vai ficar tudo bem... eu só preciso me acostumar, aceitar que... vou morrer.*

Deixei o café em seguida, enquanto aquelas palavras, até mesmo para mim, pareciam loucura.”

Aceitar...

O engraçado da situação é que agora vejo o quanto fui ridícula a minha vida toda. Sempre prometia a felicidade a mim mesma e sempre a via distante. Quando terminar o ensino médio, quando terminar a faculdade, quando tiver independência financeira, quando encontrar o amor, quando formar uma família... quando, quando, quando e com isso, fui protelando minha felicidade, empurrando com a barriga, presa ao passado, ao que eu acreditava ser a felicidade, esperando um futuro que só existia na minha cabeça, enquanto o presente passava bem diante dos meus olhos.

O tempo passou, eu alcancei muito de tudo o que citei acima e, ainda assim, não me sinto feliz, é como um quebra-cabeça

invisível, o qual falta uma peça. Não me sinto realizada como imaginei que me sentiria aos trinta anos. Esperei tanto, que acabei não aproveitando o momento, passando pela vida como um robô.

Eu sou patética.

E eu ainda tinha tantos planos, tanto a fazer novos projetos, novos desafios e agora... meu maior desafio é morrer com o máximo de dignidade que a doença possa me dar.

Por que Deus? Por quê?

E pensar que ainda tenho que ir à escola e olhar meus baixinhos. O que diabos vou fazer? Como proceder?

Respiro fundo, sentindo meus olhos inchados de chorar, a ardência me incomodando ao assistir um filme na TV à minha frente, enquanto o sorvete derrete dentro do pote. E ainda tem Vladimir... vê-lo abriu uma ferida tão antiga, tão amarga. Meleca, por que agora?

Enfim mais uma colher de sorvete na boca, enquanto assisto à Adriana jogar a aliança no mar, em meio a uma bela declaração de amor verdadeiro a André, o homem da sua vida. Filmes, como os romances nas telinhas são perfeitos, na vida real poderia ser assim. O feliz para sempre deveria realmente acontecer

Nego e, por instantes, uma ideia um tanto mirabolante e impulsiva passa pela minha cabeça.

Espere... Um cruzeiro!

Capitolo 7



A confiança, por vezes, nos ajuda a alçar grandes voos, em outros momentos, nos afoga em águas rasas.

Vladimir

— Como se sente, confiante? — Ouço a voz rouca ao meu lado, enquanto ambos nos lavamos para entrar em cirurgia.

— Bom, me sinto preparado, estudei bastante o caso do garoto, acho que posso dizer que estou confiante e você? — Olho para Augusto, que veste roupas cirúrgicas na cor azul-claro, assim como eu, mas o que destoa é a touca rosa, cheia de unicórnios coloridos, em sua cabeça.

Não nego que toda a minha atenção se prende na touca em particular e sorrio.

— Presente da Cathe — explica, sem que nada eu diga, dando de ombros. — Minha filha comprou para mim no último Dia dos Pais e me intimou a usar. “Unicórnios dão sorte, papai, e cores não têm gênero!” Foi sua explicação e como ela tem razão, essa passou a ser uma das minhas toucas favoritas.

Eu rio alto, não do que diz, isso não. Concorro com o modo que sua filha vê as coisas, sorrio de como a vida é, trabalho aqui há alguns anos e o apelido desse cara ao meu lado era Ogro. Augusto nunca foi famoso por sua educação e bom humor, longe disso. E ao que parece, agora temos um ogro domado, que ama unicórnios.

— Eu não disse nada... — tento, ainda rindo.

— Mas ri ao notar meu adereço. Além do mais, nunca perco a oportunidade de sair por aí contando a história por trás da touca. Me orgulho muito da forma com que Cathe vê o mundo — fala ao

enxugar as mãos. — Já sobre sua pergunta anterior, a resposta é sim, estou muito confiante. O dia amanheceu belíssimo, ensolarado e perfeito, neste caso, acredito que aqui também será perfeito.

— Estou tocado pelo seu bom humor. Bem mais confiante agora, obrigado — agradeço ao vê-lo passar por mim.

— Disponha sempre e, Vladimir — chama, parando ao lado da porta da sala cirúrgica —, me desculpe pelo outro dia, a forma como falei, conheço o garoto há um bom tempo, eu tinha que tentar, ele precisa disso.

Confirmando, sei que precisa e é louvável um cirurgião que briga pelos seus pacientes. No geral, são sempre os melhores.

— Não se preocupe, livre o garoto desse tumor e estaremos bem. — Volto a atenção para as minhas mãos, após vê-lo ir para a sala, me deixando sozinho.

Hoje é um dia em que podemos entrar para a história e embasar a fama de operar o inoperável e eu espero realmente que Augusto esteja certo, que tudo seja um sucesso, mesmo eu não tendo notado o dia tão belo lá fora quanto ele dissera. E como poderia? Toda minha atenção está voltada para Melissa, sua mentira recente e seu chá de sumiço.

Ainda naquela tarde, após vê-la sair do hospital chorando, voltei para a recepção e descobri que Melissa não veio visitar alguém como disse, sem amiga e sem bebê, mas que veio ao retorno em uma consulta com um dos nossos médicos. O que me causou ainda mais estranheza com o modo com que saiu daqui daquela forma. Procurei o doutor Ivan, o médico ao qual se consultou naquela mesma tarde, mas não o encontrei. Já na tarde seguinte, tive mais sorte ao encontrá-lo em seu consultório.

Sinto-me culpado por isso, por bisbilhotar, não nego, sei que ela quer distância e merece isso, depois de tudo, só que por mais que eu tentasse ir embora, eu não consegui. Não que fizera muita diferença, o doutor Ivan, o médico que a atendeu, não é exatamente meu maior fã. Arcaico e conservador, digamos que tivemos, por

muitas vezes, divergências de opiniões e ele se sentiu aparentemente muito satisfeito em negar as informações que pedi sobre ela.

Ele usou a desculpa do sigilo entre médico e paciente e mandou que a procurasse, já que me importava tanto com ela. E eu fiz isso, ainda que reticente, mas também sem sucesso. Ela não foi dar aulas nos últimos três dias, o que tornou a tarefa encontrá-la bem difícil.

Nego o pensamento e a sensação de peso em meu coração, a sensação que me diz ter algo errado com ela, comigo e com tudo à nossa volta, a pior parte é que viajo em breve e não terei mais tempo para procurá-la antes disso.

Entro na sala, onde a equipe cirúrgica me espera, já com o garoto ao qual abrirei sua face ao meio, deitado na mesa de cirurgia, ao ser sedado. A sala está cheia e apreensiva, mas hoje contamos com a melhor equipe. Ótimas enfermeiras, instrumentadoras, além de Augusto que assumirá a cirurgia assim que eu terminar, e mais dois residentes para nos auxiliar.

Tem que ser perfeito.

Visto o avental, luvas e máscara e vou em direção à mesa onde o garoto de dezesseis anos se encontra completamente inconsciente.

— Vamos começar, bisturi...



“ Então montada em seu belíssimo cavalo branco, a princesa Ana e seu exército de Amazonas partiram em busca daquele que levara a rainha consigo, deixando toda uma monarquia em perigo sem sua principal governante...”

— Espere, papai, o que é monarquia? — Ana, ao coçar seu nariz cheio de sardas marrons, pergunta.

Sorrio, olhando a menina de olhos curiosos me encarando, as pernas dobradas, juntas ao peito, e o rosto em formato de coração descansando em seus joelhos. Às vezes, me esqueço que ao inventar histórias de dormir, devo usar palavras mais fáceis para que ela entenda.

— Uma rainha é uma monarca, minha garota, seu império é uma monarquia. Deixe-me ver como posso lhe explicar melhor...

— A rainha Elizabeth é uma monarca, papai?

— Isso, exatamente. Uma grande monarca.

— E ela é mesmo imortal?

Perco o fio do pensamento com sua pergunta, a olhando com estranheza.

— Oi? Onde ouviu isso?

— A mamãe esses dias disse isso para a tia Fê.

— Sua mãe e suas brincadeiras! — Sorrio, imaginando o que Melissa diria, caso Ana perguntasse isso em sala de aula. — A rainha em questão é tão humana quanto eu e você, nada imortal, apenas com idade demais em suas costas.

— Ah, seria legal se ela fosse... sei lá, um vampiro? — pergunta esperançosa e eu toco sua bochecha, Ana Júlia é a cópia de Daniela.

— Impossível, minha jovem. Isso são apenas lendas. — Ela parece realmente decepcionada, aperto sua bochecha e, inquieto, vejo-me dizendo: — Mas me fala, gosta da nova escola?

— Muitooooooooo — ela enfatiza, os olhos brilhando, o que me alegra muito.

— E a professora, como ela é?

— Você viu ela, papai. Sabe como ela é. Bonita, não é?

— Sim, ela é, mas digo em sala de aula.

— Ahhhhhh. A professora Melissa é muito legal, muito mesmo. Mas a outra também é.

— Outra, que outra? — Sei que eu não deveria interrogar Ana Júlia assim, mas acabo não segurando.

— A que fica com a gente quando a tia vai ao médico.

— Sei... — Eu poderia dizer que tenho a impressão de que ela vai muito ao médico com a forma que Ana Júlia fala, porém, Ana tem pouco tempo na nova escola, não saberia me dizer ao certo. — E você gosta mais de quem?

— Da tia Mel, ela é doce. Olha pra gente como a mamãe me olha à noite, antes de dormir.

Engulo em seco. Sim, um dos traços que considero marcante em Melissa são seus olhos. Ela consegue falar com eles, passar emoção, nos acalmar com um olhar.

— Mas, papai, e sobre os vampiros, se eles não existiram, por que tem histórias deles? — Ana torna a perguntar e me dou conta que esqueci até mesmo de sua história.

— Ah, isso é por...

— Em outro dia você conta, pois agora, essa mocinha vai tomar seu leite e ir dormir. — Dani nos surpreende ao entrar no quarto, fazendo Ana soltar um grunhido desesperançoso.

— Mas por quê? Daqui a um dia ele vai viajar e vou passar um tempão sem ouvir suas histórias.

— Tenho medo de que transforme essa menina em uma ermitã, Vladimir.

— E o que é ermitã? — Ela não perde a oportunidade de querer prolongar uma conversa e conhecer novas palavras.

— Já chega, mocinha, vamos, pernas para dentro do lençol — falaranzinza e Ana, sem demora, a obedece. — Vou dar uma colher de chá aos dois, apenas para que Vlad nos conte como foi a tal cirurgia importante, enquanto a senhorita toma seu leite — Dani começa e Ana concorda com entusiasmo ao bater palmas e comemorar.

— Foi cansativa, demorada e um sucesso — sou breve, apenas para vê-las irritadas.

— Não isso, queremos detalhes. — Sorrio, creio que Ana se tornará médica um dia, nunca vi uma criança com tanto interesse em cirurgias.

— Certo, ao entrar na sala...

— Não, papai — torna a me cortar, revirando os olhos. — Queremos detalhes de verdade verdadeira, começa do senhor colocando a roupa azul.

— Ah, isso? Certo, ao me vestir, andei dez passos até a sala, mas antes, tive que me lavar — ao começar, a vejo se aconchegando ao lado do seu porto seguro, cópias idênticas, e me recosto aos pés da cama, me preparando para um demorado e belo relato.

Capitolo 8



***Em alguns momentos, nos vemos até mesmo querendo
ganhar com a morte.***

Melissa

Quantas vezes já ouviu: cuidado, para morrer basta estar vivo?

Eu já ouvi várias vezes isso da minha avó, quando ela ainda estava viva. Já não ouço há muito tempo e agora essa frase ronda a minha cabeça sem parar, fazendo como nos últimos três dias eu tenha colocado meu desespero e decepção para fora, junto à minha raiva com o Todo Poderoso. Isso mesmo, briguei, inclusive, com ele, em um misto de aceitação, revolta, choro e raiva, tudo isso enquanto sorrio e digo à Rebecca que está tudo bem.

Ainda não tive coragem de contar a ela. Como conto? Se nem mesmo eu aceitei que vou... vou morrer. Eu nunca fui uma má pessoa, sempre fui uma filha obediente, estudei, respeitei meus pais, assim como todos ao meu redor, trabalho arduamente, vou à igreja aos domingos, então por que eu? — pergunto, só que mais uma vez não tenho resposta alguma e pego uma calça preta, dobrando e colocando na mala aberta sobre a cama, me proibindo de começar a chorar de novo.

Olho ao redor do quarto, para ter certeza de que não estou esquecendo nada, enquanto arrumo minhas coisas com cuidado para a viagem.

O filme SOS Mulheres ao Mar que assisti há alguns dias me deu uma ótima ideia e eu a agarrei com unhas e dentes, afinal, para que ficar em casa chorando minha má sorte, se eu posso viajar e

aproveitar cada minuto que me resta e fazer tudo o que eu ainda não fiz.

Após terminar o filme e meu pote de sorvete naquele dia, fui pesquisar cruzeiros na internet, ver avaliações de quem já viajou naqueles monstros e me senti bem satisfeito com o que vi, tanto que logo em seguida comprei duas passagens, sem nem pensar, uma para mim e outra para minha irmã. Se há alguém com quem quero dividir essa viagem, esse alguém é ela.

É assim que tenho ocupado meus dias, tentando pensar em tudo, até mesmo no câncer, menos em Vladimir.

— Acho que não vai precisar de uma calça jeans em um cruzeiro, Mel — minha irmã fala ao entrar no meu quarto, pegando outra calça de minha mão. — Não seja boba. Leve roupas leves, elegantes, bonitas como as que compramos para isso, além dos biquínis e saídas.

Trago as mãos até a cintura e olho a mala e as roupas que ainda estão sobre a cama. Fiz uma pequena extravagância em roupas novas e quem liga? Eu vou morrer, mesmo...

Morte. E só de pensar nisso, um nó amargo sobe pela minha garganta. Ah, se eu pudesse fazer algo, prometer algo a Deus e, assim, me livrar de um futuro certo e infame.

— É... acho que tem razão... não vou precisar dela, vou estrear as novas — confiro, tentando parecer satisfeito.

— Sei... se bem que acho mesmo é que vai passar os dias lendo livros e fazendo planejamentos, não consegue se desligar de ser nerd — fala cheia de si. — Poderia ter feito como eu e arrumado suas malas com mais antecedência.

Olho para ela com carinho e toco sua mão enquanto está sentada na cama, ao lado da mala aberta.

— É, deveria... como irmã mais velha sinto que falei quanto a isso, deveria ser eu a arrumar as coisas com antecedência.

— Concordo, mas, em compensação, é o meu tesouro e eu a perdoo.

Eu vou sentir falta dela. Se bem que... mortos não devem sentir falta, porque mortos não sentem nada, absolutamente nada. E como ela ficará sem mim? Meu estômago chega a esfriar com a perspectiva, me dando conta de que, se eu não aceito o meu destino e Rebecca? Essa garota mal consegue sobreviver morando comigo, como poderia ficar sem ninguém e ainda ter a mamãe para cuidar. Santo Deus...

Minhas pernas ficam bambas e minha mente parece girar, tento sorrir, disfarçar o mal-estar, dando um passo à frente e me sento na cama, buscando apoio, tentando não ceder para a fraqueza.

— Eu te amo, Becca. — Não consigo não falar ela me olha, um vinco se formando em meio às suas sobrancelhas.

— Eu também, mas pare com isso que tá ficando estranho.

Eu sorrio e torno a focar minha mala. Se continuar a olhá-la, vou acabar chorando feito criança e isso eu não quero.

— TPM. Sabe que fico ainda mais melancólica na TPM — falo, conseguindo aos poucos controlar minhas pernas.

— Anda, vamos terminar de arrumar sua mala.

Tento sorrir, deixando de olhá-la. Ao decidir viajar, tive que cuidar das coisas práticas, como meu emprego, além das medicações que preciso tomar para atenuar as dores que irei sentir. Fui à escola ainda ontem e conversei com meu diretor, falei que precisava me desligar.

Daniel não gostou, na verdade, negou, tentando saber o motivo, repetindo que eu precisava pensar melhor no que estava fazendo. Pedi que eu tirasse alguns dias apenas, pois tinha notado que eu não estava bem, mas que retornasse ao fim de uma semana. Eu neguei e, por fim, fechei porta de sua sala e contei o que estava acontecendo, não que tinha um câncer terminal, mas que estava doente e não sabia se voltaria. Vi em seu rosto o que eu não queria, pena, e eu odeio esse sentimento voltado para mim. É um sentimento que ninguém merece dar a alguém.

Tentei disfarçar o meu desconforto e, claro, meu diretor ficou sem jeito, sem saber o que dizer, gaguejando e dando voltas. Por fim, foi apenas gentil.

Ainda fui à escola hoje pela manhã, brevemente, como uma despedida para os meus pequenos. Brincamos, fizemos um belo piquenique e, então, cuidei dos últimos detalhes da minha demissão.

O peso disso ainda está aqui, em meu peito, e o olhar de Ana, doce e gentil, está gravado em minha cabeça, fazendo com que me lembre de Vladimir. O engraçado é que ela me lembra só a ele, não tem nada da mãe e talvez por isso, eu não consiga ter qualquer receio com relação à menina.

O que estou dizendo? Sequer deveria pensar nisso, afinal, ela não tem nada a ver com tudo que Emília e Vladimir me fizeram.

Além do mais, é passado. Irei focar na viagem, e apenas isso. Já que até hoje eu nunca havia me permitido algumas extravagâncias, vivo bem, é claro, mas também faço minhas economias e toda essa poupança tinha de servir de alguma coisa, no fim das contas.

Uma viagem pelas ilhas do Brasil com direito a várias paradas e não foi difícil convencer minha irmã a ir comigo. Não precisei de muito esforço, pelo contrário. Ela está desempregada no momento, então não tivemos grandes problemas para enfim viajar juntas, claro, eu arcando com tudo, como prometi, disse a ela que seria como um presente. Só tive que inventar uma história, envolvendo um sorteio da escola e uma licença, para mentir e omitir o motivo da viagem.

— Sabe, Becca. Estava aqui pensando... talvez possamos montar seu consultório. Trabalhou bastante tempo com o doutor Marcio, alguns clientes dele até mesmo a conhecem... acho que não deve ser tão caro assim para montar um, não é? Podemos ver um empréstimo, ou talvez vender a casa dos nossos pais. Nunca falamos disso, pois a mamãe... bem, você sabe. Então podemos enfim vender e montar seu consultório. O que acha?

Ela me olha estática. Rebecca é três anos mais jovem que eu. Fez Odontologia, e é uma ótima cirurgiã dentista. Trabalhou muito tempo com o doutor Marcio, um excelente profissional, até o pobre senhor enfartar há um mês e ela ficar desempregada.

— Sério? Tá falando sério? — O rosto dela se divide entre confusão e euforia.

— Sim, estou. Você mora comigo mesmo, não vamos ter uso para a casa dos nossos pais, então vamos investir em você.

— Mas... e você?

— Ah. — Dou de ombros. — Faremos o seguinte, vamos vender a casa e dividir o valor, e então, caso precise de mais dinheiro além do que te cabe ao dividirmos, eu te empresto a grana e seremos sócias. O que acha?

Vou apenas omitir, por ora, que, no fim das contas, ela não terá droga de sócia nenhuma.

— Uau... eu... nem sei o que dizer...

— Não seja boba, não precisa dizer nada. Vamos tirar férias quando voltarmos, vamos vender a casa, procurar o seu lugar e montar um belo consultório! Vou falar com um consultor imobiliário amigo meu, talvez quando voltarmos, já teremos até mesmo um comprador.

Becca parece sonhadora ao me olhar, um sorriso de orelha a orelha nos lábios bonitos e rosados.

— Consultório Muniz. — Tento e ela praticamente flutua com a ideia.

— Gostei...

— Ou, Consultório MR...

— Eu prefiro Muniz — falo e sorrimos as duas, enquanto tento controlar o buraco em meu íntimo.

— Ai, meu Deus... eu estou surtando aqui!

E eu também, mas por outro motivo, por imaginar que não estarei ao seu lado por muito tempo.

Vejo o rosto de Rebecca se iluminar, radiante com a perspectiva, e aproveito para guardar seu sorriso com carinho. Minha irmã é uma moça linda. Estatura média, cabelos castanho-claros, ao contrário de mim que tenho cabelos pretos, cortado na altura dos ombros. Os olhos dela são de um caramelo perfeito, já os meus, são azuis, devido à descendência alemã do nosso pai. Seu corpo puxou a brasilidade de nossa mãe, tendo uma silhueta bonita, uma cintura fina e pernas grossas, já eu, sou mais modesta em medidas.

Tenho uma bundinha, uma perninha, proporcional, mas quase magra demais. O rosto dela tem expressão gentil, delicada, olhos pequenos, nariz miúdo e uma boca em formato de coração, já eu, sou um tanto clara demais, rosto quadrado, um pouco exótico até, nariz idêntico ao dela, meio empinado, olhos pequenos e uma boca em um tom rosa-claro, nem fina nem grossa, comum.

— Bom, agora pare de surtar. Terminei a mala, já separei a roupa de viagem, a bolsa com documentos está pronta, a bolsa de mão também... e, vamos. Precisamos ver a mamãe.

— Vamos lá — diz, pulando da cama e me pegando em um abraço antes de realmente sairmos.



— Hoje ela está muito bem, até jogou cartas — a recepcionista, vestida em um uniforme branco, diz enquanto nos guia pelo lugar.

— Sério?

— Sim, sim, olha ela ali. Aproveitem, ela amanheceu muito bem essa manhã.

— Obrigada — respondo, indo de mãos dadas com minha irmã até onde minha mãe está sentada, parando à sua frente.

A senhora, hoje com sessenta e oito anos, me olha, em seguida fazendo o mesmo com Rebecca, por fim, nos dando um sorriso gentil.

— Que engraçado — fala, risonha. — Vocês parecem com minhas filhas — diz e volta sua atenção para o crochê ao lado. Engulo em seco e puxo uma cadeira, me sentando à sua frente, minha irmã ficando em pé atrás de mim.

— Somos nós, mãe. — Tento e tenho sua atenção de volta. Seus olhos castanhos nos observam com atenção, tento sorrir e ela nega, estalando a língua e voltando ao crochê.

— Não, não são. São muito velhas pra isso.

Sinto vontade de chorar como a boa manteiga que sou, e engulo em seco. Perdemos meu pai há oito anos para um AVC. Já nossa mãe, começamos a perdê-la há seis anos, quando o Alzheimer veio tomando aos poucos ela de nós, chegando ao ponto de termos que trazê-la para um lar de apoio, já que não conseguíamos lidar com ela em casa. Por isso, nos mudamos para cá, para o Rio, viemos em busca de um bom lugar, um bom tratamento.

— Não, mamãe. O diário, se lembra?

Se lembra... uma pergunta idiota para alguém que sofre com essa doença absurda e terrível, que te destrói de dentro para fora aos poucos, apagando tudo, inclusive sua identidade. Por segundos, ela olha para o nada e depois, sorri.

— O diário... as filhas...

E não, não é que ela se lembre. É que ao assistir ao filme Como se Fosse a Primeira Vez, aprendi como fazer minha mãe saber o porquê de estar aqui na casa de repouso e que tem duas filhas que a ama. Fiz um tipo de diário, no qual as primeiras páginas contam o que ela precisa saber, os remédios que têm que tomar e, as seguintes, são folhas em branco, caso ela queira colocar algo

para se lembrar no dia seguinte. Funciona às vezes, quando a doença não a faz voltar para a adolescência.

Há dias que ela não acorda tão calma e acaba agitada ao ler ou, até mesmo, sem querer ler. Sei que ele funcionará por pouco tempo, com o passar dos anos, nem mesmo se lembrará do que disse há um minuto.

— Quer jogar cartas? — pergunta e eu assinto, vendo o baralho descansando no assento ao seu lado.

— Sim, claro.

Ela não é de falar muito, nunca foi, e nos arrumamos para começar nossa jogatina, após dona Tereza embaralhar as cartas com certa dificuldade.

— Eu sou a Mel e essa é a Becca.

— As fotos...

Sim, eu deixo fotostambém com dois post-its sobre elas, uma de cada lado com nossos nomes.

— Mamãe, nós viemos hoje, pois...

— Que dia é hoje? É domingo? — ela me corta e eu nego. — Vocês vêm sempre aos domingos, não é?

Hoje ela está bem e posso ver até carinho em seu olhar. Os médicos dizem que é o que quero enxergar, que não importa quantas vezes ela leia o pedaço de papel, ela não se lembrará, não sentirá nada.

— Não, não é domingo, mamãe. É que vamos viajar e passar alguns dias fora, por isso viemos vê-la hoje.

— Vão pra onde? — Sua atenção não está em nós e sim nas cartas e vejo Becca se movimentar atrás de mim, ela nunca fica muito confortável ao vir vê-la, nunca aceitou bem tudo isso.

— Pelas ilhas do Brasil. Faremos um cruzeiro — Becca responde e nossa mãe sorri, enfim nos olhando.

— O mar... é bonito, não é?

— Sim, é muito bonito. — Sinto vontade de chorar, um aperto incontrolável no peito.

— Vão que dia?

— Pegamos o navio amanhã.

Mamãe anui e joga seu conjunto de cartas perf eitas.

— Bati.

E posso ver o brilho da vitória em seu olhar, ela sempre é ótima no baralho, ah, mamãe.

— Parabéns, a senhora é mesmo boa nisso...

— É, parece que sim.

— Mel, hora de ir — Becca me chama e toco a mão da senhora à minha frente, sentada olhando as cartas sobre a mesa, impecável, enquanto está envolta em um casaco de tricô verde-musgo, e ganhamos seu olhar.

Sinto saudade do que essa mulher foi, em especial hoje, que estou melancólica. Meleca.

— Assim que voltarmos, mamãe, viremos aqui, tá? — falo e ela me olha com tanto carinho, algo tão raro, e toca meu rosto.

— Tá bom, boa viagem. Escrevam pra mim o que virem de bonito, quero saber disso. Vou colocar no... qual é mesmo o nome?

— Diário.

— Isso, irei colocar nele hoje que minhas filhas vão viajar. Não me lembro bem, mas acho que criei boas pessoas, não é?

Ela está certa, ela criou sim e se esforçou muito por nós.

— Sim, a senhora criou. Até a volta, mamãe — falo, beijando seu rosto e espero minha irmã fazer o mesmo.

Olho-a com amor, tanto que chego a sentir meu peito apertado em angústia por pensar que esta pode ser a última vez que nos vemos, pois, a cada dia, o futuro se torna mais incerto.

Mas é como dizem, tudo na vida tem um lado bom e um lado ruim e nisso, eu realmente acredito. Pois, ao pensar no futuro,

minha maior preocupação e medo é abandonar Rebecca, em como ela lidará com isso, já minha mãe... ela sequer se lembrará que um dia eu existi, tampouco irá sofrer com a minha perda.

Saímos em seguida, caladas, cada uma perdida em seus próprios pensamentos, até que eu paro quando estamos perto do carro e Rebecca faz o mesmo, estranhando minha atitude. Tento segurar, tento mesmo, mas caio no choro sem controle algum e sinto seu abraço e seu desespero ao falar:

— Não, Mel. Não chore... isso sou sempre eu quem faço, se lembra? Não fique assim, não. Assim que voltarmos, a gente vem visitá-la. Não chore, Melzinha ela vai ficar bem, você vai ver

Ah... se ela soubesse.

Capitolo 9



Não espere e precisar voltar no tempo para fazer a diferença, tudo antes que se arrependa, viva enquanto o pode!

Melissa

— Meu Deus... isso é real? — Becca pergunta, com o rosto radiante como um sol. — Jesus, obrigada pelo convite, Mel, isso aqui é um sonho. Nem sei o que dizer, cara...

Rebecca nunca sabe o que dizer e ela tem razão, é realmente impressionante. O navio luxuoso está ancorado no porto e acabamos de embarcar, enquanto convidam todos os passageiros a entrarem, prontos para partir. Adentramos o local, completamente encantadas, parando no ilustre hall de entrada do cruzeiro que é esplêndido.

O lugar tem a decoração em branco e azul, não, verde, não... tem a cor das águas caribenhas, é isso. Uma mistura entre o verde e o azul, com escadas de degraus da mesma cor, com corrimão dourado que dá acesso aos vários andares acima desta coisa imensa.

À medida que subimos, olho cada detalhe que parece ter sido feito exatamente para impressionar, e que está fazendo bem o seu papel. As escadas formam um tipo de espiral, sendo quatro espalhadas pelos cantos do hall. Mas o que chama atenção é o grande lustre no alto, em meio às escadas, que reluz no piso em granito xadrez. Só essa coisa deve ter cerca de uns três metros, com detalhes em cristal quadrado ao redor, espelhando com as pequenas bordas em dourado. Estou como Rebecca, maravilhada

ao meu lado, ambas estamos e creio ter feito a escolha certa ao fazer essa viagem.

Fico tão encantada e distraída, que meu scarpin, de um rosa-claro, escapa do meu pé, me fazendo ter que segurar o corrimão da escada para não cair, olhando para trás, exatamente para dois degraus onde ele caiu. Por que não escolhi algo baixo e confortável?

“ Àlvez porque queira usá-lo antes de morrer.”

Uma voz irritante teima em dizer, fazendo com que eu negue, como se com isso pudesse apagar esse pensamento e o peso que tem me acompanhado há dias. A raiva chega a ser incontrolável, junto à rejeição.

— Meleca — falo baixinho e vejo uma mão grande e um antebraço cheio de veias másculas, apanhar meu sapato.

Subo meus olhos pelos braços bonitos, de pele clara, e paro em seu rosto. Ele me olha e balança meu sapato no ar, meu coração congela no peito, fazendo uma batida. Para ele não parecer diferente, tendo em seu rosto a mesma expressão de quando me encontrou em frente à escola, poucos dias atrás. Não é só meu coração que parece petrificado, eu também pareço estar congelada no lugar e é ele a falar primeiro.

— Que coincidência, acho que isso é seu! — fala, balançando o sapato em sua mão.

O que diabos Vladimir faz aqui?

Engulo em seco, vendo-o se aproximar de mim, os olhos presos nos meus, íris da mesma cor que há pouco eu não soube definir, algo como o mar do Caribe. O conjunto da obra sempre me chamou atenção desde o primeiro maldito momento e agora não é diferente.

— Sim, é. Me desculpe, não precisava. — Sem graça e sem reação de imediato, tento sair do transe, estendendo a mão para que me dê meu sapato.

Olhando-me, ele se agacha à minha frente, ignorando minha mão estendida e pede meu pé de forma delicada, tocando carinhosamente minha pele, começando na panturrilha e descendo para a sola, como se testasse minha pele de novo, como se tivesse esse direito...

Por fim o homem usando de uma delicadeza digna de lorde, calça meu sapato, se levantando em seguida, muito, muito perto.

— Pronto, Cinderela...

Quero correr para longe, mas o mesmo magnetismo que ele tinha sobre mim, anos atrás, parece ainda estar presente, aqui. Vladimir abre a boca para falar algo, mas somos interrompidos por uma voz um tanto esganiçada e eu agradeço, voltando a respirar e dando poucos passos para trás, subindo dois degraus, impondo limites.

— Melissa, o que faz aí? Que horas ficou pra trás que eu nem vi? — minha irmã praticamente grita aos meus ouvidos, até perceber o homem à minha frente. — Eita, oi, moço — fala, medindo-o de forma descarada, por tempo demais.

— O que quer, Rebecca? — irritada, pergunto, tendo novamente sua atenção.

— Ah, sim, vamos? Me perdi ali em cima.

— Sim, vamos — falo, deixando de olhá-la e me virando novamente para Vladimir. — Obrigada, de novo.

— Melissa, podemos nos falar depois?

— Melhor não — respondo, sem nem pensar na hipótese.

Aceno e saio puxando uma Rebecca recém-encantada por Vladimir. Perco até mesmo a vontade de olhar os detalhes, apressada ao ponto de tirar o pai da festa.

Que brincadeira de mau gosto é essa do destino? Eu escolhi esta droga de cruzeiro por um motivo, fugir da realidade, fugir do que sinto, aproveitar, e me deparo com o passado. Um passado doloroso demais. Sinceramente, ao deixar aquele quarto, nunca

imaginei ver Vladimir outra vez. Claro, o mundo é pequeno, é o que dizem, mas temos realidades diferentes, mundos diferentes, nunca imaginei o encontrar logo aqui, logo agora.

Mal noto o restante do trajeto até chegarmos ao nosso andar, virando no corredor. Rebecca é quem desacelera e para, me olhando com um sorrisinho sacana no rosto.

— Gente... quem era aquele deus grego?

— Oi? — Balanço a cabeça, ainda presa em momentos atrás, tentando voltar a andar.

— Pelo amor de Deus, Mel, não seja idiota, o cara da escada. Eu só preciso de um motivo.

— Motivo para quê? — pergunto, dando espaço para que um casal passe por nós no corredor.

— Do porquê disse não a ele.

Às vezes, me esqueço que Rebecca não sabe da minha história com Vladimir, que quase ninguém sabe do que aconteceu. Sequer deu tempo para que eu espalhasse ao mundo que o amava.

— Ah, isso. Eu o conheço... não vale muita coisa — falo me dando conta de estar próxima aos quartos, enfiei meu cartão-chave e tentando destravar a porta da suíte em que ficaremos.

Minhas mãos tremem, meu estômago queima e engulo em seco, fechando meus olhos por segundos, tentando acalmar meu coração.

— Como não? Viu os olhos dele... Uau... Ai, meu Jesus! — falo de súbito, segurando meu braço com força além do comum, fazendo com que eu abra meus olhos e busque o motivo do seu susto. — Disfarça, Mel, ele tá vindo, ele tá vindo.

— Ele quem? Como... Santo Deus!

Estática, fico olhando para onde ela indica e lá vem mesmo ele, charmoso, esbanjando sorrisos e sensualidade, algo involuntário, natural dele. Engulo em seco. Seria brincadeira demais o infeliz estar no mesmo andar que eu, não seria? Volto a olhar meu

cartão, que não abre a droga da porta a tempo para que eu possa me esconder.

Paro de tentar enfiar o cartão na caixinha quando Vladimir para ao meu lado, me deixando sentir o seu perfume amadeirado, o mesmo de antes, olhando para o número na porta, para o seu cartão e para mim, em seguida.

— Acho que errou de quarto.

— Não, não errei. Não sou louca, Vladimir. — Minha voz não sai nada apaziguadora e volto a enfiar o cartão na caixinha, e nada acontece além da luzinha vermelha acender.

— Acho que deve olhar melhor, Mel, este é o meu quarto — falo manso, fazendo eu fechar os olhos, absorvendo meu apelido em seus lábios mais uma vez, dito de forma carinhosa.

“Mel me parece doce.”

Relembro a primeira frase dita por ele ao nos conhecermos e retomo o controle de mim, olhando o número do quarto e, em seguida, o cartão em minha mão.

Droga, meu rosto esquenta e devo estar vermelha como uma pimenta agora, além de nervosa. Fico por segundos olhando o cartão em minha mão, sentindo os olhos de Vladimir e de Rebecca sobre mim.

— Você tem razão... não sei onde estou com a cabeça, me desculpe.

— Eu sei... — Becca se mete e a olho feio, ela tem a decência de calar a boca, ao menos. Enxerida!

— Não tem problema, o seu é o próximo, pelo que vejo... Ficaremos lado a lado.

Sua expressão chega a ser vitoriosa.

— Ah sim, claro que é. — Uso de escárnio e começo a andar de costas, levando uma pequena bolsa, indo em direção ao meu quarto, o certo desta vez. — E, somos vizinhos de quarto, mas que coisa, não é?

— Pelo visto, iremos nos ver bastante, Melissa.

— É, acho que sim... — Quase tropeço em minhas próprias pernas, dando a conversa por encerrada ao me virar para frente, com medo de cair de cara no chão.

Abro a porta e entro sem olhar para os lados, fechando-a assim que Rebecca passa por mim. Meu coração quer sair pela boca e minhas pernas mal me obedecem. Sequer acredito no que acabou de acontecer.

— Você é péssima f lertando, sabia?

— O quê? Tá louca? Eu não estava f lertando. A última coisa que quero é f lertar com Vladmiř Rebecca.

— Ué... por que isso? Espere, o mais importante: de onde o conhece, Melissa? Não! Já f icou com ele?

— Cale a boca e não grite, ele tá logo ao lado e não seja ridí cula. O conheço do passado, só isso. Éramos jovens e idiotas.

— Uau... então tiveram algo?

Reviro meus olhos, ficando descalça e indo até a cama, colocando a pequena bolsa sobre ela. Será que ainda dá tempo de sair do cruzheiro?

— Passageiro, não acabou bem. Apenas isso.

— Como assim, conte mais.

— Não tem mais o que contar, Becca. Foi só isso, coisa de paixão juvenil. Ele hoje é casado, tem uma f ilhalinda, que estuda comigo, inclusive, então não pira.

— Hum... entendi.

O plano era vir para cá, aproveitar, conhecer novas pessoas. Beber, beijar na boca, transar, dançar e f azer tudo, tudo que a minha vida comedida não me permitiu, que eu não me permiti e agora... droga, Vladmir, droga.

Mas você não vai tirar isso de mim também.

Quando dizem que a vida é curta, você não acredita até estar no corredor da morte. Eu estou agora e, acredite, é verdade e você passa a dar valor a cada segundo do dia, cada palavra, cada gesto, cada toque, cada olhar...

Por que eu não fui antes ao médico, quando senti aquela queimação no estômago e tanto refluxo? Por que não me entreguei mais à vida? Por que não curti mais quando pude? Vou morrer e só tenho isso? Uma vida pacata, sem namorado, marido, filhos, sem casos, sem tantas transas e com a mágoa do passado que está na porta ao lado. Minha vida se resumirá a isso? Não é justo...

E por que diabos Vladimir está aqui?

Mal olho os detalhes do quarto, apenas me jogo na cama, extremamente macia, olhando o teto e mal ouvindo o que minha irmã fala. Não é justo, mas ninguém disse que seria, pelo contrário.

Viver é uma dádiva, pena que estou aprendendo a dar valor tarde demais. Ah, se eu pudesse voltar no tempo!

Capitolo 10



Um velho sentimento ressurge.

Vladimir

Há um mês, quando soube do congresso, fiquei animado em participar, porém após saber que seria em um cruzeiro, minha animação diminuiu bem rápido. Não sou adepto a coisas que balançam muito, me deixa um tanto enjoado, ainda assim, há tempos vinha precisando de ar e conhecimento.

Sempre é necessário passar por uma reciclagem, conhecer outros médicos, rever velhos amigos, colegas, enfim. Ainda que não goste do balanço do mar, tive que vir. Mesmo que, o que eu realmente queria, era buscar o paradeiro de Melissa.

Confesso que amaldiçoei minha sorte em ter que vir a este bendito congresso após vê-la saindo daquele jeito do hospital e agora, eu diria que minha sorte mudou, afinal.

Quando a vi de costas, com os cabelos negros curtos, de pontas arrebitadas, eu disse a mim mesmo que estava vendo coisas onde não existia, qual a probabilidade de encontrá-la aqui? Pensei que talvez fosse minha vontade de vê-la, falando mais alto.

Apesar da impressão de ter um cavalo selvagem galopando em meu peito, sinto como se agora pudesse respirar livremente, tamanho o alívio em me deparar com Melissa, ao me dar conta de que posso tentar uma conversa, que não passarei a viagem inteira querendo que ela acabasse para voltar ao Rio. Ela está realmente aqui e está tão bonita quanto era há dez anos.

Do pequeno deque do quarto, onde estou observando o porto começar a ficar distante, consigo ver o parapeito ao lado, ao qual

pertence à sua suíte. Posso também ouvir vozes, não muito bem, porém sei que a voz mais fina pertence à sua irmã. Ouço um barulho de algo se arrastando ao lado e me afasto do parapeito, depressa, temendo ser visto por ela agora.

— Tem que vir até aqui, Mel, sentir a brisa... isso aqui é o paraíso! — a menina praticamente grita, enquanto me esgueiro para próximo da parede que nos limita, tentando escutar melhor.

— Mal consigo ficar em pé dentro do quarto, Rebecca, como vou aí fora? Que meleca de viagem.

Sorrio, ao imaginar que o maior xingamento que consegue dizer é meleca. Talvez a vida acadêmica com crianças tão pequenas tenha limitado suas opções.

— A viagem está perfeita e ainda tem o gostoso ao lado. — A moça gargalha, é impossível não rir do que diz. — Deveria ir pedir ajuda, dizer que está passando mal... vai que cola.

— Não me ferra e vê se cala a boca.

— Hum, quanto mau humor. Eu não perderia tempo e sentaria gostoso. — Eu seguro uma gargalhada. Aparentemente, as duas são o completo oposto uma da outra.

— Cale a boca, Rebecca.

— Me calo, só porque está enjoada. — Sua voz vai ficando distante, me dando a ideia de que tenha voltado a entrar no quarto.

Tenho tanto a dizer, tanto a pedir... Fico quieto, tentando ouvir algo mais, mas o pouco que consigo pegar são sussurros.

Inferno de brisa.

Ao menos, consigo entendê-la e estou disposto a conseguir seu perdão. Eu sei que é impossível para ela me ver de outro jeito, após tudo o que aconteceu, de como as coisas terminaram, de como ela terminou. Mas não nego, eu queria que ela não me olhasse com tanta mágoa, eu queria não ver seu sorriso morrer ao me notar, a expressão de deslumbre deixando o seu rosto aos poucos ao reconhecer quem estava em sua frente, horas atrás.

Eu amei aquela garota, sonhei com ela e quis o seu perdão a cada maldito dia até hoje e agora, agora, eu tenho a chance de falar com ela realmente. Todos esses anos ela fugiu de mim, pois tinha espaço para isso, mas estando em um navio... acho que fica bem difícil de se esconder. Esta é a chance que tanto esperei, pois mesmo após anos, a verdade é que eu nunca deixei de amar Melissa.

Superar... dizem ser fácil, talvez seja quando tudo não passou de um emaranhado de mentiras, em que não envolve um casamento, brigas, transgressões, traições.

Melissa escapou de minhas mãos como água corrente e agora, eu vou reconquistá-la e pôr às claras todo e qualquer mal-entendido que tenhamos sofrido.

Olho o mar à frente e a cidade a se apeguar, pessoas se tornando formigas, pequenas com a distância, perdidas em suas rotinas, e volto a entrar no quarto com os pensamentos presos à mulher que levou meu coração consigo, anos atrás.

E pensar que ela está aqui, ao lado... Melissa não pode fugir de mim agora.



Ontem, praticamente fiquei de guarda em meu quarto, esperando que ela saísse para o jantar. Não sei exatamente o que diabos eu faria, mas eu faria alguma coisa, ou melhor, falaria. Estou decidido a fazê-la me ouvir e saber o que está acontecendo com ela, pois é óbvio, algo está acontecendo.

Também tem a questão de que não posso negar a forma como meu coração ainda bate acelerado ao vê-la, minha boca ainda seca e meus pés suam apenas com a possibilidade de falar com ela. Essas reações me levam a crer que todo esse tempo eu menti para mim mesmo.

Eu nunca a esqueci.

Mas apesar do meu esforço, Melissa não voltou a sair do quarto, ao menos que tenha saído doando pela sacada, o que não é o caso. Desisti já tarde e desci para o hall, em busca do bar, tomar uma bebida talvez ajudaria. Observei de longe a mesma garota que estava com Melissa mais cedo, sua irmã, mas ela estava sozinha. Melissa realmente não desceu. Acompanhei a moça aparentemente simpática, mais que a irmã, sorrir para algumas pessoas enquanto comia e, depois, fazer um pequeno prato e levar para o quarto, acredito eu que para a Mel.

Tentei pensar em várias possibilidades que faria Melissa ficar no quarto e não aproveitar tudo que sua primeira noite em um cruzeiro oferece a única coisa que me vem à mente é que talvez ela esteja me evitando. Pretensioso até, mas gosto de pensar que sim, pois a outra opção é que ela poderia ter passado tão mal com o tal enjoo que sequer quis descer para o jantar. Ambas as opções são péssimas.

Caso a primeira seja viável, o destino não é bondoso com ela, já que, por coincidência, somos vizinhos de quarto e que eu estou decidido a procurá-la.

Não nego a vontade que tive e ainda tenho de bater à sua porta desde ontem quando voltei para o quarto, mas me contive. Ela não pode fugir de mim por muito tempo, dado que estamos confinados em grandes metros quadrados. Em algum momento, teremos que nos esbarrar.

— Com licença e me desculpe por incomodar. Mas é Vladimir Rangel, certo? — Olho para o lado, dando de cara com uma mulher que não me é estranha, mas que não consigo me lembrar quem seja.

— Sim, sou eu.

— Que coincidência. Sou eu, Talitha, fiz uma entrevista com você há uns dois anos. Chegamos a almoçar juntos uma vez — fala, o cabelo loiro está solto, uma mecha caindo sobre a face, o sorriso bonito sendo um charme à parte e quando se dá conta, que ainda

assim não pareço me lembrar do seu rosto, ela fica sem jeito e continua: — A matéria sobre Inovação ser necessária na medicina.

Sim, eu me lembro.

— Claro, me desculpe, é claro. Talitha Verner, isso?

— Sim, isso mesmo. Estou cobrindo o congresso médico e quando vi você aqui, não pude deixar de lhe dar um oi e pedir uma colaboração sua para a matéria que estou montando. Pode ser quando quiser, a hora que quiser... — Seu sorriso é simpático e ela toca em meu ombro ao falar piscando vezes demais.

— Ficarei lisonjeado.

— Sério, então o que acha de começarmos agora? Posso me sentar com você, eu...

— No momento, estou esperando alguém — deixo as palavras saírem com rapidez exagerada. — Se não se importa, podemos ver outro horário.

A moça estava prestes a puxar a cadeira, parando e me olhando em seguida, parecendo contrariada, o riso morrendo.

— Como fui interrometida, desculpe. Culpe o jornalismo por isso.

— Não, que isso. Sem problema algum, podemos marcar algo depois, terei prazer em contribuir.

— Ficarei feliz com isso e meu editor também. Foi um prazer rever você, Vladimir.

— Igualmente.

Assisto-a enquanto se afasta, no mesmo instante em que o garçom me entrega uma boa xícara de café. Essa foi uma abordagem e tanto.

— Obrigado.

— Disponha.

Vejo o jovem garçom sair e volto a olhar Talitha, que ainda acena à distância e eu apenas confirmo com a cabeça, voltando

minha atenção para a revista aberta em minha mesa, que até há pouco, eu sequer a lia, enquanto pensava e esperava por Melissa.

E como fazia antes, volto meus pensamentos para ela, pois tem um fato que também me intrigou, que é Melissa estar em um cruzeiro. Não por fazê-lo em si, mas pela época na qual está fazendo isso. Desde que a conheci, Melissa era extremamente responsável e organizada e pelo que andei perguntando na escola, ela continua a mesma. Sendo assim, colocar alguém em seu lugar no trabalho e partir em um cruzeiro... não imagino Melissa fazendo isso.

Mas quem sou eu para apontar algo? Uma loucura fora da curva faz bem de vez em quando. Anos se passaram e mudamos, todos nós mudamos.

Agora aqui estou eu, fazendo o mesmo que fiz ontem, à espera dela, o que pode parecer ridículo e pretensioso de várias maneiras. Ainda assim, não a vi descer para o café da manhã. Talvez eu poderia falar com a irmã, ela sim parece mais simpática e aberta a conversar, isso, se Melissa não contou a ela quem eu sou. Do contrário, talvez eu consiga alguma informação.

Acabo sorrindo sozinho, enquanto tomo um gole de café amargo, adorando a queimada bem-vinda à garganta. Tenho que aproveitar as horas vagas por aqui para vê-la, afinal, um congresso me espera logo mais.

Capitolo

11



Fugir nem sempre é o caminho, encarar é o seu destino.

Melissa

— Ei... acorde, vai. Vamos, Mel, acorde. Olha só, tá lindo lá fora— Rebecca me chama e eu só consigo gemer, pareço ter sido atropelada por um caminhão. — Anda, vai. Coloque um biquíni, vamos pra piscina e logo vai melhorar.

Eu nego, me virando para o outro lado, tentando fugir dela. Ontem, após entrarmos no quarto e o navio zarpar, eu comecei a sentir um enjoo descomunal e uma queimação irritante no estômago, o que serviu como formada desculpa para não sair do quarto e continuar aqui, me escondendo de Vladmir. Sequer consegui jantar e logo essa manhã, minha irmã parece estar com uma animação nunca vista, além do normal. Deus é mais!

Essa sua alegria matinal chega a me irritar. Entrei na droga de um navio para aproveitar uma bela viagem e agora, agora... quero só me trancar no quarto e fugir do único homem que amei na vida.

— Ah não, Becca. Vai tomar café sem mim e depois se joga na piscina. — Ou no mar e me deixe dormir, essa parte eu escondo em meus pensamentos.

— Não, Mel. Eu não acredito que comprou passagens caríssimas para o melhor cruzeiro do mundo pelas ilhas do Brasil e vai ficar no quarto. Eu me recuso a deixar!

— Só até eu melhorar... por favor Becca, pare de gritar. Pode trazer algo pra eu comer mais tarde, pra ver se melhoro, só frita, o que acha? — Tento, minha cabeça parecendo ter o peso de um elefante sobre ela. — Eu não consigo levantar, estou um caco,

parece que perdi minhas forças.— E não quero correr o risco de ver o homem que quebrou meu coração em mil pedaços e que, até hoje, não encontrei um jeito de consertá-lo.

Não escuto mais nada e estranho, porque não é muito dela ficar calada. Abro um olho, a procurando e nem preciso ir longe. Ela está parada em frente à cama, me olhando de cara fechada.

— Ultimamente, anda muito assim, sempre indisposta, Mel, estou começando a me preocupar. Quando voltarmos, precisa ir ao médico e ver isso. Se não estivesse há uma década sem dar pra um homem, até mesmo diria que está grávida.

Antes fosse... Imagine só, se ao invés de uma doença terminal, eu estivesse conhecendo o amor da minha vida e grávida, indo rumo a construir uma família.

— Não enche, Rebecca, agora vai lá. Coloque aquele biquíni lindo, vermelho, e a saia branca e vá se divertir. Aproveite.

— Tá, eu vou. Trago algo gostoso pra comer e logo vai melhorar, mais tarde não terá mais desculpas para aproveitar a viagem.

Não respondo e volto a tapar meu rosto, ouvindo a porta bater minutos depois, sinal de que estou sozinha e chego a suspirar quando o silêncio reina. Permaneço alguns minutos ainda deitada, só que o mal-estar persiste e parece me afogar em autocomiseração. Sinto algo como ânsia de vômito e me sento na cama, o quarto então parece girar, droga!

Não era para ser assim, não era, ao menos não nos meus planos de férias perfeitas. Volto a me deitar, colocando meu braço sobre os olhos. Era para eu estar lá embaixo, sem enjoos, queimação ou medo de ver Vladimir, tomando um bom café da manhã, indo para piscina ou para qualquer lugar que fosse em seguida, quem sabe encontrando um cara legal ao qual eu terminaria a noite na cama com ele e não aqui, atolada entre lençóis.

Isso sim estava entre meus planos... encontrar alguém para transar e aproveitar o momento. Ser menos travada como Rebecca me acusa de ser. Só sexo, tirar o atraso e não desperdiçar o pouco tempo de vida.

Volto a me sentar, a bile subindo à garganta e me levanto, desta vez mais devagar tentando não me sentir tonta no processo, preciso ir ao banheiro, um banho pode funcionar

Ele é pequeno, compacto e arrumadinho, todo em branco. Um pouco menor que o banheiro de um hotel comum, mas adequado para até duas pessoas de forma apertada, bem apertada. Espero, em pé próximo ao sanitário, para ter certeza de que não irei vomitar e, então, jogo minha roupa no chão, pego minha escova com pasta e vou para o chuveiro. Preciso me sentir melhor, preciso fazer valer a pena.

O doutor Ivan me disse que poderia piorar, mas não imaginei tão logo, falou em três ou quatro meses, o que me leva a crer que estou assim devido também ao balanço do mar ou a coisa é pior do que imaginava e estou piorando rápido demais. Não, não pode ser isso, eu ainda preciso desse tempo e Rebecca precisa de mim.

Escovo os dentes com a água da ducha caindo em minha cabeça e escorrendo pelo meu corpo, trazendo um alívio temporário mais que bem-vindo.

Encosto as mãos no azulejo à minha frente, querendo mais desse alívio e como venho fazendo nos últimos dias, eu deixo as lágrimas descerem. Assim, quando sair, posso fingir que não chorei, que estou firme. Porque tudo o que penso é em como posso ir e deixar Rebecca? Como posso deixá-la sozinha com a nossa mãe? Ela não lida bem com a situação, ela... é o meu bebê, sempre foi.

Rebecca já estava planejando um cruzeiro para as próximas férias, mas para isso, precisa de grana, então, nada mais justo que usar o meu primeiro mês, do que resta dos meus últimos, talvez, três meses, dando a ela algo que muito quer e aproveito cada minuto da viagem ao seu lado.

Mas em nada era para ser eu aqui, sozinha num quarto que chacoalha pelo mar, enjoada e com essa queimação infernal no estômago e com um ex traste logo ali ao lado.

Volto para o quarto com o cabelo molhado, deixo o roupão de lado e visto uma calça de moletom e camisa de mangas, folgada. Ah... que confortodelicioso. Enxugo meus cabelos com a toalha e me deito, bem aquecida e ainda que esteja enjoada, me sinto um pouco mais disposta.

Só preciso ficar um tempo quietinha e logo me acostumo com o balanço do mar, essa queimação passa e posso apenas esquecer que ao sair e dobrar qualquer corredor, posso dar de cara com Vladimir. Por ora, vou apenas esquecer.



Acho que cheguei a cochilar em dado momento, pois me assusto com alguém batendo à porta. Sento-me, de pernas abertas e confusa, tirando o cabelo ainda meio molhado do rosto, perdida em minha própria confusão Becca não levou o cartão? Levanto rápido, destrancando a porta, sem sequer abri-la ou esperar que ela entre.

— Deveria ter levado seu cartão! — falo e volto a me afundar nos travesseiros macios.

Isso é bom mesmo, valeu a pena cada centavo. Se eu, por exemplo, escolher permanecer no quarto o resto da viagem, ainda assim, será perfeito e confortável!

— Bom dia, desculpe, mas... — Abro meus olhos e volto a me sentar na cama, olhando estupefata ao ver Vladimir em minha porta, com uma pequena bandeja nas mãos. — Encontrei sua irmã lá embaixo — falo, entrando e fechando a porta atrás de si. — Ela disse que você estava se sentindo mal, achei por bem ver como você está.

Fico estática olhando para Vladimir, que tem um sorriso tímido nos lábios. Não nego, desde ontem esse infeliz está em minha mente, a forma como pegou meu sapato e colocou ele mesmo em meu pé, me remetendo ao conto de fadas da Cinderela. Se fosse alguém diferente, a magia poderia até mesmo ter acontecido.

— E eu trouxe seu café da manhã — volta a dizer, talvez ao ver meu estado inútil de interação. O homem para próximo à minha cama, e o cheiro do mesmo perfume que senti ontem, o mesmo perfume que dei a ele em seu aniversário naquele verão, se mistura ao de alface, algo suave, como uma loção pós-barba. Pareço ter perdido a noção de como falar ao vê-lo colocar a bandeja na mesinha no canto, me estendendo um copo com suco e comprimidos. — Aqui, tome isso, vai ajudar com os enjoos e com a dor de cabeça, depois tome o café da manhã. — Não faç nada, apenas o olho. As coisas poderiam ter sido tão diferentes... — É agora que você diz algo, Mel.

Balanço a cabeça, saindo do transe de estranheza em ter esse homem no meu quarto. O que diabos ele veio fazer aqui?

— Não me chame assim e o que quer, afinal?

— Que tome os remédios — insiste, empurrando-os em minha direção.

— Responda à pergunta, Vladimir!

— Estou respondendo. — E parece complacente ao dizer isso, se antes eu estava sentindo a bile subir, agora meu coração quer lhe fazer companhia. — Vamos, tome. Sua cara está péssima.

— Nossa, obrigada. Que gentileza a sua. — Pego com rispidez os comprimidos de sua mão, junto ao copo de suco, tomando-os de uma só vez e me levantando da cama, puxando a barra do suéter, tentando, no mínimo, não parecer péssima. — Era só isso?

Idiota.

— Mel.

— Não me chame assim.

— Certo. Melissa. Eu quero muito conversar com você, preciso, na verdade.

Sorrio em ironia, negando.

— Você está maluco, é isso? — Sinto f rio e cruzo meus braços em f rente ao corpo, como se pudesse me def ender dele e um calaf rio subindo por minha espinha ao ouvi-lo, nojo ao imaginar o que quer, mesmo estando casado. — Me diz uma coisa, Emí lia também está aqui, na porta ao lado? E sua f ilha? Você não presta, Vladimir, você é podre, e pior sou eu, que não vi isso enquanto era tempo. Faça um f avora nós dois, volte pra Emí lia e me deixe em paz. — Termino a f rase com a voz tremendo, imagens daquela manhã pipocando em minha mente. — Saia.

Vejo-o, com movimentos demasiadamente lentos, e vou em direção à porta, passando por ele e a abrindo. O homem se vira de f rente para mim, mas não f az menção em sair

— Emí lia morreu, Melissa.

Meu estômago parece congelar, a mente dando curto ao ouvir o que disse, o coração f alhandou uma batida. Espere, o quê? Minha cabeça lateja além da conta e eu tento, de verdade, não colocar a bile para f ora, enquanto observo seu rosto impassí vel, pegando-me tão desprevenida quanto poderia.

— Como, mas... — Olho-o, buscando a mentira em sua f ace e encontro algo como remorso?

Vladimir passa as mãos nos cabelos, parecendo impaciente, tentando um passo à f rente e parando.

— Há seis anos, f oi um acidente de carro com seu pai. — Sinto como se tivesse levado um tapa e permaneço estática, enquanto Vladimir dobra as mangas da camisa social branca, como se quisesse ocupar o tempo e não me olhar.

— Isso deveria f azer alguma dif erença? — Eu queria que não f izesse, de verdade, queria que f osse verdade o meu discurso de que o esqueci, deixando o passado para trás.

— Mel. Melissa — se corrige, antes que eu o faça—, eu só quero conversar, só isso.

— E acha que o fato de dizer: eu sou viúvo agora, a mulher com quem te trai, anos atrás, morreu, agora podemos conversar, muda algo? Se não percebeu, já se passaram dez anos.

Ele nega, inconsolável, indo até a porta aberta que dá vista para o deque, apoiando ambas as mãos em cada lado da porta, calado, olhando o mar. Espero uma resposta, qualquer coisa e segundos se passam antes que ele volte a me olhar, as sobrancelhas negras e grossas juntas, formando um vinco em meio a elas.

— Não, não é isso. Emília nunca foi o empecilho para conversarmos. Eu te procurei, se lembra? Você não quis me ouvir, não quis nem me receber — alega, parecendo inclinado a me culpar.

— E acha que eu deveria? Depois de tudo? Eu ia mudar minha vida por você. Naquela manhã, eu iria dizer sim, eu ficaria, eu... te amei. Mas, no fundo, foi bom ver o que vi.

— Bom?

— Me mostrou quem você era, me mostrou a tempo quem você era. — E é verdade, imagino como teria sido se tivesse mudado a minha vida por ele, porque o amava e era uma tonta jovem, apaixonada, e o depois?

Como eu ficaria se, após tudo, eu descobrisse que ele não prestava?

— Eu nunca fui para cama com Emília.

Gargalho alto, sem conseguir acreditar que ele vai usar essa desculpa comigo.

— Ah, não? Se casaram quatro meses depois, com ela grávida de quem? Do Gasparzinho! — berro, a plenos pulmões, e o vejo apertar o alto do nariz, fechando os olhos.

Estou tremendo. Tremendo tanto que abraço a mim mesma, como se pudesse fazer isso parar, esse sentimento sumir. Ele não deveria mexer tanto comigo, me lembrar de tudo não deveria me machucar tanto ainda, eu não deveria querer fechar os olhos e acordar anos antes, com ele, dizer que ficariamos juntos e fazer tudo diferente.

— Ela não estava grávida — ele fala, abrindo os olhos em seguida e o mar do caribe nunca me pareceu tão perto, nem tão verdadeiro.

Nego, como se negasse a sensação que sinto, o frio que percorre a minha espinha.

— Mas tem Ana Júlia... como pode ser tão sujo em negar isso?
— Lágrimas vêm aos meus olhos, embaçando minha visão.

— Ana é minha sobrinha, Mel. Daniela engravidou na faculdade, o pai não quis a criança, meu pai a expulsou, ela e eu, criamos juntos a menina. Por isso, Ana me chama de pai, apesar de sempre deixarmos claro que eu sou seu tio.

— Mas... — Fico um tanto tonta e vou em direção à cama, me sentando nela. A menina se parece com ele, mas não com a mãe... digo, com Emília. Olho para ele, próximo à porta, e a mágoa grita em meus ouvidos. — Ainda assim, isso não muda o passado, tampouco o motivo pelo qual está aqui, menos ainda faz diferença sobre querer ouvi-lo. Sai, Vladimir. Por favor, minha cabeça está explodindo, meu estômago dói, só saia.

— Mel... me ouça. Me deixe explicar — pede, com certo desespero na voz.

— Nosso tempo passou, Vladimir. Não faz mais diferença alguma, te ouvir ou não.

— Vai dizer que ainda não sente? Que seu coração não bate mais forte ao me ver, que suas pupilas não dilatam, que suas mãos não querem me tocar.

— Ah claro... agora sabe como me sinto. — Claro que me sinto da mesma forma, ele está certo, afinal, mas não darei esse gosto a

ele.

— Não, na verdade, é como me sinto e desde que te vi naquela escola, torço pra que ainda sinta o mesmo, pra que queira me ouvir, que me perdoe por tudo.

Eu não quero, mas suas palavras me atingem como um saco de cimento, fazendo minhas pernas fraquejarem.

— Eu não perdoo — falo, com toda mágoa que poderia. — O que sinto não faz diferença alguma, eu deixei você onde realmente deveria estar, no passado, e eu nunca, nunca conseguirei te perdoar.

— Leu minha carta? Você a leu...

— Carta? Que carta? Ficou maluco?

— Eu te escrevi, queria uma chance. Eu quis me explicar, ou tentei...

O homem me olha, um pedido mudo nos olhos azuis, tão bonitos, tão... verdadeiros.

— Só saia. Chega das tuas mentiras. Chega.

— E quanto ao hospital?

Saio de mim neste momento, ele não tem o direito, não tem.

— Sai!

Ele assente, dá dois passos para trás, ainda me olhando, como se esperasse que eu pedisse que fique, então, ele vira as costas e se vai. De repente, parece que estou no passado, olhando-o da janela do meu quarto, quando foi na casa dos meus pais ao final daquele verão, enquanto minha mãe lhe dizia que eu não iria recebê-lo. Antes de sair, ele olhou para cima, para a minha janela e parecia realmente me enxergar ali.

Vejo o mesmo rosto agora, o mesmo olhar, até ele sair pela porta, fazendo exatamente o que pedi. A parte estranha é que meu peito aperta tanto, ao ponto de gritar para que ele volte.

Capitolo 12



Mentir as, elas cobram um alto preço. Está disposto a pagar elas?

Melissa

Pareço ter uma âncora pendurada em meu coração, me puxando para algo fundo e escuro, junto ao fria barriga que estou sentindo desde que ele deixou o meu quarto mais cedo. Pareço ter saído da órbita, desde então.

“ Eu nunca fui para cama com Emília.”

Mas ele estava lá, com ela, ambos nus, eu vi. E de qual carta ele estava falando? A confusão está presente e o que era para ser uma despedida da vida em grande estilo, se tornou uma viagem sem rumo, prazer ou diversão. Ele me tirou até mesmo isso...

Os remédios que me trouxe fizeram efeito e eu me sinto bem melhor agora, horas depois. Ao menos, estou melhor da dor de cabeça e dos enjoos, já que a sensação é de estar oca por dentro.

Se Emília não estava grávida, por que se casaram? Foi amor? E eu culpando a pequena Ana Júlia, achando ser a segunda filha do casal feliz.

Ainda que quisesse me manter no quarto por todo o dia, me obrigou ir almoçar com Rebecca, mas à tarde me mantenho na cabine, remoendo o que ele me disse. Suas palavras não deixam minha cabeça. Também não consigo deixar de pesquisar a vida dele e de Emília, após o que ele disse. Ela realmente morreu anos atrás, em um acidente de carro, junto ao seu pai. Vi que ela morreu na hora e que o velho Emílio ainda chegou vivo ao hospital, não suportando a cirurgia.

Gostaria de ser alguém realmente ruim e ter me sentido vingada pela vida, mas não me sinto, sinto tristeza e vazio, apenas isso. Após o acidente fatal, a família manteve tudo o mais íntimo que conseguiram, sem alardes, talvez por isso nunca ouvi dizer nada sobre sua morte.

Junto a isso, alguns escândalos seguiram seu nome e o casamento dos dois. Especulações sobre duas separações que quase acabou em divórcio, mas que terminou em reconciliações regadas a viagens para fora do país. Mas para os jornalistas, a quem chamo de abutres, o casal levava uma vida nada feliz, apesar de esbanjarem sorrisos e felicidade nas fotos. Minha mente chegou a rodar com tantas e tantas coisas e por quês.

Por que agora ele quer conversar?

“ Não na verdade, é como me sinto e desde que te vi naquela escola, torço pra que ainda sinta o mesmo, pra que queira me ouvir, que me perdoe por tudo.”

A frase vem à minha mente e seguro o xale que uso, com mais força ao redor dos meus ombros, sentindo a brisa do mar tocar meu rosto, o vento gelado da noite fazendo o vestido rosa esvoaçar. Jantei com minha irmã e depois fugido salão lotado, agora estou aqui na proa do navio, onde, até o momento, segue vazio. As pessoas parecem preferir o salão de jantar, o salão de jogos e esta do que a área externa.

Já eu, prefiro o silêncio. Então concluo que sou uma péssima pessoa para fazer um cruzeiro. Deveria estar aproveitando, talvez dançando ao som de uma batida sem nexos, bebendo, sorrindo, flertando, me apaixonando por uma noite... em vez disso, estou eu aqui, presa em lembranças, em um homem que apenas me machucou.

Ele não foi o único em minha vida, depois de Vladimir tiveram alguns. Nada demais, nunca passou de matar o desejo da carne, por mais que eu quisesse me dar uma chance de ir além e ter algo a mais, no dia seguinte eu olhava para o cara ao meu lado e era apenas uma casca vazia. Eu não sentia nada, nunca importava o

quão boa a noite tivesse sido e, claro, eu sempre comparava a pessoa ao lado com Vladimir .

Em como nos amávamos. Talvez por ser tão inexperiente na época em que nos conhecemos, já que foi ele o meu primeiro homem, eu tenha guardado lembranças demais. Eram minhas primeiras sensações e foram as melhores, tinham que ser, era o meu primeiro contato com o sexo e foi perfeito. Talvez se deva a isso o fato de sempre lembrar, sempre comparar e o fato de nunca ter superado sua traição.

Com o tempo, desisti de tentar, seguir carreira solo talvez seja o melhor para mim.

“ Será mesmo? Deveria tê-lo ouvido mais cedo.”

A voz solo irritante da minha consciência se faz presente e me pergunto, caso eu o tivesse ouvido, o que ele teria dito? Qual seria sua mentira desta vez?

Se pensarmos bem, todos usamos máscaras. Nossas vidas, em algum momento, são moldadas pela mentira — nossas ou do outro — e que, por vezes, sequer nos damos conta disso.

Para alguns, a mentira é tão comum que mentem sem ao menos se darem conta e aceitam levar uma vida medíocre apenas por... conformismo. Foi o que fiz, em partes. Ou talvez seja o que estou fazendo. O medo de me arriscar sempre me segurou, sempre me manteve com os pés no chão no mesmo lugar, eu me acomodei. Agora mesmo, por exemplo, estou eu aqui, sozinha, fugindo da multidão, fugindo dele e mentindo para Rebecca sobre minha saúde e o motivo dessa viagem.

Eu sou patética.

Rebecca, essa sim sabe bem como aproveitar uma situação e ela o está fazendo muito bem neste cruzeiro e tentando fazer com que eu aproveite também. Ela achou que seria um plano perfeito mandar Vladimir ao meu quarto. Um amigo... ele a enganou bem e eu tive que contar outra mentira para ela, sobre o que aconteceu no quarto entre mim e ele, além de brigar com ela por tê-lo mandado.

A escuridão parece realmente reconfortante ao olhar daqui, assim, o barulho das ondas se tornando um alívio bem-vindo. Fecho meus olhos, aproveitando o momento, agradecida por não estar me sentindo enjoada, agradecida por não o ter visto no jantar.

A verdade é que tenho medo. Medo de ouvir o que eu quero, medo de ceder, medo de me jogar em seus braços e pedir que me ame como da primeira vez, que me faça sentir cada sensação novamente. Dei-me conta disso quando meu coração foi apertando de arrependimento após vê-lo sair, por não o ouvir.

Ao mesmo tempo, o orgulho e a razão gritam aqui dentro que eu estou certa.

Além do mais, há o câncer. Estou tentando abster esse pensamento, ao menos nos próximos sete dias. Mas é difícil. Muito difícil. A pergunta de Vladimir sobre o médico, me fez voltar a pensar no tratamento paliativo, ganhar mais tempo. Sim, poderia ganhar mais tempo, mas a que custo? Químio, radio, dor, hospitais e, no fim, uma morte certa.

Não, isso não, sem mais dor ou sofrimento. No momento, quero só aproveitar a noite perfeita.

Permito-me sentir, como se o momento, o silêncio, pudesse limpar todo e qualquer sentimento e sensação. Um arrepio bom sobe por meu corpo, ao mesmo instante em que sinto um tecido mais grosso ser colocado em meus ombros. Abro meus olhos, vendo que é um paletó preto e ao olhar para o lado, ele está aqui, de novo. Poderia ser apenas um sonho, onde nada mais existisse e eu pudesse me entregar ao que sinto.

Nós nos olhamos, o tempo parece parar e aquela vontade de me jogar em seus braços e de sentir as melhores sensações toma conta de mim, porém meu orgulho não deixa, ofuscando meus desejos e acabo me perdendo no mar do caribe que são seus olhos, que parecem implorar para que eu não o mande ir embora.

Há tanta mágoa entre nós, tanto rancor que fomos capazes de apagar muitas das boas lembranças daquele verão quase perfeito.

Sua mão vem até o meu rosto, por um segundo sendo contido, com receio e, por fim, acariciando minha bochecha. É como se minha pele ainda o reconhecesse, é como se meu corpo clamasse por ele como nunca.

— Oi, Mel...

— Não me chame assim. — Minha voz é só um sussurro, quase inaudível.

Eu quero afastá-lo, não, eu tento afastá-lo, na mesma medida que quero ouvi-lo, mas qualquer coerência se vai quando, com mais um passo, Vladimir cola seu corpo ao meu e sua respiração passa a bater em meu rosto, perto, muito perto, sendo um risco para a minha sanidade.

Tento o afastar, me debater ao empurrar seu peito e quanto mais tento, mais seu aperto se faz presente. A briga interna dentro de mim continua, mas a razão perde a batalha quando sua boca toma a minha. Fecho meus olhos ao sentir a maciez de seus lábios, ao sentir uma de suas mãos segurar minha nuca, enquanto a outra, me segura junto a si pela cintura. Sua língua invade minha boca com certa brusquidão e o que me lembro ter sido um dia sereno, se torna um furacão e me rendo de vez.

— Hum. — Minhas mãos vão para seu pescoço e mergulho minha língua junto a sua, sentindo o seu gosto. É tão familiar e tão bom que gemo em satisfação. O desejo que eu tentava há pouco controlar vai além, enquanto sua língua suga a minha, deixando-me mole em seus braços. Seu beijo delicioso e os lábios macios sempre foram minha perdição.

Sou impelida a andar para trás até sentir minhas pernas baterem em algo, seus lábios não deixam os meus e, aos poucos, sinto meu corpo sendo deitado em uma superfície dura e reconheço ser as espreguiçadeiras.

Ele está sobre mim, seu beijo se tornando mais lento, pedindo menos de mim e então, ele para e me olha, por segundos,

acariciando meu rosto, em seus olhos posso ver a incerteza de que isso aqui está acontecendo, nem mesmo eu acredito.

— Quanta saudade eu senti... — falo e abafa meus gemidos em seus lábios novamente.

Lábios esses que percorrem agora a maçã do meu rosto, indo em direção ao meu pescoço, mordiscando a pele sensível fazendo meu corpo responder às suas carícias, ao seu toque, é viciante e eu me sinto como uma drogada, que não pode resistir ao vício quando lhe é oferecido em uma bandeja.

Sequer quero tempo para pensar que estamos a olho nu aqui, qualquer um poderia nos ver, mas não o pensamento quando, abaixando a alça finado meu vestido, Vladimir prende um dos meus seios entre os dentes. Arqueio minhas costas, sua língua em círculos no mamilo respondendo direto em meu sexo e me deixando à beira de um abismo.

Há quanto tempo não tenho um homem? Já faz algum tempo e estou tão sensível quanto poderia, meu sexo pulsa e eu...

Capitolo 13



Um reencontro, o doce saber do que já lhe é familiar

Vladmir

Volto a beijá-la e seu sabor ainda é o mesmo. Como eu sonhei com este momento, como a quis e não deveria ser assim, eu sei. Não era assim que eu queria, quer dizer, queria, mas..., é confuso, eu estou confuso. Estar perto de Melissa faz minha mente sofrer um colapso, não penso com coerência. Estar aqui, assim, faz com que eu simplesmente não pense em mais nada que não em seu corpo, seu sabor, estar dentro dela, sentir novamente que ela é minha.

Ainda é a mesma Melissa, com uma casca mais dura, mais racional, mas ainda é a minha Mel. A mesma menina que gozou em minha boca, encostada no muro de um condomínio qualquer, à vista de qualquer um que pudesse passar por ali. Aqui não é diferente, não sou mais tão jovem, mas tampouco consigo me segurar. Quero mais, eu a quero. Desço minhas mãos por seu corpo, segurando suas pernas, buscando sua pele por baixo do vestido.

Estou tão preso e entregue que mal resisto, quando seu corpo repele o meu, me empurra, me afastando.

Olhos pesados se abrem aos poucos e um barulho, do lado esquerdo de onde estamos, chama a nossa atenção. Olhamos juntos, a tempo de ver um dos garçons vir do corredor, procurando por algo. Mãos delicadas me tiram de vez de cima dela, sem resistência de minha parte. Quando a olho...

Meu coração que antes estava a todo vapor, agora parece congelado e vejo o quanto fiz tudo errado, novamente, com a mesma mulher.

— Melissa. — Tonto, enquanto ela se recompõe, se levantando, sequer olhando para o meu rosto. — Por favor..

— Isso, isso, isso não aconteceu.

— Mel, fique...

— Eu não posso, você não entende, você estragou tudo!

Calçando os chinelos, ela me deixa aqui, sozinho. Não faço nenhum esforço para ir atrás dela e vou até onde há pouco estava deitada e me sento, olhando-a passar pelo garçom e sumir corredor afóra. O pobre homem me olha, como se soubesse o que estávamos fazendo, saindo em seguida.

Solto o ar, podendo ainda sentir seu sabor em minha boca, seu cheiro em minhas mãos. Olho para o lado e, então, o xale que antes a protegia do frio está jogado ao chão. Pego-o, olhando a delicadeza da peça e a aperto entre minhas mãos.

O que faço agora?



— O que inferno é isso, o navio está afundando? — balbucio, meio tonto, o gosto amargo do uísque ainda em minha boca ao me levantar e ter a impressão de que alguém quer derrubar a porta do meu quarto. — Já vai! — grito, tentando manter o equilíbrio.

Porra, devo me lembrar de não mais beber em um cruzeiro. Estou mais tonto do que deveria. Abro a porta de uma vez, disposto a mandar quem quer que seja para puta que o pariu.

— Você?

— Posso entrar? — pergunta, inquieta, trocando o peso do corpo de um lado para outro, me pegando completamente desprevenido.

— Claro, entre. — A tontura parece ir embora e dar lugar à ansiedade em vê-la, a temperatura subindo, meu coração acelerando enquanto sinto-me suar.

— Eu não consigo dormir, eu não consigo parar de pensar, eu não consigo... te esquecer! — grita, seus olhos rasos de lágrimas, parada no corredor.

Espere, não é só mágoa que Melissa ainda sente por mim.

— Melissa...

— Eu vim para esta viagem para ter paz, sabia? Fugir de tudo, e o que acontece? Te encontro aqui, assim, sabe o quanto foidifíci te esquecer? — A forma como fala, tão magoada, me machuca, e ela passa a andar, de um lado para outro, apertando mais o roupão branco ao redor do seu corpo. — São dez anos, dez, e você reaparece assim, aqui, como um maldito príncipe encantado segurando o meu sapatinho de cristal e não bastando isso, parece querer arrancar o último resquício da minha sanidade.

— Eu não quero arrancar nada de você, eu quero conversar, me explicar. Contar a verdade sobre o passado.

— Que verdade? Que se casou com Emília grávida de um filho seu?

— Não...

— Não se casou?

— Eu já disse, ela não estava grávida, Melissa! — falo alto, até bem mais do que gostaria, a assustando e a fazendo calar, fazendo sinal para que entre no quarto, a mulher passa por mim apressada e confusa.

— Eu vi, vi vocês dois na cama, vi a matéria, recebi o convite.
— E suas palavras não passam de um sussurro choroso.

— Sei disso. — Aproximo-me dois passos e ela dá três para trás, me fazendo parar. — Eu achei que sim, eu realmente acreditei que tinha te traído, eu acreditei porque foi o que eu vi também. Eu estava nu, ela estava nua e você estava lá. Eu não me lembrava que tínhamos transado, só me lembrava de Emília batendo à porta, naquela madrugada, chorando — derramo tudo de uma vez, querendo que ela acredite em mim, enquanto Melissa apenas me

olha. — Eu a deixei entrar, a acalmei e, então, acordei no dia seguinte. Você estava lá, Emília estava lá, nua e eu...

— Você?

— Eu me odiei no processo. Odiei a menina deitada na cama ao meu lado, odiei tudo o que se seguiu naqueles dias. — O pior era a confusão que eu sentia por não entender o que aconteceu naquela noite e também pela dor de perdê-la.

— Não espera que eu acredite nisso, espera?

Eu estou contando a ela a verdade, ela veio em busca da verdade, mas claramente não acredita no que digo. Aperto o alto do nariz, sentindo meu corpo tenso.

— Eu mesmo não acreditei, como poderia esperar que você acredite?

Seu rosto continua confuso, suas mãos vão até sua cintura, uma delas sendo arrastada até o alto do abdômen, apertando-o, fazendo uma pequena careta. Olhando ao redor, parecendo buscar um lugar para se sentar.

— Como assim?

— Eu te amava, Melissa, tanto que achei que enlouqueceria quando não quis me ouvir, quando não quis mais me ver. Eu me senti um lixo, acreditei que era um lixo e eu sabia que não te merecia, não depois de te trair, mas então...

— Eu não entendo, não entendo. O que diabos aconteceu, após aquela manhã? — pergunta, ansiosa, sentando-se na pequena poltrona próxima da cama.

— As coisas pioraram. Emília me procurou após um mês, claro, isso depois de ter tentado se aproximar antes e então ela disse que estava esperando um filho meu. No dia seguinte, lá estava o pai dela, me intimando, conversando com meu pai. Afinal, ela não poderia ser uma mãe solo. — Pauso, indo até a cama e me sentando, de frente para ela, nossos joelhos quase se tocando. Ainda consigo me lembrar daquela tarde cinzenta. — Eu não tinha mais o que perder, não tinha mais a garota perfeita que eu tanto

amava e tinha uma criança em questão. Daniela me alertou, falou em teste de paternidade, mas eu não poderia. Apesar de não me lembrar, os indícios estavam contra mim. Eu aceitei.

— Sim, aceitou.

— Nos casamos três meses depois, às pressas, e fomos para a lua de mel, mas tudo foi uma farsa — praticamente cuspi as últimas palavras, olhando o rosto de Melissa que deixa uma lágrima escorrer. — Ela não era você, Melissa, e eu não poderia amá-la, por mais que eu quisesse. Ela tentou e eu sequer consegui tocá-la em todo aquele período, por mais que eu tentasse me esforçar para gostar dela, ser seu marido e um bom pai para o filho que viria a nascer, eu não conseguia nem mesmo dormir ao seu lado. — Engulo em seco, falar-se torna doloroso a cada lágrima que vejo descer pelo rosto de Melissa.

— Eu não entendo...

— Até aí, eu também não entendia. Até o dia em que precisei viajar e, ao voltar, Emília tinha perdido o bebê. Estava na casa dos pais dela, abatida, triste e dependente. Eu queria dizer que não senti alívio, queria sim, mas... como seria criar um filho ao lado de uma mulher que eu não amava? Hoje eu enxergo as coisas de outra forma, claro, mas na época, cogitei ser o momento perfeito para o divórcio, claro, após dar todo o apoio que ela necessitasse.

— Espera, se ela perdeu... como...

— Não se perde o que nunca se teve, perde?

— Meu Deus. — Vejo-a tapar a boca, espantada.

— Naqueles dias, eu vi uma Emília totalmente dependente e também manipuladora. — Paro de falar medindo as palavras. Quão errado é falar disso agora, quando Emília já não está aqui? Não que mudaria os fatos do que aconteceu no passado, mas eu teria como provar o que digo. — Meses depois dela perder o suposto bebê, de se mostrar abalada e em depressão, cheguei certo dia e a encontrei com os pulsos cortados, na banheira, ainda estava consciente, tinha acabado de acontecer. — Pauso, buscando ar, enquanto Melissa

me olha, ansiosa. — Corri com ela para o hospital e fui chegar lá e ter acesso à sua ficha, por ser médico, que descobri que não existiu gravidez, nunca teve um bebê em seu ventre. Fiquei louco e passei a ter nojo da mulher com quem me casei. Saí de casa naquele mesmo dia, pela primeira vez.

Ela se levanta, de súbito, passando a mão no rosto, tentando limpar as lágrimas.

— A primeira separação. — Seus olhos, de um azul-escuro, estão arregalados, a boca entreaberta, parecendo enfim começar a entender.

— Sim, a primeira. Um ano após o casamento.

— E por que voltou? — Sua pressa me traz vergonha. Me pergunto até hoje o motivo pelo qual voltei, mesmo sabendo qual foi.

— Depressão, ela estava em depressão e parecia ser mesmo verdade. Fui visitá-la no dia seguinte, ao que cortou os pulsos, fui para dar um basta naquilo, mas sua psicóloga me abordou, como marido era justo que eu soubesse pelo que ela estava passando, para que pudesse entendê-la e ajudá-la. Não pude negar apoio.

— Você voltou.

— Voltei e sequer disse a ela que eu sabia que nunca houve uma criança.

— Se não tinha bebê...

— Então Emília passou a viajar, viajar bastante, dizia que fazia bem a ela, mas no fundo, ela sabia que se ficasse, nos separaríamos. Eu já estava terminando minha residência, me preparando para a minha especialização e pouco me importava. — Eu me acomodei, ela nunca estava lá, não me causava problemas, achava que não tinha motivos para começar uma nova briga. — Mal nos víamos, pouco nos falávamos, era apenas cômodo continuarmos juntos. Mas em uma tarde, ao voltar de viagem, ela foi para o hospital e ao entrar em uma das salas me viu conversando com Isabela, também residente. Emília surtou, gritou, fez um escândalo.

— Foi a segunda separação...

— Isso... eu pedi o divórcio. Ela negou e eu queria o litigioso e, então, mais uma internação, dessa vez por overdose. Emília vivia de manipular, de brincar com as pessoas para que fizessem exatamente o que ela queria e quando isso dava errado, ela achava um jeito de manter quem quer que fosse ao seu lado.

À medida que ouve, ela anui, confirmando o que falo, seu semblante ainda espantado e, aos poucos, ela vem se aproximando, ficando mais próxima. Tão próxima que consigo sentir seu perfume.

— É, essa era a Emília.

— Dessa vez, não cheguei a voltar com ela, não desisti do divórcio, acatei apenas um pedido de sua mãe, de estar com ela enquanto a internavam em uma clínica de reabilitação, apenas isso, mas deixei claro o que faríamos a seguir

Ela volta a se sentar, com certa delicadeza e a dúvida já não está estampada em seu rosto.

— A viagem... — completa, ajeitando-se na cadeira, seu joelho tocando o meu, causando um pequeno choque no lugar.

— Para todos os efeitos, sempre davam um jeito de fazer de nós o casal perfeito. Ela precisou ficar internada algumas semanas e, após voltar para casa, eu disse a ela que iria embora, que ela poderia seguir a vida como bem queria e eu faria a mesma coisa. — Esse dia, eu jamais vou esquecer, foi o dia em que Emília me causou quase dor física apenas com palavras. — Foi nesse dia que eu descobri tudo. Ela mesmo contou, com requintes de detalhes e crueldade. Ela sabia que não tínhamos mais volta, que não conseguiria mais me manipular e tentou me machucar usando, jogando em minha cara o quanto fui idiota e o quanto foi fácil para ela conseguir a mim como seu troféu. — Fecho meus olhos, sentindo-os arder, o gosto da bebida novamente voltando à minha boca, trazendo junto o sabor amargo do arrependimento.

— Ela te idolatrava... ela te queria e eu não percebi.

— De uma forma maluca, ela acreditava que me amava.

— Me conte o que ela te contou, me conte como tudo aconteceu naquela noite, antes do nosso fim.

— Entre mim e ela, de forma romântica? — pergunto e ela anui. — Nada... Emília estava abalada quando bateu em minha porta naquela madrugada, chorando, tremendo de frio. Em um primeiro momento, não entendi o que aconteceu e tentei acalmá-la, compreender o que fazia na rua naquela madrugada e sozinha, sem você, já que naquele verão você estava hospedada na casa dela. — As duas eram inseparáveis, disso me lembro bem, Melissa só não via a verdadeira face da amiga. Essa parte ela escondia bem, admito. — Emília mal conseguia falar direito tamanho o choro e eu a levei para o meu quarto, a embulhei e fui pegar algo para acalmá-la. Não tinha muito o que beber, fiz chocolate quente, a noite estava fria, poderia ajudar. Eu nos servi, ela pediu então uma bebida, cerveja, eu neguei mas acabei indo pegar. E não me lembro de mais nada após voltar ao quarto e vê-la beber. Mas ela fez questão de me contar durante nossa briga. Segundo ela, o boa noite cinderela não serve apenas para garotas inocentes e eu dormi muito bem naquela noite, assim como ela. Era o plano perfeito, você chegaria, nos encontraria e fim, caminho livre.

Espero uma reação e a mulher à minha frente parece uma estátua, olhos vidrados, parecendo longe. Talvez se lembrando daquele dia ou tentando imaginar a cena que acabei de contar.

— Ela armou tudo. Aquela, aquela... Emília disse que eu não fosse te ver naquela noite, que esperasse o dia seguinte para te contar a novidade, pois já era tarde — esbraveja, o corpo empertigado, olhos agora raivosos, sem traço de lágrimas.

— Emília só não contava que mesmo que você me deixasse, ainda assim, eu não iria amá-la.

— Por isso a gravidez.

— Isso, e eu fui burro o bastante para acreditar

— Por que não me procurou? Por que não tentou depois?

— Eu tentei, você disse não. Então anos depois, ao saber da verdade, eu te mandei uma carta, eu não sabia se iria querer falar comigo. Da última vez que tentei me aproximar foi assim, você não quis me ouvir, achei que se conseguisse te escrever, você poderia aceitar um encontro. Emília ainda estava viva, poderia confirmar a história, eu não sei..., mas você não respondeu.

— Claro que não, eu não recebi nenhuma carta, nenhuma. E... e... — Ela se levanta e eu faço o mesmo.

— Mel. — Ela não se afastava, deixando que eu a abrace, desta vez, sem resistência. — Ah, Mel, me perdoe... me perdoe por não tentar mais.

Melissa chora, segurando minha camisa, e eu quero ficar aqui, com ela, assim. Quero dizer que nunca nenhuma mulher fez eu me sentir como ela fez. Mas não consigo. Nada consigo dizer, pois em minha garganta tem um bolo que me impossibilita falar. Afundo meu rosto em seu cabelo, sentindo seu cheiro.

Como é bom.

Ela se move e eu quero segurá-la com mais força, não deixar que se afaste novamente, mas como posso impedir?

— Não me afaste...

— Você entende a ironia? Eu... logo agora, logo agora que...

— Mel.

— Eu preciso ir — fala, limpando o nariz, tentando não chorar.
— Eu quero pensar, eu preciso aceitar... acreditar.

— Eu preciso de você, Melissa.

— Ficou bem sem mim, até agora.

— Não por escolha. Não fuja mais.

— Eu não vou, mas... você não entende a confusão na qual estou. Eu só preciso ir.

E de novo a vejo partir, mas desta vez algo me diz que será diferente.

Capitolo 14



Apaixonar-se pode trazer dores, mas nunca se apaixonar pode lhe trazer uma vida sem cor

Melissa

“ Greyson East deixou sua marca em mim. Era uma garota quando me apaixonei por ele, eu não sabia muito sobre a vida. Eu sabia sobre seus sorrisos, suas risadas e sobre o jeito estranho que meu estômago revirava quando ele estava perto...”

O que eu li mesmo? — pergunto a mim mesma, voltando a ler, ou tentando, o livro da Brittainy C. Cherry, Eleonor e Gray. Há horas tento me conectar e voltar a ler o livro e não consigo seguir adiante nos próximos parágrafos. Permaneço de óculos escuros, por mais que já não tenha sol neste finzinho de tarde, quase noite, enquanto permaneço na lateral externa do navio, deitada em uma das espreguiçadeiras.

Uso óculos escuros para esconder o inchaço em meus olhos, já que chorei grande parte da noite. Uma mentira, chorei durante o dia também e mesmo que tentasse disfarçar a vontade não passava. Está difícil digerir tudo o que ouvi ontem.

“ *A carta.*”

Onde eu estava, quase sete anos atrás? Eu ainda morava no mesmo endereço, então, por que eu não recebi a tal carta?

Ainda que sua versão seja bem contada, e que eu conheça bem Emília e seu poder de persuasão desde pequena, ele pode estar inventando tudo isso. Ninguém aguenta tanto por nada, se

bem que, nós seres humanos temos a capacidade de nos acostumarmos com toda e qualquer situação.

Ao mesmo tempo, me pergunto por que diabos se dar tanto ao trabalho assim, por nada...

Já revirei toda aquela conversa por vezes demais em minha cabeça, já analisei cada detalhe, refiz cada caminho, mesmo que doesse tanto e estou mais perdida do que qualquer coisa. Não posso esquecer que, além de todo esse cocô de dinossauro, a verdade aparece logo agora.

Se esse homem quer se reaproximar, se for verdade, como eu vou resistir a ele, ao que sinto? Pior, como vou contar que...

Eu devo estar enlouquecendo, devo ter caído e batido a cabeça e logo vou acordar em um quarto de hospital e lá estará Rebecca, me dizendo que entrei em coma e que acabei de acordar e estou bem. Assim, percebo que logo volto a ser feliz ao notar que tudo fora um sonho. Seria perfeito.

— Cheguei!

— Santo Deus, Rebecca. Chegue devagar.

— Não sou delicada e você sabe. — Rebecca espia por cima do meu ombro. — Ainda esse livro e na mesma página? — pergunta e volto a olhar o livro aberto em meu colo.

— Não consigo me conectar. — Hoje a acompanhei à tarde na piscina.

Enquanto ela tomava banho e se bronzeava, eu tentava ler, não chorar e não pensar em Vladimir, que desde a nossa conversa não o vejo.

— Está pensando na mamãe? Me pergunto como ela deve estar...

Deixo o livro de lado, olhando o céu já escuro e cheio de estrelas.

— Ela iria amar uma viagem como esta.

— Ao menos, ela terá o diário. Estou escrevendo um pouco a cada dia. Colocando detalhes, lugares, momentos — fã e sorri, melancólica.

— Ei, felicidade, se lembra? Esse é o intuito da viagem. — Ajeito-me na espreguiçadeira, arrumando as mangas da saia da que visto.

— Sério, você, dizendo isso? — Ao dizer, vejo o sorriso fãceiro novamente em seu rosto, os olhos chocolate brilhando com a brincadeira.

Dou de ombros, é minha única resposta. Nossa mãe vai amar um novo diário, mesmo que momentaneamente. Sinto algo parecido com um calafrio subir por minha espinha, fazendo com um leve tremor passe por minha nuca, é rápido e por algum motivo me lembra Vladimir.

— Boa noite, meninas. — Fecho meus olhos ao ouvir essa voz, agradecendo os óculos que uso.

— Olha quem está aqui... boa noite, Vladimir. E, Mel, como tem companhia agora, vou para o quarto. Preciso preparar a roupa que usarei amanhã, quando ancorarmos em Búzios. — Nem respondo, só engulo em seco, vendo-a sair.

Mesmo de costas, eu posso senti-lo, seu perfume é inconfundível.

— Sua irmã parece uma figura.

— E ela é... é ótima. — Enfim me viro, voltando a me recostar na cadeira e vendo-o se sentar ao meu lado.

— Conjuntivite? — pergunta, em seus lábios tem a sombra de um sorriso, já seus olhos estão mais escuros, diria preocupados.

— Não, é só incômodo pela luz.

— Posso ficar aqui com você? — Ele já está, o que eu posso dizer?

— Por que não? Já aceitei que não dá pra fugir de você estando presa em um cruzeiro.

Ele sorri, verdadeiramente desta vez, seus olhos chegando a enrugar na pontinha. O tempo f ezbem a Vladimir, que se assemelha a um bom vinho, o tempo só agrega sabor a ele.

— Mundo pequeno este. Juro que nunca imaginei te encontrar no Rio.

— Nem eu, assim como também não imaginei que te encontraria em um cruzeiro. O que f azaqui, af inal? — pergunto, já não vou mais f ugir

— Congresso. A velha e boa reciclagem.

— Hum, parece bom — conf irmoe volto a olhar as estrelas, perdendo alguns minutos contemplando-as.

Minha atenção volta ao livro aberto sobre minhas pernas, tentando olhar para algo que não seja ele, controlando meu estômago que parece disposto a colocar o suco que tomei à tarde para f ora.

— Tenho um convite pra te f azer..

— Um convite?

— Um jantar.

— Não, obrigada. — Não irei f ugirdele, mas também, não sei se quero correr o risco de estar perto o bastante. — Não estou no clima de ver gente, jantar em lugares cheios. Logo irei para a minha suí te, um lugar privado.

— Perf eito, eu não estava mesmo querendo ir para um lugar cheio, estava pensando em algo a dois, na verdade, pedi que arrumassem uma mesa no deque da minha suí te. Pensei que seria melhor para podermos conversar.

— Vladimir, eu...

— Por f aavor Sei que deve estar conf usa, que sou a última pessoa que queria aqui, mas, Melissa, e se f oralém? E se f or o destino ou, sei lá, os cosmos trabalhando a nosso f aavor?

Claro, porque seria perf eito encontrar o seu amor de juventude, quando tudo o que você tem são três meses de vida. Me

dou conta, isso não é a droga de um sonho.



Caetano Veloso segue sua canção em tom suave e baixo que cria certo eco dentro da suí tede Vladmir, enquanto não há nada a ser dito. Ou melhor, tem muito a ser dito, mas, até então, nada é ouvido, talvez tenha sido por isso que aceitei seu convite, pela menção de um lugar discreto. A quem tento enganar? Eu não conseguiria negar seu convite.

Momentos antes, saí mosdireto da área externa e viemos para o seu quarto, sequer pude trocar de roupa. Af astoo prato do jantar, me sentindo cheia. Talvez tenha tentado tanto não conversar com ele, que acabei comendo demais.

Já Vladmir, apenas me observa calado, parecendo f azer seu próprio monólogo. Pergunto-me se ele passou o dia imaginando como e quando seria nosso próximo encontro, assim como eu f iz.

— Andou chorando. — É uma af irmação, não uma pergunta.

Acabei tirando os óculos, seria ridí culojantar com ele em meu rosto.

— Andei. — Não tenho como negar isso e solto o ar que estava prendendo ao ouvi-lo. — Sou a manteiga, se lembra?

— Eu nunca esqueci. Tem dúvidas, Melissa, se eu disse a verdade?

— Tenho, claro que as tenho. Passei dez anos acreditando em algo, remoendo esse algo, relembrando. Aquilo me marcou, me marcou tanto que precisei ir para a terapia e nem mesmo isso me f ez voltar a conf iar nas pessoas.

— Eu sinto muito. Não f oram anos f elizes para mim também. Não no sentido romântico da coisa.

— Todos nós temos nossos problemas.

— Acho que sim — conf irma,abrindo a boca para dizer algo e parando, ao invés disso, ele se levanta e se aproxima de mim, estendendo sua mão. — Podemos?

— Dançar?

— Por que não?

Engulo em seco, levantando-me, me apoiando em sua mão e me deixo ser guiada.

Vlad me traz para próximo do seu corpo, uma mão em minha cintura e a outra segura firme minha mão, começando pequenos passos, um para lá e outro para cá, enquanto a melodia de “ Sozinho” ecoa pela pequena suíte.

— Apesar de tudo, ainda sobrou algum sentimento bom com relação a nós? Acha que, se conseguir acreditar em mim, no que sinto, podemos tentar?

Eu queria tanto dizer sim, queria tanto me deixar envolver em promessas, em um talvez. Mas o que eu diria?

“Posso sim, mas apenas pelos próximos três meses.”

Uma voz grita em minha mente e por mais que eu tente me enganar, eu o amo, caramba. Posso não querer esse homem em minha vida de forma definitiva, mas o quero ao menos por esta noite.

— Me beije, como da primeira vez...

Capitolo 15



***O doce sabor da paixão quando se encontra àquela metade da
laranja.***

Vladimir

Só deixo de olhar seu rosto bonito quando toco seus lábios com os meus, desta vez não a pego desprevenida, Melissa me beija com desespero, com pressa, como se quisesse saciar um desejo há muito guardado, talvez o mesmo desejo ao qual sinto.

Arrasto minhas mãos pela lateral da sua cintura, a saudade trazendo ansiedade juvenil em ter seu corpo, em lembrar a sensação de estar com alguém que amo. Impulsiono a nós dois a andar em direção à cama e a deito, podendo olhá-la de cima, linda, entregue, minha.

— Quero provar seu gosto — sussurro e me deito sobre seu corpo, arrastando minha boca por seu pescoço, passando por cima do pano fino da sua saída e me ajoelhando à sua frente, abrindo suas pernas e dando de cara com a pequena peça do biquíni rosa.

Vejo-a de lábios entreabertos, olhando para os lados, envergonhada, tentando pensar, e sou mais rápido ao impedir que a razão lhe cubra, jogando a barra da roupa para cima e mergulhando em sua boceta, ainda coberta. Passo a língua sobre o pano rosa e quase posso sentir o seu sabor, sentindo seu corpo, antes tenso, relaxar ao meu toque.

Minhas mãos vão para a lateral da calcinha, puxando os pequenos laços e a tiro, jogando-a ao lado, deixando agora a boceta depilada, lisa e molhada pronta para mim. Um banquete ao meu alcance.

— Ah...

Ouçõ-a gemer enquanto minha língua pincela sua intimidade com delicadeza, como se degustasse uma iguaria rara. É assim que a vejo, rara. Seguro seus seios com uma das mãos enquanto mergulho a língua em sua boceta excitada e levemente salgada, podendo gozar apenas por sentir seu gosto, por sentir que é ela aqui, comigo.

— Vlad...

— Quieta, Mel... se não quiser que escutem seus gemidos. — Mas ao falar isso, ainda que adore seus gemidos, eu não paro, mordendo com delicadeza o nervo sensível e duro.

Estou a fodendo com a língua, olhando seu rosto corado, perdida em prazer, os cabelos pretos bagunçados, a boca entreaberta sem conseguir conter seus gemidos. O líquido que lhe escorre é como mel e sugo cada gota, apressado, louco por dar-lhe mais prazer, vê-la gozar. Meu pau lateja na cueca querendo entrar na brincadeira, mas não se trata de mim e sim dela.

— Eu vou... — Ela não termina de falar e sugo seu clitóris, o segurando entre os dentes e pincelando minha língua nele.

Suas mãos voam para minha cabeça, tentando segurar meus cabelos curtos, tentando se segurar em algo, gemendo meu nome e pouco me importa se está alto demais. Seu corpo convulsiona embaixo de mim e lambuzo meu rosto em sua boceta, olhando em seus olhos, até que ela perde a batalha e os fecha, caindo no precipício. Ainda que seus espasmos cessem, eu não paro, tomo tudo que ela pode me dar e, só então, começo a fazer o caminho de volta, querendo tomar sua boca de volta para mim.

Melissa

Perco-me em seus olhos quando a mão grande segura minha cintura, a boca ficando a centímetros da minha. Um suspiro me escapa e não deixo o sorriso morrer em meus lábios, tentando controlar minha respiração, meu corpo que agora parece gelatina.

Meu sorriso é retribuído e sinto o cheiro da maresia, junto ao meu cheiro e ao gosto quando seus lábios macios cobrem os meus e eu fecho os olhos e apenas o sinto, me entregando ao momento.

Seu beijo é ainda melhor do que eu lembrava, nossos corpos se adequando perfeitamente um ao outro, se encaixando, enquanto seu sexo duro, dentro da calça, resvalando em mim, excitando-me mais uma vez. Sua língua busca a minha em uma carícia leve que me delicia, ah... como é bom, quase gemo, antes que ele se afaste e me olhe novamente. Tem uma grande chance que eu me arrependa, assim como tem uma grande chance de que eu me arrependa caso não vá até o fim.

— O que está disposta a me dar hoje, Mel?

— Estou disposta a lhe dar tudo.

Tranco a porta do meu subconsciente quando sua boca desce sobre a minha mais uma vez e é profundo, quente, e eu me agarro mais ao seu corpo e sou eu a tomar a iniciativa, a levar as mãos à barra de sua camisa levantando-a.

Ele sorri matreiro, sua mão se embrenhando por minha nuca, agarrando meus cabelos e me prendendo a si. E ele não é tão delicado quanto fui para tirar sua camisa, na verdade, suas mãos seguram ambas as laterais do decote da saia.

— Você é deliciosa — fala, parecendo admirar cada parte do meu corpo.

Olha-me, parecendo à espera de permissão, aceno que sim e ouço a peça sendo puxada e me deixando exposta.

Sorrio, desinibida, talvez devido ao efeito do olhar apreciativo que tanto esperei ter de Vladimir novamente. Passo minhas mãos pelo seu abdômen definido, com alguns poucos pelos, exatamente como me lembro.

— Você está tão linda agora quanto me lembrava, Mel.

Penso que se juntará a mim, mas não, ele se mantém em pé próximo à cama e segura meus tornozelos, puxando-me mais para a beirada da cama, com um sorriso de lobo em seu rosto e eu não nego estar adorando cada segundo, tentando abstrair cada miserável pensamento que queira atrapalhar o prazer e o desejo que sinto.

O homem morde meu peito e minha lubrificação enxarcar meu sexo. Tento segurar sua nuca, segurar em algo, mas ele me detém, soltando meu seio.

— Quieta, Mel... — Ao fazer, ele não para, mordendo-me novamente.

— Ahhhh... a essa altura, eu não me... uhhhhh... — Não termino a frase quando o homem arrasta seus dedos pelo meu sexo, enfia um em mim.

Seguro os lençóis, flexionando os dedos enquanto sua boca está sobre a minha e seus dedos fodem-me.

— Eu vou... — Não completo, pois ele para, que droga!

Abro os olhos, apenas para vê-lo em pé, entre minhas pernas, desabotoando a calça com pressa.

— Não vai, assim não, ainda não.

— Mas... — Antes que eu faça, recebo uma palmada em meu sexo, que estala por estar molhado, me fazendo arquejar

— Assim não... preciso te sentir, preciso fazê-lagozar em meu pau — fala e desce a calça com a cueca boxer junto, fazendo a ereção saltar.

O membro ereto, rosado e deliciosamente grande e cheio de veias, me faz pulsar, pedindo-o. Seus dedos voltam a massagear-me, passando por entre meus lábios e entrando em mim.

— Molhada e pronta. Sou grande, Mel, não quero que se machuque. Estou ansioso e vou tentar entrar em você com cuidado.

Fico por segundos tocada com sua preocupação, vendo-o se curvar, beijar novamente minha boceta, passando a língua desde o meu ânus até o clitóris, querendo me levar à loucura, com toda certeza.

— Vlad... — E sua boca é substituída por seu pau, que não me penetra, mas sobe e desce em minha extensão, se lambuzando em minha umidade.

— Chupe, molhe meus dedos. — Olho-o. — Vamos, abra a boca e deixe-os molhados.

Eu o faço e vejo-o espalhar minha saliva em seu pau, isso é... erótico, tão excitantemente quente. Ele mudou, sua forma de tocar-me é a mesma, porém mais experiente e tento, tento mesmo não pensar em quantas mulheres ele já teve.

Vlad encaixa seu pau em minha entrada e então me penetra, aos poucos, encontrando certa barreira no início, ganhando passagem e me preenchendo de vez, por completo. Travo meus dentes e aperto seus ombros, cravando minhas unhas em sua pele, me segurando para não gritar de prazer e dor. Ele é mesmo grande.

— Isso, Mel...

Ah! E não demora quando começo a me movimentar junto a ele, em um vaivém gostoso demais. Sem parar, Vladimir me puxa pelos braços, me pondo meio sentada, ainda dentro de mim, me fazendo abraçar seus quadris com as pernas, segurando meus cabelos ao puxar minha cabeça para trás e mergulhar sua boca na minha, soltando-me apenas para abocanhar um seio, enquanto jogo minha cabeça para trás e me entrego de bandeja, sentindo sua boca em todos os lugares, passando por meu pescoço e voltando a me beijar.

Sou tirada da cama por ele que se levanta comigo e prensa-me contra a parede e só consigo sorrir em meio ao beijo, sentindo-o ir mais fundo dentro de mim, minhas costas batendo contra a parede enquanto o incentivo a ir mais rápido.

— Assim, assim...

— Assim, é? Gosta assim, Mel?

— Gosto, Vlad, continue assim.

Um tapa estala na minha bunda e ele puxa meu cabelo, mordendo meus lábios.

— Gosta de apanhar na bunda assim também?

— Sim, de novo, eu quero mais...

É a vez de ele sorrir, e eu já estou esbafoada, buscando meu próprio prazer.

Ele soca fundo, cada vez mais fundo, o barulho de sexo ecoando pelo lugar, nossos corpos suados e o prazer quase chegando ao ápice e eu só quero mais. Sinto suas mãos em minha bunda novamente, algo intenso se formando quando ele interrompe e me devolve à cama, sem sair de mim.

Uma estocada, duas, três e seu pau é substituído por sua língua, enquanto ele está abaixado à minha frente, chupando-me, e eu só quero me deixar ir, algo tão gostoso vindo para o meu baixo ventre, uma sensação diferente.

— Não pare, Vlad. Não pare...

Seus dedos me penetram, enquanto sua língua passeia em minha boceta, menos em meu clitóris como se ele quisesse prolongar o prazer ou me torturar.

— Vlad... — sussurro, perdida, mas longe de alcançar o ápice do prazer, ainda assim, o sentindo. É algo inexplicável.

Seu pau volta a me penetrar, desta vez mais fundo, mais rápido e sinto o peso do seu corpo, seu beijo e me agarro a ele, sentindo-o todo dentro de mim, por completo, e é maravilhoso. Sua boca alcança meu pescoço em um beijo seguido de um chupão e logo ele encontra minha orelha, a lambendo, e eu me derreto.

— Goza, aperte essa boceta ao redor do meu pau, como da primeira vez, Mel.

Algo diferente vem com força com suas estocadas cada vez mais vigorosas, é como se eu não aguentasse mais, quisesse

expulsá-lo e, ao mesmo tempo, tê-lo todo e então me desmancho em gozo, sentindo-o sair de cima de mim, me deixando cair em um abismo. Procuro-o com o olhar, grudando os dedos nos lençóis acolchoados, me derramando, gemendo e gritando seu nome enquanto ele olha seu pau entrar e sair de mim.

Sua mão alcança meu clitóris, seu sorriso é a última coisa que vejo antes de fechar os olhos e cair como se estivesse sendo estilhaçada, sentindo o corpo mole flutuar em um abismo sem fim.

Capitolo 16



Dizem que primeiro vem a bonança, depois o castigo, ou seria contrário?

Melissa

A noite inteira não fui suficiente, tampouco a manhã. Exaustos e suados, achamos que seria uma boa ideia um banho demorado, regado a carícias, beijos e mais sexo, dessa vez, Vlad me fez gozar em pé, escorada na parede do chuveiro enquanto me chupava como se eu fosse sua favorita.

Logo depois, eu o fiz gozar em minha boca, ajoelhada no chão. Estou ainda deitada em sua cama, acordada após um breve cochilo, mas sem querer realmente abrir os olhos e ter que encarar a realidade fora deste quarto. Sinto o colchão afundar ao meu lado e abro os olhos, encontrando-o de roupão.

— acorde, Cinderela, já é meio-dia.

Sorrio preguiçosamente e ganho um beijo nos lábios.

— É, tenho mesmo que acordar e ir à procura de Becca que já deve estar explorando a cidade.

— Não.

— Não? — pergunto, ainda zozza.

— Não. Tem que acordar e almoçar comigo como prometeu. Lembra?

Eu realmente prometi isso a ele, em algum momento enquanto tinha seu membro dentro de mim, sequer estava pensando bem nesse meio-tempo. Engulo em seco.

— Sério? Não vai ao congresso?

— Sim, é sério, você aceitou o convite e enquanto estava aqui cochilando, pedi nosso almoço. Está servido ali no deque e não, sem compromisso hoje além de estar com você.

Tento disfarçar minha surpresa, mas acho que é impossível velo olho através das portas de vidro que separam o quarto do pequeno espaço que abriga a mesa já pronta para o almoço, que dá vista para o mar. A mesa já está cheia de comida, muito mais do que nós dois poderíamos comer e, de novo, me vejo cedendo a mais um convite seu.

— Eu estou mesmo faminta — Também pudera, sequer nos lembramos do café da manhã. Sento-me e recebo de sua mão uma camisa social branca de mangas compridas.

— Você é pequena, acho que vai servir como um vestido.

— Sempre brincando com minha altura.

Pego-a e me levanto, vendo-o seguir para fora, rindo, enquanto visto a peça um pouco transparente. Quando termino, me aproximo da mesa em que ele já está me esperando, sentado, olhando o mar, até que percebe minha presença e volta sua atenção para mim, vestida em sua camisa. Dou de ombros e o vejo sorrir.

— Ficou perfeita em você, melhor que em mim.

— Um pouco transparente, eu acho.

— Por isso mesmo é perfeita — diz, segurando minha mão e a levando aos lábios.

Parece que estou em um conto de fadas. Parece que estou em um deles desde que entrei aqui ontem; o jantar, sua formosura de me tocar, de amar meu corpo, tudo foi tão perfeito quanto poderia ser em um sonho e continua sendo. Só estou com medo de acordar ou de pensar no futuro.

Sento-me à sua frente e sob seu olhar aparentemente avaliativo, me sirvo do almoço à la carte, vendo-o fazer o mesmo.

— Mel...

— Não — peço, quase em murmúrio. — Não vamos falar do passado agora, por favor — Sua mão busca a minha sobre a mesa, a apertando.

— E sobre o futuro?

Eu não tenho um futuro, ao menos, não um muito longo...

— Falou que Ana o considera como pai, me conte, moram juntos? — pergunto, fingindo assunto e vejo seus olhos brilharem ao ouvir falar da pequena.

— Sim, moramos. Um pouco antes do acidente de... Emília, foi quando Dani engravidou, já estávamos separados, então levei minha irmã para o meu apartamento. Era apenas um lugar vazio, com alguns móveis, ela transformou tudo, fez um lar para nós dois e, logo, Ana chegou.

— Foi difícil?

— No início, eu seria só o tio legal, o irmão que apoia, mas quando ela nasceu... Uau! Um mundo novo se abriu. Nunca pensei em filhos, mas ver um bebê nascer é uma das emoções mais lindas do mundo. Não consigo me imaginar sem ela e caso encontre a mulher dos meus sonhos e faça dela minha para sempre, saiba que quero muitos e muitos filhos.

Engasgo ao ouvi-lo, o suco fazendo minha garganta arder, enquanto o acesso de tosse faz meu corpo tremer

— Mel, tudo bem?

— Tudo, tudo... — falo, a voz rouca, a garganta doendo e o coração apertado.

Ele quer filhos.

— E você, me fale de você, o que fez todos esses anos?

— Eu me formei, fiz pós-graduação na área em que eu tanto queria e perdi meu pai para um AVC.

— Oh, sinto muito.

— Tudo bem, já não dói tanto ao lembrar, fica só a saudade, sabe? — Será que com o tempo, comigo, será assim? As pessoas que me conhecem sentirão apenas saudade quando me for? — Continuei encarando a vida de forma simples e prática, ajudando Rebecca a se formar também e minha mãe a superar a falta do meu pai.

— E o que te trouxe para o Rio?

Respiro fundo, segurando o ar em meus pulmões por tempo demais.

— Minha mãe. Há alguns anos, descobrimos que seus esquecimentos eram bem mais que apenas cansaço mental, é Alzheimer.

— Mel... — Vladimir me olha em uma mistura de pena e pesar.

— Pois é. No início, não foi tão difícil lidar com ela. Foi difícil aceitar, acreditar no que estava bem à frente dos meus olhos. Depois veio a adaptação e até que meu plano funcionou por um tempo. Mas a doença progrediu rápido e em uma manhã, na qual ela quase colocou fogo na casa, eu vi que não conseguiria lidar com ela só eu e Rebecca. Já estávamos vindo para o Rio mensalmente para as consultas, o mais prático seria nos mudarmos. Fizemos isso, mas percebi que precisávamos de alguém que estivesse o tempo todo com ela e eu precisava trabalhar.

— Uma enfermeira?

— Muito caro, muito mesmo. Um lar de apoio é caro também, porém nos dá melhores opções. Lá, ela tem vários especialistas, não apenas um, além de poder socializar com outras pessoas e... — Parei de falar sentindo meus olhos lacrimejarem. A verdade é que me sinto mal por deixá-la naquele lugar, sinto que estou a abandonando.

— Não a abandonou, Melissa — Vlad fala, como se estivesse em minha cabeça, soubesse meus pensamentos.

— Sei que não, meu lado racional sabe, mas... é complicado, entende?

— Imagino.

— É isso, por isso fui para o Rio.

— E está dando aula para Ana...

— Isso, para a sua Ana. Me diz, por que mudaram ela de escola?

— Dani não estava gostando da anterior. O ensino já não era tão bom e eu concordei.

Não posso impedir meu coração de bater forte ao me dar conta de que não errei, anos atrás, de que Vladimir realmente é um bom homem, não posso impedir de deixar um sorriso idiota, bobo e quase apaixonado escapar. Paizão... aqui está um homem que faria eu me apaixonar por ele de novo e de novo.

— Isso é ótimo.

— Mel, tem algo que gostaria de perguntar — fala, um pouco apreensivo, terminando seu prato. Aceno para que diga. — Por que o cruzeiro em meio ao semestre? Não que seja uma crítica, só não imagino você fazendo isso.

— Sou certinha demais para isso, não sou?

— Sim, você era e continua sendo, pelo que vejo.

— Talvez tenha me dado conta de que a vida é curta demais. Um dia, você está aqui, já no outro... — Paro a frase, buscando outro caminho. — E minha irmã queria muito fazer um cruzeiro, decidimos que era o momento.

Vladimir mantém os olhos em mim, parecendo me avaliar o tempo todo, parecendo ver através de mim. Ah, Vlad...

— Tem a ver com sua consulta com o doutor Ivan?

Não nego meu espanto, até tento, mas meus olhos parecem querer pular no prato à minha frente. Ele sabe? Não, não... ou não falaria em futuro, não se soubesse. Mas ele procurou o meu médico?

— Do que está falando?

— Gostaria que me contasse.

— Não tenho o que contar, não sei do que está falando. —
Tento soar convincente, até mesmo tento sorrir.

— Sei que não tinha amiga ou bebê, eu sei — fala e meu sorriso morre, deixo o talher sobre o prato limpo, tomo o suco de manga em minha taça, devagar, tentando controlar o furacão em meu estômago e a dor que ameaça me tomar, tentando controlar o friodentro de mim. — O sigilo entre médico e paciente impede seu médico de me dar detalhes, mas eu esperava que você me desse.

Levanto-me, vendo-o fazer o mesmo, me olhando apreensivo.

— Não há o que contar, Vladimir, e agora tenho mesmo que ir, foi perfeito o momento que tivemos, foi realmente uma dádiva. Ao menos, me sinto leve ao descobrir que não me enganei tanto sobre você. — É tão difícil pois ainda tem uma parte de mim que insiste em se lembrar daquela manhã, que relembra como foi difícil que não acredita nele. — Obrigada pelo almoço, Vlad.

Não espero e vou em direção à saída.

— Mas por que isso? — pergunta, passando por mim e ficando frente à porta, impedindo que eu saia.

— É como deve ser. Foi ótimo. Muito bom mesmo, mas tenho que ir.

— Assim? Pelo amor de Deus, Melissa.

— Sim, conversamos, esclarecemos os fatos, saímos, transamos, almoçamos como prometi e foi ótimo, mas temos que aceitar que não existe futuro nisso, Vladimir

— Foi pelo que eu disse, sobre o médico?

— E por tudo. Não quero me machucar, não quero te machucar. Não esperava mais do que isso que tivemos, não é? — pergunto, desviando o olhar. Deus, quem faz isso?

“ Alguém com um câncer inoperável, que não terá um futuro.”

— Melissa, eu...

Fico na ponta dos pés e beijo seu rosto.

— Até qualquer hora, Vlad.

Saio, batendo a porta e me dando conta de estar só com sua camisa, no corredor do navio. Droga, o que eu estou fazendo comigo?



— Oi, e aí, pronta? — Becca sai do banheiro, vestindo um tubinho básico, preto, toda sorrisos. — O que foi? Ainda de roupão?

— Estou com...

— Chega, pelo amor de Deus, Mel. Não venha com dor, já basta ter passado a tarde enfiada neste quarto, fingindo ler. Anda, se arrume.

— Becca, sabe que não sou de festas.

— No normal, não, mas não estamos no normal, estamos em um cruzeiro. E, por falar nisso, onde se enfiou até o meio-dia?

— Como?

— Você sumiu, eu vim aqui e não estava. E pare, sei que estava com ele, só não sei onde.

— Não pira, claro que estávamos no quarto dele. Não quero transar em banheiros públicos.

— Ah é, e como foi com o bonitão? Menina, naquele dia que ele veio aqui no quarto, foi um lorde. Sabe, quando parou ao meu lado no café da manhã, todo charmoso, me perguntando sedutoramente pela Cinderela... conta, que história é essa de Cinderela? Coisa antiga? — pergunta e eu reviro meus olhos, me jogando na cama de braços abertos. — Não, a Cinderela não é antiga. Foi pelo encontro na escada, o sapato.

— Ah... isso? — E ela tem uma expressão decepcionada no rosto, como se estivesse esperando algo muito maior.

— Sim, mas antes, ele sabia que eu adorava contos de fadas quando pequena, contei pra ele, certa vez, claro, jogando nele em seguida o meu discurso de como hoje em dia é necessário que meninas em contos de fadas tenham um papel além de encontrar seu príncipe encantado, mas...

— Resuma, Mel, essa sua irritação com os contos, eu já conheço.

— É isso... só isso, meu sapato que saiu do pé e ele gentilmente pegou.

— Nossa... — Os olhos sonhadores dela chegam a brilhar. — E aí?

— Passamos a noite juntos, transei! — Finjo um orgulho que não sinto.

— Ih, foi tão ruim assim?

Olho-a e me sento na cama.

— Não, foi muito, muito, muito bom. Foi excepcional, Vladimir foi lindo em cada detalhe...

— Uau... e por que tá aqui na bad, então?

— Ah, era só sexo.

— Ai, não! Você já se apaixonou em uma transa?

— Não, claro que não, Rebecca, é só Vladimir. Foi bom, gostoso, mas não quero nada além, ainda assim, ele me traz lembranças, entende?

— E por que não aproveita o tempo aqui e dar, dar, e dar mais um pouquinho? — Ela sobe e desce as sobrancelhas. — Deixe pra se afastar quando a viagem acabar Pode fazer isso.

— Não posso, tá legal? Não vim aqui pra isso e não quero me apaixonar, e eu vou, se continuar. — Omito que já estou de quatro. — Estou aqui e quero aproveitar com você, ou com outros homens, sei lá, e só esquecer Vladimir.

— Espera, é ele que não quis mais?

— Não, pior que não, mas não deixei margem para repetições.
E eu não quero mais falar disso, vamos, vou me arrumar

Minha irmã me encara, sem nem piscar.

— Nossa... nossa!

— Pare, vai.

— Tá beleza... apesar de que eu jamais deixaria de ter uma segunda vez com o deus gostoso do sexo. Mas... fazer o quê?! Então vamos lá, garota, se troque e vamos arrasar. Estou de olho em um boyzinho aí, arrumamos um pra você e outro pra mim! Anda, levante...

— Tá bom.

Alguns minutos depois que Rebecca me fez de sua boneca particular, estamos saindo do quarto. Optei por um vestido de tecido leve, rodadinho e curto, na cor vermelho-goiaba. Passo em frente ao quarto em que fiz loucuras com um homem ainda hoje e finjo não olhar, mas droga... é Vladimir.

Seria perfeito viver uma paixão no fim dos meus dias, com ele, mas seria injusto na mesma medida, tanto comigo, quanto com ele. Sem falar que... isso pode nem funcionar. Além de tudo, tem a carência, que está me deixando maluca.

Estou fazendo o certo, estou sim.

— Pra onde vamos? — pergunto, já arrependida.

— Eu já andei este cruzeiro inteiro, fiz um verdadeiro tour e o melhor lugar é o bar, por enquanto. Daqui a pouco tem festa na ala norte. A gente come alguma coisa por lá, bebemos um pouco e depois boate, isso, se a coisa lá já não estiver boa o suficiente. Hoje eu quero extravasar. O que acha?

— Parece o que eu quero... não é?

— É sim e também achar um cara gostoso pra tirar o gostoso da cabeça.

— É, esse é o plano.

Não, não é, droga.

Chegamos ao bar que tem cara daqueles cassinos de Vegas que vemos em filmes, uma iluminação misteriosa com um balcão por toda lateral do salão. Nós nos sentamos no bar mesmo, e o lugar parece bem lotado, por sinal. Olho ao redor, enquanto deixo Becca pedir algo. E não nego, estou mesmo é procurando por ele, Vladimir.

— Beba aí !

Volto minha atenção para Rebecca com um copo pequeno à minha frente, cheio de um líquido amarelinho.

— O que é?

— Tequila, se não esquecer por bem, vai esquecer por mal, irmã. Se bebe assim oh, sal, limão e vira! — fala, mostrando como se faz.

Isso vai me causar dores insuportáveis e eu poderia me preocupar com meu fígado, mas está tudo errado, não é?

Coloco sal no dorso da minha mão, lambo, chupo o limão e viro a bebida e, meu Deus! A coisa desce queimando e sobe pegando fogo e, como um clichê, balanço a cabeça como se isso tirasse o gosto ruim.

— Isso aí , garota! Outra rodada — pede para o barman.

— Não, Becca, acho que não. Isso é forte demais, meu Deus.
— Continuo a balançar a cabeça, fazendo careta.

— Bobagem, desce mais uma, não liga pra ela. É metida à puritana certinha.

— Rebecca...

E o homem não liga mesmo e eu me permito, me permito simplesmente porque... sei lá. Mais dois copos são colocados à nossa frente e viro novamente. Então segue-se uma sucessão de sal, limão, tequila e risadas. Nunca estive tão solta, devo admitir. Nem sei bem quantas tomei, sei que, quando a música fica mais alta, acho que Alok, eu me levanto para dançar e percebo estar para

lá de Bagdá, tonta. Mal sinto minhas pernas e sorrio como idiota, segurando o braço da minha irmã ao meu lado. Tentando ir ao compasso da música. E, uau... isso é legal!

— Aquele carinha ali tá de olho em você.

Nem chego a olhar, mal me sustento nos saltos.

— Nesse estado, eu não sei bem se meu julgamento tá muito bom pra arrumar alguém — falo arrastado, nunca bebi tanto.

— Então vai por mim, ele é gato.

Seguro seu ombro e a trago para mim, para falar em seu ouvido.

— Becca, eu já dei pra um hoje, estou dolorida ainda, acho que não é boa ideia eu dar pra outro... — falo, tentando recuperar o mínimo de sanidade que me cabe.

Meus sentidos estão torpes, pois falei muito alto e sinto alguém atrás de mim, pegando meu cabelo e colocando de lado em meu pescoço, se colando ao meu corpo.

— Eu também acho que não é uma boa ideia... — Tomo um susto com a voz e me viro, vendo Vladimir em toda sua perfeição, bem aqui na minha frente.

— Uau... você é tão bonito, sabia? — fale por mais fora de mim que esteja, meu coração acelera em vê-lo. — Sabe... eu queria mesmo te dar de novo. — Sorrio como uma idiota ou não, nem sei como ainda estou em pé.

— Pode ir, eu cuido dela! — Acho que falo para minha irmã.

— Ei, não preciso... que ninguém cuide de mim.

— Sei, agora cale a boca, vou te levar pro quarto.

— Vamos transar?

— Não.

— Ah, então eu não vou, não! — Minha língua chega a embolar e começo a imaginar coisas, me dando conta de que não é

bem isso, porque eu não estou flutuando, estou sendo içada em um ombro forte e de cheiro gostoso!

Mas que droga ele está fazendo? O mundo está de cabeça para baixo.

— Me solte. Eu sei que você tem um cheiro delicioso, faz um sexo gostoso, além de ser o homem que partiu meu coração, mas não pode fazer isso.

— Posso e vou — fala e dá uma tapa na minha bunda, e o lugar parece girar ainda mais. — Querendo dar para outro cara, com poucas horas que estava gemendo meu nome, Mel? Sério? Logo depois de sair daquele jeito?

— Não sei do que está falando. — E levo outro tapa na bunda.

— Mentirosa.

— Gostoso...

E no minuto seguinte, tudo escurece!

Capitolo 17



O amor pode surgir de forma verdadeira nos piores momentos

Melissa

— Ai! — É o som que sai da minha boca assim que abro meus olhos, levando minhas mãos à cabeça e voltando a fechá-los.— Ai, meu Deus, o que é isso?

— Se chama ressaca!

Ouçõ essa voz e abro meus olhos novamente, mas só consigo ver um vulto envolto em roupas pretas, parado à minha frente, pisco várias vezes até entender. Vladimir?

— O que eu fiz? — A pergunta é retórica, claro, mas a resposta não demora a vir.

— Você? Além de beber, dançar e beber muito novamente? Nada de mais, só queria sair por aí transando com um desconhecido qualquer que babava em você no bar.

Eu não fiz isso... e eu queria ser uma daquelas pessoas que esquecem toda a merda que fez noite passada após a bebedeira, mas não, eu me lembro de algo do tipo e, enfim, olho-o, piscando para me acostumar com a luz e aqui está ele, em pé próximo aos pés da cama, usando apenas uma bermuda escura e camisa preta, braços cruzados frente ao peito... e uma pequena carranca com direito a vinco em meio às sobrancelhas.

Ainda assim, muito sexy.

— Eu não ia transar com o tal cara no bar, nem me lembro disso, na verdade — minto, provável que ia sim, ou desmaiaria no quarto dele e seria submetida a uma quase necrofilia.

Que perigo, santo Deus! Onde eu estava com a cabeça?

— Você poderia não transar com ele, porque praticamente teve um coma alcoólico quando estávamos subindo as escadas, o que tornaria pior a situação. — Ele parece chateado, muito zangado e me sento, me arrependendo logo em seguida.

— E o teto tá girando — falo e vejo-o se aproximar, a mão espalmada em minhas costas, me entregando um comprimido junto a um copo com água. — Tem dois de você também.

— Tome logo isso, vai ajudar.

— Está se tornando um hábito você me dar remédios... — Tento uma piada e ele não move um músculo sequer, percebo então a ironia da gracinha que tentei fazer. Sinto como se a qualquer momento eu fosse morrer, tamanho o mal-estar que me atinge. — Deus, eu vomitei? — falo, apressada.

— É, vomitou no lençol, em mim, no banheiro...

Que vergonha, Senhor. Pego os dois comprimidos que Vlad me dá e tomo, me dando mais alguns segundos sem olhar para sua cara, perdendo tempo ao engolir cada gole de água bem devagar. Onde eu estava com a cabeça? Ah, sim, me divertir, fazer tudo o que eu não fizaté hoje e esquecê-lo, o infelizà minha frente...,mas isso não precisava ser em uma única noite. Eu exagerei!

— Me desculpe, eu...

— Sério que saiu ontem para encontrar outro cara? — pergunta e parece ofendido.

— Eu, eu... bem, eu só saí. Você também estava lá e foi por quê? Não foi pra encontrar outra garota? Sendo assim... — pergunto, nem sei se quero a resposta, sequer estou apta para pensar, processar tudo.

— Não, Melissa, eu não fui atrás de ninguém, fui para encontrar você.

Fico olhando seu rosto bonito e talvez, só talvez eu tenha metido os pés pelas mãos e mais tarde isso nem faça sentido, já

que agora eu só consigo imaginar esse homem me fodendo com força, tipo Christian Grey e, nossa...

— Eu...

— Não, não precisa dizer nada. Te tirei de lá, pois acho que ia se meter em encrenca, não precisa inventar desculpas só porque eu disse que fui lá para te ver, isso era óbvio, já que implorei que não me afastasse. — Ele não dá pausa sequer para respirar e eu me sinto mal. Mal por mim, por ele, por toda a merda que insistimos em fazer — Eu te magoei, eu sei, mas não foi intencional, nunca foi. — achei que depois de ontem, nós poderíamos... não sei exatamente, mas parece que não é o que quer. — Vladimir vai até o armário lateral, abrindo a porta e pegando uma calça jeans branca, sem nem me olhar

— Vlad...

— Vou descer, já estou atrasado, inclusive, fique à vontade, até se sentir bem para voltar ao seu próprio quarto. E, da próxima vez, beba menos, não estarei lá para te livrar de acabar bêbada na cama com um estranho.

Ele não espera mais nada, apenas sai, batendo a porta atrás de si. Fico meio estática, com a sensação de ter sido atingida por um furacão. Que grande cocô, e pior, é que agora ele acha que saio por aí bebendo e... eu não quero nem cogitar. Devo admitir, bem ele tem razão. Sem falar que, ele quer mais, quer que eu não o afaste. Eu sei exatamente isso, caso não estivesse com câncer, uma doença que irá me matar.

O que eu faço, meu Deus?



Estou no restaurante, tendo um alvo claro em mente: Vladimir. Chego a fazer uma volta de cento e oitenta graus no local e não o encontro em nenhuma mesa, o que eu esperava?

Se serve de consolo para ele, passei toda a manhã tendo a pior ressaca da minha vida. Pergunto-me como foi o dia dele, se conseguiu aproveitar a assembleia ou se ainda está pensando na noite de ontem. Uma calça branca chama minha atenção e o encontro, na área lateral, debruçado no parapeito de segurança do navio. Vlad está de costas, e eu perco um tempo admirando-o enquanto posso.

Eu poderia dizer a ele a verdade e conseguir, assim, dividir o peso que venho carregando nos ombros. Mas foram dez anos, seria justo conosco que, após tanto tempo, eu o tivesse para me ver morrer? Ou seria injusto me afastar e não aproveitar meus últimos dias ao lado de quem amo?

Sinceramente, não faço ideia, de verdade, mas me dei conta, hoje pela manhã, ao vê-lo partir que quero, pelo menos, aproveitar nosso tempo aqui. Talvez tenha sido a forma do universo me recompensar e não me castigar, fazendo com que eu soubesse de toda a sujeira que cobriu o passado e que eu pudesse me entregar a ele novamente.

Aproximo-me, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto, chegando de fininho. Ele sente minha presença e olha por cima do ombro, levantando uma sobrancelha sem me dar muita atenção, voltando a olhar o mar.

— Me seguindo? — Tento, me dando conta de que não tenho trato social quando o assunto é romance.

— Eu não costumo fazer isso, se é o que está insinuando.

— Eu não quis dizer isso, Vladimir. Ontem... eu fiz bobagem. Tentei ser alguém que, claramente, não sou — falo de uma vez e ele nem ao menos se dá ao trabalho de se virar para mim, continuando na mesma posição, enquanto estou encostada de lado, olhando seu perfil.

— Não sei o que pensar sobre isso, ontem, nós. Talvez eu tenha entendido as coisas erradas. — Consigo ouvir a tristeza em sua voz.

— Como assim? — Meu coração acelera e um medo doloroso me preenche.

— Achei que, talvez, eu estivesse tendo uma segunda chance, que nós estivéssemos tendo. Só que eu te contei tudo e eu não menti em nenhum detalhe, não omiti nada e você parece ter acreditado em mim, se entregou como antes, deixou que eu pudesse venerar seu corpo e, depois, fugiu. — Desta vez ele me olha, os olhos escuros, magoados. — Não tenho o direito de sentir raiva ou ciúme, eu sei disso, mas sou humano e a minha parte irracional está inconformada. E começo a achar que isso tenha servido apenas para que colocássemos tudo às claras e pudéssemos seguir adiante.

Ouvi-lo me machuca e cogitar deixá-lo ir, abrir mão, eu não consigo.

— Tenho medo, Vladimir.

— Que eu te machuque? — Ele chega mais perto, seu dedo vindo de encontro à mecha de cabelo que se desprende da minha orelha.

— De te amar tanto, a ponto de não conseguir dizer adeus.

— Por que diabos precisa me dizer adeus? — Aquele vinco de irritação está em meio às suas sobrancelhas novamente e ele segura meu rosto entre as mãos.

— O futuro é incerto, Vlad. Dez anos se passaram, mudamos, nos reinventamos e só a paixão e lembranças do passado podem não ser suficientes. Seria injusto que nos reencontrássemos, nos entregássemos um ao outro e, no fim, nos perder, não seria? — O que digo é o suficiente para um sorriso se abrir em seus lábios. — Não fui àquele bar por querer transar com outro cara, fui, pois, caso ficasse, eu bateria em sua porta e imploraria para que fizesse amor comigo outra vez.

— Sair ontem, beber e cogitar procurar outro cara, foi por medo?

— Foi por tudo... — confesso, sendo sincera. Eu não conseguiria me aproximar de outro homem, não quando só tenho um em minha cabeça.

Faço uma careta mí nima, balançando minha cabeça de um lado para o outro, vendo o quão ridí culo isso é.

— Nunca voltei a amar, Vlad. Nunca consegui me entregar a ninguém, não meu coração. Ele sempre f oiseu, deixou sua marca e isso traz medo. Medo do f uturo, medo de amar, medo de sentir.

— Hum... — fala, me encurralando com seu corpo contra o parapeito. — E se eu disser que f ez com que eu me apaixonasse para sempre por você, Mel, desde a primeira vez? Se eu disser que ontem, me f ezs sentir ciúme e te jogar nos ombros como um homem das cavernas só para impedir que outro tocasse seu corpo? Que o poder não está comigo, mas sim com você, desde o primeiro minuto que te vi, há uma década, naquele maldito clube, mordendo o lábio como f az agora, deixando meu pau duro dentro da calça e tornando meu coração, seu.

Ah e ele está perto, muito perto quando f ala isso.

— Então, diria que quero aproveitar esta viagem ao seu lado, que quero ir para o quarto, que f aça amor comigo e que não pensemos no f uturo, não agora.

— Eu diria sim, ainda que f osse por um dia...

Capitolo 18



***Amor à primeira vista, alguns dizem não passar de falácia e
você, acredita?***

Melissa

Talvez seria meio constrangedor analisar que agora estou deitada em uma cama, completamente nua e com as mãos amarradas, imóvel, tendo em contrapartida Vladimir parado à minha frente, ainda vestindo, em pé próximo à cama. Sendo sincera, a experiência está sendo deliciosa, ainda assim, tenho uma crise de riso em meio ao tesão e ele me olha de cima, uma sobrancelha erguida.

— Sério, vai dar um de Grey comigo? — fale um vinco se forma entre suas sobrancelhas. — Não sabe quem é?

— Abra suas pernas, Mel, o único homem que vai estar em seus pensamentos agora sou eu.

Isso, está vendo? É isso, esse tipo de coisa faz uma mulher se apaixonar.

Faço o que me pede, me sentindo a própria Anastasia e ele leva a mão à minha intimidade, deslizando os dedos entre meus lábios e fecho os olhos, sentindo o que seu toque me faz.

— Me chupe — peço, entregue e perdia, o desejo me consumindo.

— Acha que vai ser assim, Mel? Acha que vai dar ordens aqui? — Observo-o, esse Vladimir eu não conhecia... — Não... não vai. Você saiu daqui ontem, depois de termos feito um sexo delicioso, me deixando ainda com vontade do seu corpo, maluco em pensar que aquele poderia ser um adeus e me fez ir atrás de você

pra te impedir de ficar com outro cara e sabe quantas vezes precisei fazer isso em minha vida?

Mordo meu lábio, sentindo seu dedo entrar em mim, fazendo um movimento de um gancho em vaivém, me deixando louca.

— Não, eu não sei, só quero que não pare. — E ele para. Olho-o, as mãos atadas querendo tocá-lo, ou tocar a mim mesma e terminar o que ele começou.

— Mas eu vou parar. — Ansiosa e com raiva por estar nessa situação, ainda assim o degusto com o olhar, enquanto ele tira a camisa. — Porque agora, só sairá deste quarto quando eu estiver completamente saciado de você. E eu nunca, nunca fui atrás de nenhuma mulher antes, Melissa, não uma que não fosse você.

— Vlad... — gemo.

O homem sobe na cama e eleva minhas mãos amarradas para cima, as segurando, pairando sobre meu corpo. Foco em cada detalhe do rosto masculino, o queixo quadrado bem-marcado e atrás das íris esverdeadas, consigo ver sentimentos, algo que não sei interpretar, tudo isso misturado a um ar de mistério e confusão que eu quero desvendar. Sua mão sobe ao meu rosto, fazendo uma leve carícia.

— Seus olhos são lindos, Mel... forameles que me chamaram atenção, desde o primeiro minuto.

Sorrio, sentindo sua mão descer para o meu queixo, em seguida, minha garganta, em um leve aperto.

— Que se dane! — Vlad me beija, seco, gostoso e busco sua língua, levando minhas mãos amarradas para a sua nuca, o trazendo para mais perto.

Sinto seu membro roçar meu sexo, me penetrando pouco a pouco e eu me abro mais, abraçando sua bunda, impulsionando meu corpo, nunca senti tanta vontade de ter um homem. Vlad segura meu pescoço e fica de joelhos entre minhas pernas, abaixando e sugando meu seio, voltando a ficar ereto e socando com força dentro de mim, de forma vigorosa. Sem nenhuma

preocupação, desta vez, em ir devagar, como se fosse uma forma de castigo, uma deliciosa.

Não sei se é por estar amarrada, por estar com ele praticamente imobilizando meu pescoço, ou se é esse olhar, ou suas estocadas duras e fortes, mas eu me derreto de puro tesão, mordendo meu lábio, querendo que ele não pare. É rápido e eu estouro em gozo, perdida, caindo em um abismo delicioso e me perdendo por poucos segundos.

E quando me dou conta, Vlad está me virando na cama, me colocando de bruços e batendo forte em minha bunda, uma, duas vezes. Gemo alto e sinto sua mão em meu cabelo, puxando levemente e me fazendo olhá-lo por cima do ombro.

— Gosta disso, não gosta, Mel? Gosta assim? — Ganho outro tapa e gemo, perdida ainda no recém-orgasmo. — Gosta?

— Gosto, gosto... bate de novo, vai — peço e um tapa estala em minha bunda, enquanto sua boca desce sobre a minha, com sua mão em meu cabelo, sua língua buscando a minha e me deixando mole em seus braços.

Vlad me deixa bruscamente e desce da cama, seu membro melado com meu orgasmo, brilhando nossa excitação. Trazendo as mãos ao meu quadril, ele me coloca de quatro, cotovelos no colchão e a bunda empenada para ele na beirada da cama.

— Que boceta rosada e bonita, Mel, e olha só, molhadinha...
— Sinto seu dedo e gemo, para em seguida arquejar quando sua boca chupa meu clitóris.

— Vlad...

— Oi, Mel...

— Isso, por favor.. isso...

Sua língua sobe, entrando na mim e subindo para o meu ânus, contornando e voltando para meu clitóris. Fecho os olhos e sinto meus joelhos fraquejarem, quase desmoronando, as pernas trêmulas. Vlad não deixa, me posicionando de volta, estalando mais um tapa em minha bunda sem deixar de me chupar e sinto seu dedo

rodear meu buraquinho, entrando minimamente, me fazendo morder o lençol enquanto ele me chupa.

Sinto a sensibilidade do meu sexo, a contração gostosa e quando volto a estourar em um orgasmo, ele suga gostoso meu clitóris e me perco de vez, sentindo junto aos últimos espasmos seu pau entrando em mim e a impressão que tenho é de que não vou aguentar mais, vou ceder.

Tremo, meu sexo está sensível, latejando, sinto meu baixo ventre ainda vibrar e é... delicioso, algo que nunca senti com nenhum outro homem, nunca foi tão prazeroso.

O homem segura meus quadris, porque se não o fizer, vou desabar na cama, sem ter forças em minhas pernas, e só sinto entrando e saindo, fechando meus olhos e me permitindo sentir tudo, a dor misturada ao prazer, o prazer se sobressaindo quando o ouço:

— Goza, goza de novo, mas desta vez, junto comigo.

E não precisa de muito, seu membro, o barulho dos nossos sexos se chocando, junto à sua mão massageando meu clitóris é o suficiente para que eu exploda em orgasmo, sendo nada contida, pelo contrário.

— Ahhhh, não pare, não pare, assim... isso... ahhhhh, Vlad! — grito.

Meu prazer é insano, me dando a sensação de não aguentar mais. Uma, duas, três estocadas e ele desaba sobre mim, enquanto ainda seguro os lençóis com força, aguentando os tremores se espalhando por meu corpo, deixando todo o peso do corpo tombar sobre o colchão, enquanto ele ainda continua dentro de mim, seu rosto encaixado em meu pescoço, a respiração entrecortada e entre nossos corpos, apenas suor e o cheiro de sexo.

Vlad beija minha nuca, minha bochecha, o canto da minha boca e rola para o meu lado, pegando minhas mãos e tirando a gravata que improvisava as amarras, massageando meus pulsos e

deixando um beijo em cada um. Eu apenas gemo, cansada, vencida, as pálpebras pesadas.

Abro meus olhos e ele está me olhando, sério, parecendo prestar atenção a cada mí nimo detalhe.

— Acredita em paixão à primeira vista? — pergunta e sorrio, um riso preguiçoso.

Vlad se ajeita na cama e me traz para seu peito de forma carinhosa e me sinto segura. Pela primeira vez em minha vida, permito que alguém, que não eu, me dê a sensação de segurança. Aproveito o momento e segundos se passam em que ouvimos apenas o barulho de nossas respirações. Seu peito subindo e descendo, enquanto minha mão espalma sua pele.

— Ainda espero uma resposta, Mel.

Suspiro, subindo e descendo meu pé em sua panturrilha nua, sentindo os pelinhos na sola do meu pé, sonolenta.

— Não e sim.

— Controversa? — pergunta, enquanto beija o alto dos meus cabelos.

Ajeito-me sobre si, encostando meu queixo em seu peito, podendo olhar para ele.

— Não, porque o amor é construí doaos poucos e sim, porque considero a paixão uma f orma de amar, ainda que breve.

— Já eu, acho que é possí vel, quando acontece para as duas partes, é verdadeiro e único. É como me sinto com você, essa ligação, a quí mica, o apego. Para mim, f oi à primeira vista.

A vida não está sendo cruel comigo, agora eu sei. A vida está me dando uma chance, a de reencontrar o amor, de voltar a acreditar no amor antes que meu tempo aqui, se acabe.

— Eu te amo, Melissa. Amei no passado, amei até mesmo quando não queria e te amo ainda mais hoje. Me apaixonei novamente por você e quero me sentir assim pelo resto da vida.

Meus olhos lacrimejam e tento controlar meu coração, o arrependimento por tudo, querendo apenas aproveitar este momento, guardar para sempre em minha memória. Eu deveria dizer que também o amo, mas as palavras ficam engasgadas em minha garganta, junto ao choro. Alcanço sua boca, porque parece que isso é algum tipo de presente para meus últimos dias na Terra.

Por que, Deus? Por que me mandar Vladimir quando eu estou prestes a morrer? Fecho meus olhos para não deixar que lágrimas escorram, voltando a deitar em seu peito para que não note. Eu só vou aproveitar, me permitir sem me enganar, tentar não me apaixonar perdidamente.

Capitolo 19



Mentir a respeito da felicidade, acredito que está entre as coisas mais populares e antigas do mundo!

Vladimir

“ —O que é a felicidade? Acho que cada um tem uma ideia relativa e um tanto errada sobre ela. Por exemplo, acredita-se que, um determinado ser humano, ao alcançar o seu tão grande sonho, se torne uma pessoa feliz e possa ser, dentro daquele contexto, uma pessoa feliz para sempre.

Ora, uma falácia. Me corrijam, caso queiram. Não é porque você está alcançando um sonho, que será feliz para sempre. Veja, você pode comprar o seu carro e realizar este sonho, mas dias depois, este mesmo carro pode ser roubado e suponhamos que neste novo contexto, você não tenha feito o seguro, ou seja, o seu sonho se torna um pesadelo.

A felicidade não deve e não pode ser constante, pois se o for, como poderemos alcançar picos de adrenalina e amar a vida a cada dia. Damos valor à felicidade exatamente por isso, porque é passageira, por isso a buscamos e tanto a desejamos. Ela é uma dádiva, ainda que não possa nos perseguir constantemente.

Isso se aplica aos nossos pacientes, por exemplo...”

Se eu parar e divagar sobre esse discurso, que um dos palestrantes acaba de fazer, posso dizer então que estou feliz agora, mas que isso irá passar?

Concordo com ele, claro, a felicidade é um estado de espírito e há vários fatores que podem vir a assolar o sentimento. Mas, ainda assim, aplicando isso a mim e Melissa, acredito que decidindo

estarmos juntos, podemos superar obstáculos que possam vir. Pedir muito tempo sem essa mulher e agora que a tenho, quero me casar com ela, formar uma família e tê-la para sempre ao meu lado.

O que resta saber é se ela aceitaria o mesmo. Não há dúvidas de que ela me ame, que é recíproco, ainda que não tenha dito isso nos últimos quatro dias em que, sempre que podemos, estivemos juntos.

Preciso pensar bem, não posso pisar na bola. Apesar de sentir que estamos na mesma frequência, às vezes tenho a impressão de que algo a puxa para trás. Sempre que penso ter dado um passo para frente, Melissa retrocede dois passos e parece fecharmetade da porta, não me deixando entrar completamente. Não voltei a perguntar sobre sua consulta com o doutor Ivan, penso em fazer isso hoje, mas tenho medo de que, como da última vez, eu a espante.

Eu a entendo. Para ela, as coisas foram diferentes, foi ela quem mais se machucou em toda essa história e é difícil voltar a confiar. Ainda mais neste caso, que só tem minha palavra como prova, já que minha carta, não sabemos onde foi parar. Achei que se um dia a reencontrasse, ela estaria casada, com uma família sendo amada por alguém que não era eu.

Mas ao reencontrá-la, percebi que o passado a moldou, eu a moldei. Se eu pudesse voltar no tempo, teria tentado mais, quantas vezes fosse possível, não teria me casado, não teria... não faz diferença agora. Essa é a verdade.

Olho o palco à frente, me perdi em pensamentos que sequer escutei o resto do discurso. Meu celular toca em meu bolso, olho sem graça para a pessoa ao meu lado, que me observa de cara amarrada, incomodado com a luz do celular na sala escura.

Como eu queria estar com Melissa agora, conhecendo as ruas belas de Salvador e não aqui.

Diminuo a luz do celular e então abro o aplicativo de mensagens, vendo alguns documentos, com a mensagem abaixo:

“ Achei que deveria ver isso. Como me pediu, não foi fácil, mas consegui o prontuário e os exames.”

— Mas o quê...

Melissa

— E o seu doutor?

Olho-a, estranhando o que diz, lembrando-me do doutor Ivan e me dando conta de que ela fala de Vladimir

— Não tenho um doutor, Rebecca.

— Ah, claro, uma semana dormindo juntos, jantando juntos, tomando café da manhã juntos... se ele não é o seu doutor, o que ele é, então?

— Ainda não sei — falo, quando paramos em frente à porta do quarto, voltando de um passeio por Salvador e, santo Deus, que lugar lindo. — Onde está o cartão-chave? — Vasculho minha bolsa. — Está com você?

Rebecca está me olhando de forma assustada, olhos arregalados, e engole em seco, apontando para mim.

— Está na sua outra mão.

— Olha só, que loucura a minha. — Abro a porta, entrando no quarto e jogando a bolsa sobre a mesinha de madeira ao lado do banheiro.

— Deveria ver isso.

— Não é nada.

Despercebida, Rebecca anda de um lado para o outro no quarto, mexendo na unha, arrancando uma cutícula com o dente. Percebo então sua ansiedade e preocupação. É sempre assim,

quando esqueço algo óbvio. Seu medo é que tenhamos os genes da nossa mãe.

— Tem certeza?

— Claro que sim, eu tô bem. — Sento-me na cama, sentindo culpa pela mentira que conto a ela. Mas qual o intuito de estar em uma viagem como esta, para contar a ela que irei morrer?

Não, eu já aceitei e já me decidi, conto ao voltarmos, é isso. Sorrio e me aproximo dela, segurando sua mão, afastando-a da boca.

— A mamãe começou esquecendo coisas assim e não nos preocupamos, pois achamos que era bobagem. Não é bobagem, Mel. Por favor

— Tudo bem, eu vou ao médico quando voltarmos, eu prometo.

— Obrigada.

— Certo, agora, preciso mesmo é de um banho. — Beijo sua testa, o gostinho salgado dela ficando em meus lábios. — E você também precisa de um.

— Sua palhaça. — Gargalho e vou ao banheiro, trancando a porta atrás de mim e me recostando a ela, deixando meu corpo ceder.

O riso de antes vai morrendo enquanto um bolo amargo sobe por minha garganta. A bile vem à boca e me debruço sobre o sanitário, colocando para fora tudo o que comemos mais cedo. Meu estômago dói, meus olhos ardem e começo a sentir falta de ar, me sentando ao chão e me apoiando na parede.

Deus, o que diabos é isso...

Acordei tão bem essa manhã, na cama com Vladimir. Transamos gostoso e intensamente, como tem sido nos últimos dias, e voltei para o quarto enquanto ele ia se arrumar para o congresso. Depois de estar pronta e de não tomar café com Vlad, depois de bons dias fazendo isso, saí com Becca para turistar

Ela não estava errada em perguntar sobre nós dois, durante o dia meu tempo é para ela, aproveitando o que o cruzeiro nos oferece, mas à noite... tenho passado todas com ele. Conversando, ou só ficando em silêncio, ou nos perdendo um no outro.

Hoje foi o dia de passear pelas ruas de Salvador, mas não aguentei por muito tempo, senti um mal-estar terrível até, enfim não aguentar mais e voltar para o navio. Rebecca, claro, quis me acompanhar de volta e sei que ela está ficando preocupada. Só um tolo não notaria o meu mal-estar constante.

Levanto-me com cuidado e ligo o chuveiro, para que Rebecca não possa ouvir qualquer barulho, ou meu choro que agora parece querer romper. Mal tenho tempo para tirar minha roupa e volto a vomitar. Talvez eu não tenha tanto tempo quanto o médico disse que teria. Perdi, no mínimo, dois quilos na última semana e a ansiedade só piora tudo ao tentar disfarçar que não estou passando mal parte do tempo, quando estou próximo aos dois.

Vlad... ele tem sido perfeito dentro e fora da cama. Na tarde em que transamos, logo após o desastre no bar, eu tentei vir para o quarto, mas o homem não deixou, então, jantamos novamente no quarto e depois voltamos a fazer sexo, dessa vez devagar, de forma lenta e carinhosa e foi incrível. Ambos estamos nos comportando como se quiséssemos descontar o tempo perdido em um dia.

Na única noite em que não fui para o seu quarto, por deixar o pessimismo me atingir, Vlad veio para o meu, batendo em minha porta apenas de roupão e uma garrafa de champagne em um convite descarado e não precisamos de taça para bebê-lo, ele o tomou enquanto derramava entre meus seios, bebendo em minha intimidade, enquanto me chupava. Agora, agarrada ao sanitário como estou, me pergunto como vou dizer adeus ou contar que vou morrer?

Droga, foi uma péssima ideia continuar com isso tão intimamente, porque agora não é justo comigo, nem com ele.

— Mel. — Becca bate à porta e eu me levanto, engolindo em seco, o gosto amargo presente em minha boca. — Estou descendo,

tá?

— Tá bom. — Colo meu ouvido na porta do banheiro, esperando ouvir a porta bater, após isso, vou em direção à pia, lavando minha boca.

Escovo os dentes e, após um banho rápido e um analgésico, me jogo de roupão na cama. Não tenho sono, mas tenho dor, muita dor. Fico olhando o teto, sentindo o leve balanço do mar, quase imperceptível e me lembro da vida que tive.

Foi uma boa vida, com algumas tragédias familiares, perdas, mas também de ganhos. Sou jovem para ir, ou ao menos me considero assim aos trinta anos, mas eu vivi, por mais regrada que tenha sido minha juventude, eu vivi e isso deveria bastar. Mas não basta, porque eu queria mais, muito mais e minha lista acaba de ganhar mais uma pessoa: Vladimir.

Meu dilema agora é, dar um basta nisso ou continuar e ter que chegar ao ponto de dizer a ele que tenho um tumor e estou com o pé na cova. Uma grande desgraça, isso sim. Recrimino-me com o xingamento, mesmo que em pensamento.

Se eu contar, posso estar entregando a ele a decisão de ficar ou não. Ele pode querer ficar e por mais que eu não ache certo, meu egoísmo acabe falando mais alto e implorando para que ele fique. Eu tenho que pensar e remediar tudo isso, medir as consequências e dar um jeito.

Posso aproveitar a viagem, continuar me perdendo em seu corpo e em seus carinhos, presa na bolha rosa em que estamos e contar a ele quando voltarmos, fazer o mesmo que penso em relação à Becca.

Decidido, é isso... uma batida na porta soa, mexo-me na cama, virando meu corpo em sua direção.

— Entre, Becca — grito, mas se ela tivesse levado o cartão, não estaria batendo. Porém, a essa hora, Vlad está preso na assembleia.

Levanto-me, amarrando o roupão.

— Não é a Becca, sou eu, meu bem. — É a voz de Vlad e sorrio ao abrir a porta.

— Achei que iria estar livre só à tarde. — Fecho a porta e viro-me para ele, notando que há algo errado.

Vladmir me olha com um vinco entre as sobrancelhas, vestido normalmente, camisa azul-escuro, social de mangas longas e calça social preta. Lindo.

— E eu confesso que bati aqui com esperança de te encontrar, mas quase com certeza de que estivesse por aí, pelas ruas de Salvador — falo, avaliativo, sem se aproximar. — Aconteceu algo que fizeram vocês voltarem mais cedo?

Sorrio, sentindo um pouco de frio na espinha ao ouvi-lo.

— Ah, aproveitamos bem, tiramos várias fotos, só não conseguimos ir à praia. Acho que comi algo que me fez mal, estava enjoada, decidi voltar. Algum problema? — Sento-me na cama e hoje ele parece até mais alto e imponente, ainda mais quando cruza os braços frente ao peito.

— É alérgica a algo, comida, remédios?

— Não que eu saiba, não se preocupe, não é nada de mais.

Ele se aproxima de mim, se sentando ao meu lado, mas sua expressão não suaviza, há algo errado.

— Não está parecendo nada de mais pra mim, Melissa — falo, tocando minha testa.

— Não é nada, estou dizendo. Só um mal-estar.

— Está com febre, Droga, está queimando de febre, Melissa. — Seu tom sai alto, inflamado, e não era assim que eu esperava que ele me visse hoje. — Espere aqui, vou pegar algo para você.

— Ei, não precisa, já tomei um analgésico e remédio pra enjoo, aquele que você me indicou. Logo estarei bem.

Ele nega, ainda que não se levante para sair, os ombros eretos, toco seu braço e é como se pudesse sentir sua tensão.

— Okay, então logo a f ebre irá baixar

— Com certeza, já, já estarei nova em f olha.— Sinto mais f rio e me deito na cama, me encolhendo.

— Peraí ,deixe eu te ajudar — pede, jogando sobre mim o edredom.

Assisto-o tirar os sapatos, levantar as mangas da camisa até os cotovelos e vir para cama, se deitando comigo e me acolhendo de conchinha, passando o braço por minha cintura e me trazendo contra seu peito, af undandoseu rosto em meu pescoço e dando um beijo em minha orelha.

— Descanse, vou f icar aqui com você.

— Mas o que queria? Algum problema? — pergunto, sentindo sua barba pinicar minha pele.

— Não, só queria te ver, só isso. — Sua voz sai baixinha ao meu ouvido, reconf ortante.

— Não precisa f icar aqui, pode sair e aproveitar a cidade, ainda dá tempo.

— Tudo que mais me interessa na cidade está neste quarto, Mel, então por que eu sairia dele? Agora, tente dormir.

Vlad beija meu pescoço, sua respiração acelerada batendo em minha pele e f uncionando como um calmante.



Acordo um pouco assustada, suada, acho que pela f ebrejá ter passado. Não sinto mais o corpo quente ao meu lado, também não sinto mais dor ou enjoos. Levanto-me devagar, sentindo apenas uma pequena f isgada em meu estômago, que logo passa.

O quarto já começa a f ica escuro e procuro por Vlad, e sua silhueta conhecida me chama atenção. Ele não está com a roupa de antes, acho que dormi o suf iciente para dar tempo de ele tomar

banho e se trocar. Vou em direção a ele, abro a porta do deque e, como dias atrás, ele me olha por cima do ombro, sem se virar.

— Como se sente?

— Estou melhor, posso dizer que estou ótima...

Vladmir se vira, o rosto ainda mais carrancudo, o vinco profundo formado entre as sobrancelhas e eu estranho sua expressão, afinal, mais cedo ele disse que estava tudo bem. Ele tem algo nas mãos e eu gelo, reconhecendo o rascunho da carta que estava escrevendo para Becca, para ser entregue a ela, depois que eu me f osse.

— Quando ia me contar que tem um tumor, Melissa?

Capitolo 20



Quão fácil seria se as pessoas perdessem o hábito de mentir e escolhessem sempre a verdade?

Melissa

Em um primeiro momento, eu não sei o que fazer fico aqui, estática, olhando-o. Abro a boca e não acho o que dizer, voltando a encarar seu rosto e em seguida o papel em sua mão.

— Você mexeu nas minhas coisas? — É a primeira coisa que o meu cérebro consegue raciocinar e sua expressão não suaviza ao ser pego violando minha privacidade.

— Não precisei, Melissa. Já sabia desde que bati na sua porta, essa tarde. Já a carta, não estava muito bem escondida, estava?

Tento colocar minha cabeça para funcionar, lembrar onde a tinha guardado e fecho os olhos ao recordar que eu a estava escrevendo quando Becca chegou hoje cedo, me chamando para sair uma hora antes do combinado e eu apenas guardei dentro do livro que estava servindo de apoio, deixando-o aqui fora, na mesinha.

— Vladimir, eram as minhas coisas, você não tinha esse direito.

— Acha que estava bisbilhotando suas coisas? Eu pedi o jantar pra você aqui no quarto, vim tirar suas coisas da mesa e quando peguei o livro, esta droga de folha caiu de dentro dele. — Talvez ele sequer perceba o quanto está apertando com força a folha de papel em sua mão, enquanto aqui dentro, tenho a sensação de que é meu coração a ser amassado. — Se quer ficar com raiva de mim por algum motivo, fique pelo certo, não fique sabendo que

tinha um tumor por esta carta. Bisbilhotei, mas não suas coisas e sim seus exames.

— Você fez o quê?

— Você não me contou, você fugiu o tempo todo do assunto, mentiu... eu me preocupei, ainda mais por notar o quanto se esforçava para dar desculpas para seus enjos e tonturas. Mal se alimenta, Melissa. — Vladimir anda de um lado para o outro, já eu, continuo estática. — Claramente isso era um rascunho, a julgar quantos rabiscos com a palavra tumor tem nos espaços em branco, inclusive, um dentro de um coração. Por acaso, encara isso como uma brincadeira? Acha que pode esconder isso das pessoas, brincar dessa forma?

Em sua voz há raiva, revolta, e ele sequer me olha agora. É, eu tenho a mania de escrever coisas aleatórias em folhas quando estou pensando, meu nome, corações, ou o que estiver predominando em minha mente no momento, naquele em especial era o tumor.

Meu corpo treme e eu sinto raiva da sua invasão, raiva também de mim.

— E você leu... — É uma afirmativa e uma decepção gigantesca me consome.

— Eu sou médico, sabia? Posso ajudar.

Eu mal o vejo quando levanto o meu olhar, lágrimas estão empoçadas em meus olhos e quando uma delas desce, solitária, me vejo explodir em uma gargalhada alta, cheia de sarcasmo.

— Ah, claro... Não sei se olhou mesmo os meus exames, pois até onde me lembro, tenho um tumor e não a intenção de colocar silicone. — Estou com raiva, ofendida e magoada por ele ter invadido minha vida. Sei que ele deveria saber, caso isso continuasse, mas deveria ser por mim.

Uma frase, uma frase apenas é o suficiente para atingi-lo, vejo isso em seu olhar, pois ainda ontem era sobre o assunto que estávamos falando. Do preconceito que ronda sua especialização,

me arrependo no instante seguinte, mas as palavras já deixaram minha boca.

— Eu não quis... não era isso o que eu quis dizer. Mas não deveria se meter assim na minha vida, você não tem esse direito.

— Sei que não tenho, Melissa, e não foi sem querer. Está magoada e quis me ferir. Não deveria te cobrar nada, não deveria ter pedido que Helen conseguisse os malditos exames, mas caso não fizesse isso, você me contaria? — Sua calma fingida poderia funcionar se seus olhos não estivessem tão escuros como agora.

Eu contaria? Sou covarde, eu sempre prefiro fugir e uma voz aqui dentro insiste em gritar que não, eu não contaria, eu fugiria após este cruzeiro e apenas isso. Sofreria em deixá-lo, mas me sentiria bem em saber que ele não me veria sofrer. Ninguém merece ver quem ama sofrer.

— Eu não sei — sussurro e limpo uma lágrima, vendo-o passar ambas as mãos no rosto, impaciente.

— Quando te vi naquela escola, com a Ana Júlia, primeiro achei que era uma brincadeira, depois fiquei remoendo como foi nossa despedida, me decidindo se procuraria por você. — Ele se encosta ao parapeito, cruzando os braços. — Fui vencido facilmente quando decidi que sim, que te procuraria. Foi quando te vi uma segunda vez, no hospital. Vim a esta viagem, decidido a te procurar na volta, preocupado com a forma que a vi sair naquele dia no hospital, mas quando te vi naquela maldita escada... acreditei mesmo em destino.

— Ah, Vladimir... isso não é um conto de fadas. — Sinto-me vencida, cansada, levando as mãos à cintura ao tentar parar de chorar.

— Não, não é. Mas eu acredito em segundas chances e venho consolidando o sentimento que guardei por você há anos, desde que te vi naquela escada. Eu durmo pensando em você, me encontro completamente rendido, mais ainda que antes. — Ao falar vejo agora seus olhos brilhando, lágrimas se formando enquanto

com a mão fechada, ele bate em seu peito, sobre seu coração. — E então, descubro que essa mesma mulher, a minha Mel que amei em silêncio, tem um tumor e que não me contou, pelo contrário, inventou doenças para mentir sobre o que estava sentindo mais cedo, ontem, anteontem e todos os dias que passamos juntos nesta droga de navio. Você não estava com alergia à comida, enxaqueca, nada do tipo, é o tumor crescendo pouco a pouco, por isso passou mal!

— Eu vou morrer! — grito, sem conseguir conter o rompante ao ver sua decepção, sem conseguir segurar minhas próprias lágrimas. — Eu vou morrer, não tem forma legal de dizer isso pro cara que você descobre ainda amar. Queria o quê? Oi, Vlad, tá sendo muito legal nosso reencontro, mas olha, eu vou morrer daqui a três meses, tá? Era assim que você queria que eu falasse?

— Não seja irônica comigo, não seja — rosna, o dedo em riste em minha direção.

— Por quê? Não pode me castigar com sexo agora e sabe por quê. Porque eu vou morrer, Vladimir, vou morrer com um maldito tumor crescendo dentro de mim! Satisfeito? Queria algo pra acabar com a magia entre nós? Pois aqui está!

Ele ficou olhando e eu limpo meu rosto, que chega a arder, abraçando a mim mesma e vendo-o negar com a cabeça. Sinto frio, e é apenas de medo, medo de ficar sozinha, de estar fazendo as coisas da forma errada. Nós nos olhamos e não falamos nada por alguns instantes, o tempo parecendo parar.

— Quantos médicos? — faço, após um tempo, enfiando as mãos nos bolsos.

— O quê? — Franco o cenho, tentando entender.

— Quantos médicos foi ver, até ter esse diagnóstico? — explica, sem tanta paciência aparente.

— Apenas um, o doutor Ivan.

— Tá brincando comigo, Melissa? — O riso irônico em seu rosto me dá a ideia de que não o agradei com o que eu disse.

— Não, claro que não. O doutor Ivan é o médico da família há anos, cuidou da minha avó, dos meus pais quando... não importa, e fez uma bateria de exames em mim, até chegar à essa conclusão. Tenho câncer, um tumor do tamanho de uma laranja que já atingiu meu fígado, mas isso você já sabe, viu os exames — fale o pior de você em sua garganta sobe e desce com pressa.

— Me diz, Melissa. O que pretendia?

— Do que está falando?

— Comigo, o que pretendia? Faria o mesmo que com sua irmã, me escreveria uma carta? Pois claramente ela também não sabe de nada.

Calada, olho seu rosto e sinto meu coração apertar dentro do peito ao negar com a cabeça.

— Se isso — gesticulo de mim para ele — entre nós, durasse além deste cruzeiro, eu te deixaria. — Sou, enfim, sincera. Para quê mentiras? Já não adianta mais. — Não iria te arrastar comigo para isso, não acredito que tenhamos sentimento suficiente para isso, tampouco é justo te trazer para toda essa merda comigo. — Eu não quero, mas se é para terminarmos, que seja agora, logo. — Eu quis uma despedida, o cruzeiro é essa despedida e você... você é uma brisa mansa, é quem tornou esta viagem perfeita, quem tirou o peso do passado das minhas costas. Mas é só isso.

Vladimir sorri de forma aberta, mas não é um riso bom ou feliz, é sarcástico, machucado.

— Fui seu consolo enquanto espera morrer...

— Eu não disse isso.

— Mas é o que parece, não é? Foi uma vingança?

— Vladimir? — chamo-o, chocada.

— Não é possível que não acredite em mim, que não sinta o quanto me importo com você, o quanto te quero em minha vida, só posso pensar em vingança, para explicar tudo isso.

— Eu jamais f aria algo assim, eu... sei o que é sof rer por amor. Te deixar ir, não seria um castigo para você e sim para mim. Não vê isso?

Ele nega, apoiando as mãos no parapeito, abaixando a cabeça e encarando os pés.

— Agora eu entendo seu comportamento, mas não entendo a sua f orma de desistir da vida, Melissa.

— Não tem uma vida da qual desistir aqui, Vladimir, você como médico sabe disso. É terminal. — E as lágrimas descem, inf ernode situação. Agora vivo chorando!

— Sinceramente, neste momento eu não sei mais de nada. Pois a mulher que eu imaginei conhecer, agora me parece uma f arsa! — Ele não espera mais nada, não f alamais nada, apenas sai, passando por mim e indo em direção à saí da, batendo a porta com f orça.

Sinto minhas pernas f racase busco algo para me escorar, me sentando na cadeira mais próxima. O que ele esperava? O que... o que eu estou f azendo?

Era isso, exatamente isso que eu queria evitar, esse peso no meu coração, esse f rioruim no meu estômago e essa sensação de ter pisado na bola, me af undado na lama. Ah, Vlad... o que eu f aço?

Uma lágrima me escapa e eu não sei se é por ele, se é por mim, ou sei lá... eu só estou me sentindo perdida, perdida como nunca.

— Ai, Deus, como dói.

Ao menos, agora eu não preciso trazê-lo para isso comigo, ele mesmo decidiu sair, ou eu sequer tentei deixá-lo entrar, sequer lhe dei escolha se queria ou não ficar Coloco-me em seu lugar e imagino o quão mal eu estaria agora se f osse o contrário. Era para ser... melhor que isso.

Ouçõ a porta se abrir e olho para trás, apressada, meu coração acelerado por achar ser Vladimir, mas é Becca e sequer tenho tempo de esconder o que sinto quando ela me olha. Ela me

observa assustada e eu me levanto. Não espero que diga nada, só a abraço. Preciso dela, de alguém, não quero mais estar sozinha!

— Meu Deus! O que foi, Mel?

— Eu... eu... eu... — E eu sequer consigo falar



Bebo meu quinto copo de água, sentindo a garganta dolorida, o rosto inchado e com uma dor de cabeça daquelas. Não posso culpar a doença por isso, e sim, ter secado uma garrafa de vinho praticamente sozinha, o que agora me deixa péssima. Olho o teto do quarto ouvindo apenas o silêncio em resposta à minha respiração. Parte da manhã fiquei no quarto com Rebecca, tentando explicar a ela os motivos que me deixaram tão abalada ontem à noite.

Claro que eu não disse a verdade, omiti quase tudo, disse apenas que tive uma discussão com Vladimir. Depois disso, ela me deixou em paz, aproveitando o resto da manhã para comprar algo que está precisando. Sequer lembro o que é.

Coço meus olhos, o que provavelmente os deixará ainda mais inchados, e afundo meu rosto no travesseiro. Não dormi durante a noite e chorei, sim, chorei muito e dessa vez eu sabia que estava chorando por ele. Quem guarda o amor por alguém por dez anos?

Eu sei o que eu disse ontem, sei sim, sei que disse a mim mesma que era o melhor acabar agora. Então, por que fico olhando o celular de minuto em minuto, tentando ter um sinal dele?

Uma mensagem de bom dia, alguma coisa e, droga. Sempre no decorrer do dia que não estávamos juntos, Vladimir tinha dado um jeito de dizer uma putaria que me deixasse com a calcinha molhada e com a expectativa em vê-lo e hoje só tenho o silêncio.

Não me aguento quando pego o celular e digito:

“ *Bom dia,*

Quero conversar, me desculpar, não sei. Só... falar com você.”

Fico olhando a mensagem escrita e a apago em seguida, para no minuto seguinte, a escrever do mesmo jeitinho e fechando os olhos, a envio. Vlad está on-line e quando a mensagem chega, ele sai do aplicativo. Meu coração palpita e minha vontade é de apagar a porcaria da mensagem, ainda assim, vai estar lá o aviso de que enviei algo e apaguei em seguida, o que seria pior. Droga!

Dane-se, ao menos ele não vai me ver rastejar. Destro o celular novamente, com intuito de apagar o que mandei, mas é tarde, ele está on-line e visualizou a mensagem. Não há mais o que apagar, apenas o frio de ansiedade em mim.

Espero um *digitando...* que não vem, ele apenas sai do aplicativo e eu me sinto idiota. Sou alguém racional, prática e sempre me orgulhei de ser assim, então por que diabos com esse homem eu não consigo lidar? Não consigo aceitar e esquecer?

Talvez ver sua preocupação comigo ontem, assim como sua decepção, tenha mexido comigo. Essa imagem é que está me corroendo. Esse sentimento de que magoei alguém que se importa comigo. Fecho meus olhos, trazendo momentos bons, a forma como me tocava, como me beijava, como dizia amar o meu perfume...ele não é igual a nenhum outro.

Volto a olhar a tela do celular e como há segundos, não há nada dele.

Sorrio... é irônico. Como sentir tanta falta de algo que não chegou a ter ou não chegou a ser consolidado? Como sentir faltado que nem chegou a pousar e voltou a voar? E eu sei a resposta:

É amor... uma ferida antiga que foi reaberta.

Capitolo 21



O peso da culpa pode ser muito mais rápido do que imaginamos.

Melissa

O dia passou e a resposta à minha mensagem não veio, nem ao menos um: Me esqueça. Passei parte da tarde na área da piscina, fingindo ler um livro. Tomei um pouco de sol e agora, estou aqui novamente no quarto, deitada na cama, cansada de olhar o teto. Deveria ter escolhido um cruzeiro que tivesse mais atividades a ver comigo.

A parte ruim de um navio é essa, se você não quer fazer nada do que eles oferecem, só te restam o quarto e o silêncio.

Sinto falta dele, ao lado de Vlad eu não tinha tempo de sentir que ficava mais doente a cada dia, ele era uma distração e isso dava certo, estava sendo maravilhoso. Ele disse que eu fiz isso tudo aqui para ele, a viagem a trabalho, mas foi o contrário, ele fez isso comigo. E eu o deixei ir.

No fundo, sei que foi por medo. O medo se tornou uma autodefesa, coisas de quem não tem muita sorte no amor.

Faltam quatro ou cinco dias para o fim da viagem, não sei bem, sei que parece uma eternidade para mim. Engraçado é que antes, quando eu estava longe dele, vivia o encontrando e agora, ele parece ter desaparecido, nem mesmo faz qualquer barulho ao lado. Já cogitei bater em sua porta, isso é um fato, mas se ele não me respondeu, é um indicativo claro de que precisa de espaço, mas eu não tenho tempo para isso.

Meu coração já está gelado, e vai congelar ainda mais se eu tiver que ouvir algo pior de sua boca, caso eu ceda à vontade descabida de implorar para que me entenda. Melhor não ir, vou só fingir que nada aconteceu, ou só guardar cada momento com carinho.

Acho que a segunda opção é melhor...

Sou interrompida dos meus pensamentos quando batem à porta, e eu não posso deixar de pensar que é ele, mesmo que eu tente dizer que não é, para não me decepcionar ao abrir a porta e...

É ele... Vladimir, bem aqui na minha frente, na minha porta, vestindo uma camisa azul-escuro, de malha e mangas compridas, com uma calça jeans branca, trazendo uma caixa nas mãos. Seu perfume me alcança e me polio para não inspirar fundo em uma expressão de puro contentamento, meu coração querendo sair pela boca.

— Vlad... — falo e, em contrapartida, ele parece calmo, sereno.

— Boa noite, Mel. — E quando o nome Mel sai de forma carinhosa de seus lábios, eu sinto meu coração derreter e uma pequena esperança se acende. — Eu vim trazer isso, lembro que rasguei uma saia sua, estava te devendo algo e, te esperarei no restaurante lá embaixo — falo, me entregando a caixa e saindo em seguida.

— Vladimir... — Tento, mas ele não para.

— Te espero lá embaixo, não demore e calce os sapatos, aquele par.

Nada mais é dito, pois ele some do meu campo de visão enquanto olho a caixa rosa em minha mão, paralisada. O que isso significa?



Desço as escadas sentindo o tecido esvoaçante e macio, do vestido longo, de cor azul-claro, roçar em meus pés. Vlad o entregou dentro da caixa há pouco, junto ao xale que eu estava vestindo dias atrás, quando demos nosso primeiro beijo, aqui na proa do navio. Ele o guardou.

Confesso que gastei dez minutos sentada na cama, olhando o vestido e me perguntando se fariacerto vir ao seu encontro e, por fim, aceitei. Também acatei o pedido de calçar os sapatos e tenho o xale em meus ombros, a noite está particularmente fria hoje.

Não tenho trabalho algum em encontrá-lo ao adentrar o salão de jantar, já que ele é o primeiro a me ver, se levantando para se fazer presente e puxando a cadeira para mim quando me aproximo, com um sorriso gentil estampado em seu rosto.

Estranho o comportamento, mas resolvo ficar quieta.

— O vestido ficou perfeito em você. Que bom que veio. — Ouço ao me sentar, vendo-o tomar o assento à minha frente com um olhar apreensivo.

— É, eu não sei o que dizer. Ainda não me decidi se isso será realmente bom ou não. Ontem foi...doloroso e hoje, quando não me respondeu, achei que era um modo de dizer que acabou.

— Eu não fariaalgo do tipo e me desculpe não ter respondido antes. — Ele está tão bonito quanto poderia, a barba que sempre está cerrada, hoje está um pouquinho maior e não há aquele vinco entre suas sobrancelhas.

— Não é legal deixar alguém esperando uma resposta. — Não o olho ao dizer, mexendo no guardanapo que descansa sobre a mesa.

— Eu estava, não, ainda estou chateado, Melissa. Na verdade, mais cedo eu estava mais que chateado.

— Não tem como seguir um roteiro neste caso, Vlad, não é algo...

— Comum — fala e eu concordo com um aceno. — Para você, talvez não seja, já parou para pensar que no meu mundo é algo

mais comum do que imagina? Estive com você esses dias todos, inclusive, quando fingia-se sentir mal por vários motivos quando, na verdade, era o tumor. E por que esconder, Melissa? Se fosse um caso de uma noite, tudo bem, essa conversa nem estaria acontecendo, mas não é isso o que temos, não é o que quero.

— E é isso que eu não queria, Vlad, não quero alguém comigo quando eu estiver...

— Quando pretende contar para sua irmã? — me interrompe, a postura há pouco receptiva mudando aos poucos.

— Ao voltarmos, em casa acharei uma forma de contar a ela.

O homem anui, bebendo um gole do vinho branco em sua taça.

— Não há uma forma fácil, Melissa.

— Eu sei disso, eu só queria fazer algo com ela antes, deixá-la feliz.

— Isso aqui então foi um tipo de despedida também para vocês... — Não é uma pergunta enquanto gesticula com o dedo indicando o cruzheiro.

— Sim, mas também foi para que eu me permitisse coisas da qual me neguei — explico, buscando as palavras. — Sempre fui muito reservada, regrada até e achei que esta viagem me permitiria ser outra pessoa. Percebi tarde que não há como mudar do dia para a noite, não sou assim. Gosto de constância. — Quando o olho, ele tem o cotovelo apoiado na mesa, a mão apoiando o queixo enquanto me observa. — Não é que me privei ou fui privada de viver intensamente, eu simplesmente escolhi não fazer. Gosto de chegar do trabalho e me jogar no sofá, tomar um banho após alguns minutos, uma taça de vinho às vezes, levar trabalho para casa e estudar novas formas de ensinar. Gosto de passar meus finais de semana lendo um bom livro, vendo uma série, ou só... fazendo nada. Não gosto de muito tumulto, festas, bebidas e percebi que não faz sentido buscar isso agora, não sou eu. E precisei entrar em um cruzheiro pra perceber isso.

— Não — nega e busca minha mão sobre a mesa. — Preciso entrar em um cruzeiro para não ter mais como fugir de mim. Talvez tenha sido o destino, Mel. Eu nem ao menos queria vir em um primeiro momento, ainda mais após saber que estava morando no Rio. Mas não tive como ficar

Tinha me esquecido que essa sua formade sempre ver o lado positivo das coisas, mesmo em situações ruins.

— O que quer dizer, Vladimir?

— Ontem, quando saí do seu quarto, tinha um bloco de concreto em meu peito e não consegui mais dormir sozinho em minha cama, passei a noite em claro, olhando para o travesseiro ao lado, onde você deveria estar deitada, sentindo sua falta.

— Eu não te entendo. — Tiro minha mão da sua, buscando uma resposta em tudo isso. — Ou melhor, você parece não entender o que está acontecendo comigo.

— Entendo que eu me apaixonei, de novo, pela mesma mulher. Que mesmo que passasse a viagem inteira fugindo de mim, eu insistiria em tê-la. Entendo que agora, mais do que nunca, você precisa de apoio e eu quero estar com você, Melissa. Não me importa o que acha, talvez pense que não irá querer ter ninguém quando estiver nos deixando, mas em momentos como esses, ao nos vermos sozinhos, nós queremos toda e qualquer pessoa capaz de nos dar o mínimo conforto possível. Já vi esse filme, Mel, acredite, você precisará de todos que te amam ao seu lado.

Eu sorrio ironicamente, ele não pode saber como é o sentimento, como é se sentir impotente.

— Claro, e você sabe disso porque é médico?

— Não, porque tive leucemia quando adolescente, porque sei que a incerteza, se irá morrer ou viver, faz com você e, acredite, quando estiver achando que é realmente o seu fim, quando tiver a primeira parada cardíaca, vai querer todos ao seu lado. Incluindo um

cara que te ama. — Estou estática e engulo em seco, olhando para ele. Vladimir nunca me disse isso, nunca... — Não digo isso porque sou médico, Mel, digo porque sei como é, sei exatamente como é. No início, não queremos ninguém, sentimos raiva, não entendemos o motivo e isso é comum, faz parte da negação e, em seguida, queremos nos agarrar a qualquer pessoa a qual sentimos o mínimo de afeto possível. Passamos a entender o real motivo de viver o hoje como se fosse o seu último dia.

Estou paralisada, meus olhos vidrados nele enquanto procuro qualquer traço de mentira em suas palavras. Mas não encontro nada. Então, imagino Vlad, o homem que hoje me parece saudável como um touro, em uma cama de hospital, achando que vai morrer quando não passava de um garoto.

— Me desculpe, eu não sabia.

— Não se desculpe, não por isso. — Ele se levanta, vindo para o meu lado, arrastando a cadeira e se sentando próximo de mim. — Eu queria ter raiva por não ter me contado, por não confiarem mim para isso, mas até conversarmos e entender o passado, você acreditava que eu tinha te traído e transformou o amor que senti por mim em ódio, então... não é fácil voltar a confiar. Não é?

— Eu nunca consegui me entregar, nunca.

— Minha experiência com meu casamento foi terrível, Melissa, pois me casei com a mulher errada, por motivos errados. Sei reconhecer quando o destino coloca dívidas em meu caminho e você é uma delas. — A emoção com que ele fala reflete em mim, me deixando zozza ao processar o que diz.

Ele quer ficar?

— Vlad...

— Não, não. Só me responda uma coisa. O que sente por mim, Mel?

Uma lágrima escorre e abaixo o olhar, limpando meu rosto com delicadeza. Eu não quero chorar.

— O que quer que eu diga? Que eu te amo? Que passei o dia à espera de uma resposta sua, pois o que eu queria, desde que saiu ontem do meu quarto, era te abraçar e pedir conforto?— falo e não escondo a mágoa pelas circunstâncias que nos cercam. — Então tá, Vladimir, eu digo, eu digo que eu te amo e bastou que eu acreditasse na sua versão para voltar a sentir todo aquele sentimento de antes, ainda mais forte e destruidor. Eu não me enganei lá atrás, você é mesmo um cara fácil de amar, droga! — quase esbravejo e olho ao redor, vendo que chamei a atenção de algumas pessoas e sentindo um aperto consolador em minha mão, ao sentir seu toque.

— Então, case comigo, Melissa.

Olho-o, buscando se entendi bem e ele sorri, levando minhas mãos aos lábios e beijando-a.

— Diga-me sim.

Capitolo 22



Por vezes, você só precisa dar um salto de fé no escuro.

Melissa

O tempo parece suspenso, as pessoas parecem ter desaparecido e eu só enxergo Vlad, que segura a minha mão e me olha de forma intensa, carinhosa, com um sorriso no rosto, esperando realmente uma resposta. Minha mente dá um nó e suas palavras criam eco em meus ouvidos, que chegam a zunir.

— Me deixe ser o seu marido, Mel, me deixe dividir a carga com sua irmã, com você, me deixe te amar. Disse que não acredita em amor à primeira vista, peço só uma chance de mostrar que ele existe, que aconteceu com a gente. Por favor, se case comigo amanhã, aqui. O que me diz?

Sem conseguir reagir, vejo uma taça de champanhe rosé ser colocada na mesa. Dentro dela, um anel brilha, refletindo o único diamante no centro. Meus olhos se arregalam em surpresa e começo a me perguntar se isso é mesmo real.

— Está mesmo falando sério? — Busco seus olhos, que tanto amo, tentando entender por qual motivo alguém entraria nisso comigo. — Vlad, nós nos reencontramos agora, aqui, não conhecemos mais nada um do outro, nada, isso é loucura!

— Não. Você de volta em minha vida e eu te deixar ir por covardia do que virá, isso sim é uma loucura. — Sua postura é confiante, sua mão não solta a minha e meu coração está praticamente pulando na taça à minha frente e resgatando o anel. — Se disser sim, poderemos nos conhecer melhor, nos adequar um ao outro, se é isso o que te segura, brigar por motivos ridículos e fazer

sexo de reconciliação em seguida, tentar fazer dos próximos dias os melhores. Isso, se aceitar se casar comigo.

Sorrio, mas é de nervoso. Que diabos está acontecendo? Entrei em uma realidade paralela a qual tudo está de pernas para o ar?

— Casar, mas aqui?

— Sim, nos casaremos amanhã, já arrumei tudo. O ministro, o local e a data, só me falta a noiva. — Abro a boca e volto a fechá-la. Ele quer ficar é o que está me pedindo. — Só peço mais tempo com você, Mel, só quero estar ao seu lado. Me dê seus próximos três meses, só peço isso.

— Mas casando?

— E por que não? Perdi muito e agora quero tudo, quero todo o seu tempo.

Eu rio, rio ao sentir meu coração inflar no peito, um rio insano se formar em minha barriga e minha língua coçar para dizer sim. Minha vida agora mais parece uma comédia romântica um tanto trágica e eu só consigo sorrir de nervoso. Pego um garfo sob seu olhar e o enfio na taça, pescando o anel que está no fundo.

— Quer colocar ou eu mesma coloco?

— Isso é um sim?

— É, isso é um sim, mesmo que eu ache que estou fazendo a maior loucura da minha vida.

— Faremos juntos, então.

Vlad se levanta e pega o anel da minha mão, rolando no meu anelar direito. Um sorriso imenso, invejável, preenche seus lábios e eu me derreto com o que ele está me proporcionando. Vladimir me puxa pelo braço, colando meu corpo ao seu e então me beija de forma intensa, deliciosa e sinto-me sair da órbita.

Santo Deus... eu vou casar!



— O amor humano autêntico é uma entrega total da própria pessoa: alma, coração, corpo, toda a própria vida, presente e futuro. Quando duas pessoas se amam, sabem que vão compartilhar toda a sua vida. O casal é isto: juntos, para sempre, em tudo, para terminar nos filhos. Já não são dois, mas uma só carne e uma só vida. Antes eram duas vidas independentes que, de vez em quando, coincidiam. Agora estão intimamente ligados, a vida de um é inseparável da do outro. Até nas coisas mais concretas. Assim sendo, eu vos declaro: marido e mulher, com o poder investido a mim. Pode beijar a noiva. — O pastor diz, nos olhando à espera de que façamos o que pede.

Em um vestido branco de seda, de alças finas e decote marcado, estou eu aqui, parada frente a Vladimir, segurando um pequeno e improvisado buquê de rosas sintéticas, em um dos salões de festas do navio, que foi reservado apenas para nós, às escondidas. O casamento às pressas está sendo ministrado por um homem de aparência jovem demais para o meu gosto, que nem ao menos sei se tem mesmo licença para abençoar nossa união ou o que quer que essa loucura seja.

Meu coração bate acelerado, minha boca está seca após profetizar aquele tão temido sim, e se me sinto mesmo uma noiva? A resposta é sim, eu me sinto e é estranho.

Vlad sorri e passa o braço em minha cintura, me puxando para perto, olhando em meus olhos e com isso, fazendo um arrepio delicioso percorrer minha espinha em expectativa. Seus lábios tocam os meus de forma leve, mas não menos significativa. Ao se afastar eu sorrio, dando de ombros.

— Estou me sentindo uma criança fazendo uma bela arte —
falo baixinho quando sua boca quase encosta na minha.

— E eu, sinto que me casei com a mulher mais linda deste mundo.

Seu sorriso se amplia e seus lábios tocam os meus de forma macia novamente, carinhosa, e eu me derreto, sentindo como se meu coração fosse rasgar meu peito. Estou mesmo apaixonada e a sensação é tão boa que chega a dar medo.

— E agora? — pergunto, sendo levada por uma euforia quase infantil quando seus lábios deixam os meus, um dos garçons se aproximando e trazendo uma garrafa de champanhe.

— Agora, nós comemoramos. — Ele a estoura, e em seguida tenho uma taça cheia sendo entregue a mim. — Ei, não beba ainda — me repreende e eu o espero.

Vlad enche sua taça e então entrelaça seu braço ao meu, sinalizando para bebermos juntos. Fazemos, olho no olho, e sinto, pela primeira vez desde que disse sim ao seu pedido, estar fazendo o certo. Ou talvez tenha sido o meu eu louco dizendo isso. Nunca se sabe. Minha taça é tirada da minha mão e Vlad a segura, se dirigindo ao ministro ao nosso lado falando algo com a mulher próxima dele, que nos serviu como testemunha.

— Muito obrigado, pastor, agora tenho uma lua de mel a começar, se é que o senhor me entende.

— Vlad! — Meu rosto queima e fico vermelha, olhando Rebecca que sorri, um tanto preocupada.

Sou arrastada pela mão sem olhar para os lados, por um homem que veste um formal traje a rigor, de três peças, preto. Subimos as escadas quase correndo, Vlad na frente segurando minha mão e rio como boba, parando apenas quando alcançamos seu quarto.

— Uou! — grito, gargalhando quando, sem aviso nenhum, ele me pega no colo.

— Vamos fazer como manda a tradição, minha senhora.

Passo meus braços por seu pescoço e apenas beijo seus lábios, sentindo o sabor do champanhe que tomamos há pouco. É,

não foi um casamento comum, não tive uma grandiosa festa, não foi ao menos no civil e, aos olhos da lei, nem chega a ser válido. Mas, segundo o ministro, estamos casados aos olhos de Deus e me sinto mesmo fazendo arte.

Deixo seus lábios, olhando para o quarto.

— Uau... você fez tudo isso? — pergunto de boca aberta ao notar todas as pétalas de rosas vermelhas espalhadas por todo o lugar, a maioria delas formando um coração sobre cama com lençóis incrivelmente brancos.

Não poderia ser mais brega, nem poderia mexer mais comigo como o faz. Meu coração parece dobrar de tamanho com tanto cuidado.

— Sei que não tivemos a festa dos sonhos, a marcha nupcial ou a igreja, nem a valsa, mas eu quero que, de alguma forma, seja perfeito para você, esqueci vel, Mel. Eu me importo.

Ele me coloca de pé e me viro, olhando em seus olhos, sentindo na alma o que diz e eu sinto dor, não fizicas sinto dor ao perceber que não verei mais esse olhar um dia, ou que ele irá se apagar quando eu estiver me apagando. Eu o beijo, busco sua língua enrolando na minha e me apertando contra seu corpo, buscando mais e sentindo seu membro se avolumar dentro da calça social.

O beijo não dura muito, terminando em pequenos beijos que são deixados por todo o meu rosto, pescoço e colo e sinto suas mãos buscarem o zíper do meu vestido na parte de trás.

— Vlad...

— Preciso ter você, mas desta vez é diferente, Mel, quero com calma, quero só sentir que está aqui comigo, amar e venerar seu corpo.

Gemo, perdida quando ele segura as alças finas do vestido, as descendo por meu ombro, beijando-o no caminho e deixando a peça cair aos nossos pés. Ele se afasta, olhando meu corpo pouco coberto com uma lingerie vermelha, a mesma que pensei em usar

para ele na noite em que descobriu tudo. Enquanto admira o meu corpo, ele começa a tirar a própria roupa e eu ando para trás, a fim de me sentar na cama e admirar, é sempre um show à parte vê-lo se despir.

O homem fica apenas de cueca boxer preta e eu salivo por prová-lo, mas ele segura minhas mãos quando tento tocá-lo, e ele não mentiu, agora parece mesmo diferente. A forma como me olha, como sua mão alcança meu rosto, em uma leve carícia, o polegar percorrendo minha bochecha, pescoço e chegando ao limite do espartilho de um vermelho-vivo.

Vlad me impulsiona a me deitar, se livrando da última peça. Levantando minha perna, ele tira os sapatos, um após o outro, levando meu pé aos seus lábios e o beijando.

Deixo meu tronco tombar para trás, entregue, enquanto sinto beijos subirem por minha panturrilha, devagar, de forma erótica e me faz arrepiar quando alcança minha coxa. Seguro sua cabeça, seus cabelos curtos, quando sua boca alcança minha intimidade e beijos são deixados em meu centro que clama por ele. Me contorço e gemo quando o homem me chupa por cima da peça de renda, olhando diretamente em meus olhos.

Um sorriso de lado aparece e minha calcinha é rasgada, sem pressa, enquanto beijos são espalhados por cima do espartilho que ele não faz questão de tirar, destapando apenas meu seio; um, depois o outro, como se estivesse se servindo de um banquete, os chupando em seguida.

— Eu amo seu sabor.

Nada digo, perdida demais no momento para poder falar qualquer coisa que seja e puxo-o para mim, beijo-o, sentindo seu pau roçar minha entrada molhada por sua saliva junto à minha própria excitação.

Ondulo em prazer puro e cru, com paixão e carinho, sua mão alcançando meus cabelos e seus olhos falo que não deixamos escapar em palavras e eu não me permito fechar os olhos, não me

permito perder um minuto sequer do que ele me proporciona quando, devagar, começa a me penetrar, beijando-me. Sua língua desce por meu pescoço e alcança meus seios, voltando a chupá-los de forma ávida. Quero tudo e vou tirar dele cada partícula que ele puder me dar no tempo em que estivermos juntos.

O tempo para e eu tento memorizar bem este momento, sua expressão de prazer, as sensações em tê-lo atolado dentro de mim, estocando forte, rápido.

— Eu vou, Vlad...

— Isso, goze para mim, Mel... chame por mim que eu te sigo, preciso te ver gozar assim.

O prazer me toma enquanto suas estocadas ficam mais firmes e ritmadas, fecho meus olhos, me concentrando apenas no prazer, nas sensações que sua boca, as mãos e seu membro me causam e me deixo cair no abismo sem fim, sendo amparada por seus braços fortes que me dão a sensação de que jamais me deixarão cair.

Ouçó meu nome sair de seus lábios, seu rosto se contorcendo de prazer enquanto se derrama em mim e aproveito o momento, colando ainda mais nossos corpos suados. Acaricio seu maxilar, enquanto seu corpo ainda é levado pelos últimos segundos de prazer, afundando seu rosto em meu pescoço em seguida, mordendo a pele macia.

Ambos queremos mais ar, cansados e, após alguns segundos, sinto-o rolar para o lado, me levando junto. Aninho-me em seu peito, minha mão subindo e descendo em seu torso, ambos calados após tanto prazer, contemplando o momento significativo que tivemos.

Nós nos casamos... somos marido e mulher.

— Somos loucos? — pergunto, quebrando o silêncio após um tempo.

Desde ontem, me faço essa pergunta, tentando entender o que Vladimir fez e o que eu aceitei. Realizei o que eu queria, afinal, fiz algo que eu nunca me imaginei fazendo.

— Não, não somos, queremos aproveitar um ao outro e só —
f alae estala um beijo em meus lábios. — E, por f alarnisso. — Ele
me af astae se levanta nu, em toda sua glória e eu trago o lençol
para cobrir meu corpo, vendo-o procurar algo no armário. — Aqui.
— Vlad volta para cama com algo na mão. — Comprei isso para
você, f eliz Dia dos Namorados!

Fico sem reação quando ele me estende uma caixa de veludo,
média e quadrada, na cor vermelha.

— Vladimir, eu... eu não comprei nada para você. — Estou sem
jeito, olhando dele para a caixa bonita.

— Não precisa. — Dá de ombros, um sorriso grudado em seus
lábios desde que eu disse sim, ainda ontem. — Já me deu o melhor
presente, você, Melissa.

Desconcertada, pego a caixinha de sua mão e a abro, vendo
uma correntinha, ou melhor, duas. Uma correntinha mais f ina, tem
um pingente que dá iní cioa uma parte do sí mbolodo inf inito, que se
completa com o outro pingente grudado à correntinha ao lado, um
pouco maior e mais grossa.

— Tem nossos nomes neles.

Pego a correntinha com cuidado e viro o pingente, vendo
nossos nomes gravados em letras miúdas: Mel e Vlad.

— É lindo, Vladimir, é perf eito.

— Iremos ao inf inito, Melissa, não importa quanto tempo tenha.
Não vim por acaso, não peguei seu sapato por acaso, tinha que
ser... Posso? — pergunta, se ref erindo à correntinha e eu entrego a
ele, virando e tirando o cabelo para o lado, com um sorriso bobo
moldando meus lábios.

Faço o mesmo com ele quando abotoa a correntinha ao meu
pescoço e voltamos a nos deitar, abraçados e aquecidos, perdidos
em pensamentos, o tempo todo tendo meus dedos a acariciarem a
correntinha em meu pescoço. Algo vem à minha mente, o
pensamento de que não conheço muito bem o homem com quem

me casei, sua família, ninguém, e que tenho que conhecer, ainda mais agora.

— Falou com sua irmã e seu pai? — pergunto baixinho, sentindo a delicadeza da peça entre meus dedos.

— Falei com a Dani, ela achou um máximo. Com meu pai, nossa relação não avançou muito desde que nos conhecemos até hoje, talvez façamos uma visita ou eu apenas o avise.

— Ele não se importará?

— Acho difícil. Ele está mais focado na empresa do que realmente nos filhos, não se preocupe com isso. — Ao dizer, seus dedos fazem um carinho gostoso pelos meus cabelos e eu suspiro.

— Vlad, sobre a doença que teve... pode voltar?

— Sempre será um risco, mas por ora, estou bem.

Tento imaginar como era Vladimir no período em que esteve doente, tão vulnerável em um hospital, e olho seu rosto, forjandoum sorriso.

— Mel, sua irmã, o que ela disse quando você contou que nos casaríamos?

Sorriso ao lembrar a cena.

— Primeiro ela surtou e me acusou de estar surtando, em uma crise de carência ou algo do tipo. Depois te acusou de ser um tipo de serial killer, ou um homem abusivo e, por fim, disse que nós dois estávamos loucos. Falou em intervenção e, então, para acalmá-la, tive que contar a nossa história, desde o início — falei uma vez, sem pausa. Falar com Rebecca foi realmente assustador, foi a primeira vez que a vi sendo a adulta da situação. — Mal terminei o relato e ela já estava suspirando e te achando um príncipe encantado.

— Contou a ela sobre a doença? — pergunta e isso tira o riso do meu rosto.

— Não, essa parte eu omiti. Contarei quando voltarmos.

— Tudo bem, como desejar, será em breve, de qualquer forma, e sua mãe? Quero conhecê-la assim que voltarmos.

Ainda não acredito que ele exista. Vladimir sabe da condição de minha mãe, que ela provavelmente não se lembra nem mesmo de mim, que dirá se importará em conhecê-lo e, ainda assim, quer ir.

— E eu farei questão em te levar até ela. — Seu abraço se aperta ao meu redor e deixo minha cabeça tombar em seu peito.

Não sabendo se isso é uma boa ideia. Seria mais alguém para amar...

— Ana Júlia vai adorar a novidade, te ver. — E não sei bem se isso é uma boa ideia. Seria mais alguém para amar e dizer adeus...

Pela primeira vez, desde ontem, sinto medo, medo por mim, por nós, e também Rebecca e toco a correntinha que acabei de ganhar, ouvindo Vladimir soltar o ar.

— Vai ficar tudo bem, meu amor

Eu espero tanto que sim.

Capitolo 23



Nada como um novo dia e uma lua de mel...

Melissa

— Bom dia, esposa.

Suspiro alto ao sentir um beijo na bochecha, ainda de olhos fechados e gemo ao receber um tapa leve na bunda. A noite não poderia ter sido melhor.

— Bom dia, marido.

— O café está na mesa — falo e eu abro somente um olho, a luz do sol clareando todo o quarto, vendo a mesa no deque posta.

— Estou mesmo com fome.

— Imaginei que sim, depois de abusar por três vezes do meu corpo. Que mulher tarada você está me saindo, Melissa. — Seu bom humor aguça o meu.

— A culpa é sua que é uma tentação deliciosa — Levanto-me, puxando a camisa social branca no chão ao lado da cama e a vestindo enquanto ele acompanha cada movimento meu com um sorriso no rosto, indo para a mesa do café.

— Há controvérsias.

Estou faminta, algo raro ultimamente e também me sinto dolorida, em principal minhas partes íntimas.

Sinto uma leve tontura, o sorriso morrendo um pouco, enquanto tento disfarçar que não é nada. Fico parada, segurando na mesinha ao lado da cama e quando sinto a tontura passar, vou em sua direção a ele, me sentando o mais rápido que posso ao seu

lado. E de onde estamos, é possível ver o porto de Ilhéus e é a coisa mais linda.

— Uau... é lindo — falo, encantada,

— E só é o porto.

— Já foi um cruzeiro antes? — A cidade é uma das paradas do cruzeiro e é a que me deixou mais ansiosa para conhecer, tudo pela arquitetura colonial.

— Sim, uma vez em um intercâmbio. Foi legal.

— Imagino — confiro, olhando algumas pessoas no píer ao longe.

— Mel, é o doutor Ivan o seu médico, não é? — Volto a olhar para Vlad, que parece distraído ao comer seus ovos. Seu rosto aparentemente parece inocente, mas meu corpo fica tenso com sua pergunta.

— Sim, é ele.

— Interessante, o conheço. Um bom médico sem dúvida, mas também...

— Vlad...

— O quê? É só um comentário. Trabalhamos no mesmo hospital, mas não nos damos muito bem. — Ele deixa o garfo sobre a mesa, pegando o guardanapo e limpando a boca.

— Por que não? Me parece muito simpático e comprometido, gosto muito dele.

— Comprometido e antiquado.

— Como assim?

— Em suas técnicas. Não há problema em passar da idade de se aposentar e continuar a atuar, Mel, isso, desde que você não caia na mesmice, que continue a se reciclar. Nunca sabemos tudo, a ciência se reinventa com a rapidez com que tomamos nosso café da manhã e é necessário que nós, médicos, consigamos acompanhar

esse avanço. — Vlad me dá todo um contexto, tendo uma postura despreocupada, bebericando o café na xícara.

— Ele não é tão velho, Vlad — falo e mordo uma fatia de torrada.

— Eu não disse isso, me referi à sua escolha em parar no tempo.

Observo-o, e me pergunto se ele tem algum intuito com isso.

— Mas por que esse assunto?

— Por nada, curiosidade, apenas. — Ele volta a comer os ovos, levando uma garfada à boca e degustando sem pressa. — Me diga, pediram muitos exames?

Solto o talher sobre a mesa, um tanto impaciente. Não é possível que em um dia perfeito como este, o primeiro assunto será meu tumor.

— Sim, fiz uma bateria deles. Percebi que algo estava mesmo muito errado comigo, por conta das dores incessantes e comecei a me preocupar, logo procurei o médico, que pediu muitos exames.

— Entendi, claro, é o que se espera em um caso como o seu. E então, o que quer fazer hoje?

Solto o ar que antes prendia, voltando a pegar o talher sobre a mesa, agradecida por ele mudar de assunto.

— Não sei, o que me propõe?

— Um passeio romântico pela bela arquitetura da cidade. O que me diz?

— Eu acho perfeito. É exatamente o que eu queria desbravar

— Sua irmã vai conosco? — pergunta, terminando o café.

— Não, parece estar bem interessada em um tal de Roberto, que a chamou para um passeio particular. A desculpa dela para ir é que quer nos dar privacidade na nossa curta lua de mel. — Sorrio, quem não a conhece até compra sua versão.

— Sua irmã é uma figura.— Ele sorri e se levanta. — Estive pensando, Mel, já que agora estamos casados, me veio uma dúvida. Quando voltarmos, para casa de quem iremos?

Ele me pega de jeito com a pergunta e não tenho resposta, não agora.

— Eu ainda não pensei sobre isso... podemos resolver quando voltarmos do nosso passeio romântico por Ilhéus, o que acha? — Saio pela tangente, é mais seguro, não pensei na parte prática da coisa ainda.

Vlad me puxa pela mão, me abraçando, dando-me um beijo rápido nos lábios.

— Eu acho que está me enrolando. Não vai poder fugir de mim, sabe disso, não é, esposa?

— E nem quero, marido. — Beijo seus lábios, me afastando em seguida. — Vem, vamos nos arrumar.



— Gostou? — Ele quer saber.

— Tá brincando? Eu me senti a Elizabeth Bennet entrando na mansão do Mr. Darcy. Foi, perfeito...Aquele é um palácio divino, por mim voltaria amanhã, depois e depois e não me cansaria nunca.

— Você é muito nerd — brinca, apertando meu nariz. — Uma pena não termos mais tempo aqui — fala, enquanto estamos sentados em uma cafeteria charmosa no centro, próximo ao porto onde o cruzeiro ancorou essa manhã.

O passeio foi perfeito, mas o tempo é curto e não deu para ver muito, mas o que conseguimos ver foi... surreal. Escolhemos ir à Catedral de São Sebastião, do século 20, e depois turistamos pelas ruas e queríamos ir à famosa praia dos Milionários, repleta de palmeiras, mas não deu tempo. Ainda assim, foi demais.

— É realmente uma lástima... — retruco, aproveitando o gosto doce do cappuccino que pedi.

— Mas podemos voltar outro dia, vir apenas à Bahia e, além de aproveitar Ilhéus, aproveitamos também outras cidades próximas, já que gostou tanto assim. O que acha?

Eu o olho, do que ele está falando?

— Vladimir...

— Eu sei o que vai falar Mas, e se buscarmos outra opinião? Um especialista, podemos fazer ao menos isso, mais exames, tentar...

— Não quero tratamentos paliativos que vão fazer com que eu passe o resto dos meus dias em um hospital, Vladimir — o corto e ele me olha, a boca ainda meio aberta. — Eu não quero isso, não quero quimio, sentir dores e me perder no processo. Nessa fase em que o câncer está, não adianta mais e eu não vou arrastar você e Rebecca para isso comigo. O erro foi meu, eu demorei demais a procurar o médico e irei pagar as consequências por isso.

— Sequer cogitou...

— Pelo amor de Deus, claro que sim, Vlad. Claro que pesquisei, acha que não quero viver? Sei que alguns tratamentos poderiam me dar poucos dias a mais de vida, mas em que condições?

Ele busca minha mão por cima da mesa, seu polegar fazendo um carinho lento na palma.

— E se for operável? E se pudermos tirar o tumor aos poucos, Mel?

Engulo a saliva, tentando não deixar meu coração criar esperanças.

— Não dá, Vlad, você viu os exames, é surreal. É assustador.

— Sei que sim, Mel, eu sei. Mas, amor e se tiver uma saída, uma chance?

E eu já pensei nisso, cheguei a dizer se caso tivesse 1% de chance, eu tentaria, mas agora... já não tenho certeza. Podemos encontrar alguém que queira me operar, que seja maluco ou bom o suficiente para isso, mas e se ao invés de ter três meses de vida, eu morrer na mesa de cirurgia?

— Eu... eu...

— Olha, Melissa, eu tenho um amigo, um ótimo cirurgião, especialista em casos como o seu.

Eu deixo o ar escapar, segurando meus ânimos, não quero estragar o momento falando disso. Eu sabia que o assunto de manhã não era só curiosidade.

— Vladimir, por favor. Agora eu não quero falar disso, temos o quê? Mais dois dias de viagem? Vamos só curtir um ao outro, aproveitar o momento. Por favor.

Vlad me olha e apesar de saber que não quer aceitar o que peço, ele anui, ainda que aquele bendito vinco volte para o meio de suas sobrancelhas.

Capitolo 24



***A bat alha pode estar perdida, mas a guerra... está a jamais, não
enquanto o pudermos lutar***

Vladimir

Melissa tem tido sucesso em fugir das minhas perguntas e invertidas para conversarmos sobre sua condição, voltar a falar em opções, sobre possíveis caminhos a serem tomados e, por ora, ela se encontra inflexível com relação a entrar nesse assunto. Não sei mais o que fazer ou como fazer, o que sei é que não quero perdê-la, mesmo que consiga entender seus medos.

Ontem fiz algo de que não me orgulho, situações extremas pedem medidas desesperadas e foi o que fiz ao encaminhar os exames de Melissa para outro médico, um cirurgião geral ao qual realmente confio, que até pouco tempo trabalhava comigo. O cara conta com um histórico incrível e é o profissional certo para ela neste momento. Saio da sala de embarque do aeroporto, a fim de fugir de Melissa que está logo ali sentada, despreocupada ao mexer no celular ao lado da irmã.

A bolha rosa estourou e é hora de voltar para casa, mas antes, pego o celular. Preciso fazer uma ligação e obter respostas.

— *Bom dia, arqueólogo* — ele me atende no terceiro toque e franzo o cenho ao ouvi-lo.

— Como é?

— *Recebi os exames, meu amigo, e um tumor como aquele... é raro, tem que ser escavado* — brinca. Não é por mal, é apenas o nosso dia a dia. O que para muitos é uma sentença de morte, para alguns é um desafio.

Fecho os olhos ao ouvi-lo, quão ruim me torno ao querer que esse maldito tumor estivesse em qualquer pessoa que não em minha Melissa?

— Estamos falando do tumor da minha mulher — explico, olho pelo vidro ao lado, que me dá uma bela visão de Melissa, despreocupada, ao esperar nosso voo. Um silêncio segue-se na linha, troco o peso do corpo de uma perna para a outra, esperando alguma palavra sua. — Pedro?

— *Estou aqui. Não sabia que eram da sua mulher, nem sabia que se casou.*

E como poderia? Foi... realmente algo inesperado, tudo está sendo.

— Tudo bem, é uma história bem longa essa, que pretendo te contar em breve. Mas antes, sei que não está mais operando ou atuando na área, sei mesmo, mas, Pedro... eu só confio em você para isso, cara. Preciso de uma consulta, um parecer seu. Encare como um favor pessoal.

— Nem precisaria explicar isso, Vladimir. Me diga, quem diagnosticou foi Ivan?

— Isso.

— *E por que não tem a biópsia? Ele não a pediu?*

— Isso eu não sei dizer, só consegui os exames de imagem, são todos os que te mandei. Mas acredito que tenha feito... — E a dúvida sobre isso me tira um pouco do ar. — Do contrário, se ele não fez a biópsia, como poderia diagnosticar um câncer?

— *Não faço ideia, meu amigo.*

— Isso seria impossível, dar a certeza de um tumor, sim, mas um câncer?

— *Não seria a primeira vez que ele faz isso* — Pedro relembra.
— *Você lembra que ele usa dos seus muitos anos de experiência para embasar seus diagnósticos, como se todos os casos fossem*

iguais? — Sim, isso é uma verdade, por isso nunca conseguimos trabalhar bem juntos.

— Mas isso seria loucura. Atestar um câncer terminal sem biópsia, seria um atestado de demência. Pedro, isso daria perda do CRM, mancharia a carreira dele.

— Mas ele disse a ela que era um câncer e terminal?

— Sim, e ofereceu tratamentos paliativos, inclusive, mas não deu mais que três meses de vida para ela. Por isso quero a sua opinião, ainda mais ao saber que houve claramente uma falha no diagnóstico.

É o que quero. Talvez eu esteja pedindo o impossível, eu sei, mas preciso tentar.

— *Porra, meu amigo, eu nem sei o que dizer, sendo sincero.*

— Diga que me ajudará, será o suficiente.

Há poucos meses, Pedro abdicou do seu cargo no hospital em que trabalho, por motivos pessoais, mas agora eu preciso que ele volte, nem que seja por uma semana.

— *Farei o seguinte, vou ao hospital, ainda esta tarde, estarei na cidade. Mas preciso conversar com Lauro primeiro, pedir permissão.* — Sei que precisa, Lauro é o chefe de cirurgia e se tem alguém que pode convencê-lo a abrir exceções, esse alguém é Pedro. — *Depois, com seu aval, conseguirei ter acesso ao prontuário.*

— Tenho certeza de que ele dará.

— *Se não der... posso usar outros métodos pouco corretos. Agora tenho que ir, falo com você mais tarde?*

— Claro, basta ligar. Estou voltando de viagem hoje e logo estarei em casa.

— *Perfeito. Até logo.*

A linha fica muda e por algum tempo fico olhando a tela do celular, na qual tem uma foto nossa como protetor de tela. Na ocasião, estávamos no quarto, no dia em que nos casamos. Ela

olhava sorridente para mim, enquanto tentávamos imitar a famosa cena de Titanic, foi quando bati a porta e a peguei desprevenida. Um momento mais que especial para ser guardado.

Estamos casados e finalmente voltando para uma nova realidade. Uma em que devemos morar juntos. Ainda assim, acredito que ela não irá deixar sua casa tão logo ou cogite algo assim. Pensando nisso, Melissa também vem fugindo desse assunto, talvez por medo, falta de confiança, não sei bem, mas algo ainda a segura.

Já eu, a única coisa que quero e espero é ter um futuro ao lado dela. Por mais que tenha visto seus exames, por mais que ela diga não ao tratamento, por algum maldito motivo, eu tenho esperanças de algo diferente e, por isso, me pego fazendo planos às vezes, vislumbrando o futuro nada realista, no fim das contas.

Sorrio ao tentar imaginar a reação de Ana Júlia ao me ver casado com Melissa. Ela quase não me deixou desligar o celular ontem, quando nos falamos, só falava na tia Mel, que agora realmente é sua tia de verdade.

Comecei a pensar após isso e cheguei a ter algumas ideias. Imagino que o melhor seria um apartamento novo, um novo lar para nós dois. Tenho outro apartamento, adjacente ao meu, também grande em tamanho.

Comprei-o no intuito de fazer uma grande reforma, uma junção de ambos, ampliar meu apartamento atual que já está pequeno para três, ainda mais com uma Ana que vem crescendo depressa. Antes mesmo de pensar em me casar, já estávamos precisando de mais espaço, um quarto maior para Ana e seu arsenal de brinquedos.

Agora, ao me casar, fazer uso do apartamento vazio será ótimo. Tem espaço suficiente e é ao lado do que moro hoje, o que quer dizer que ficaremos próximo de Dani e Ana, o que tornará fácil e flexível para nós. Sou tio da minha pequena, mas sou pai por opção e tenho que colocar ela bem no meio da equação também.

Mãos delicadas me abraçam.

— O que faz aqui? — pergunta, seu rosto encostado em minhas costas.

— Nada de mais, estava em uma ligação urgente.

— Hum... nosso voo já vai sair.

Volto-me para ela, abraçando-a e inspirando seu cheiro. Adoro o seu cheiro, em especial seus cabelos.

— Ótimo. — Beijo sua testa, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha. — Me diga, como se sente? Enjoos?

— Não, estou bem, apenas com a sensação diferente de estar voltando casada para casa. E você?

Seguro seu rosto entre as mãos e roço meu nariz no seu. Eu não posso perdê-la, não posso.

— Maravilhosamente bem, estou casado com uma linda mulher, o que mais eu iria querer? — Dou-lhe um beijo estalado nos lábios e me afasto minimamente, buscando seus olhos. — Estava pensando em marcar um almoço amanhã com Dani e Ana, o que acha?

Eu a assusto com isso, posso notar, seus olhos se arregalam em expectativa e espanto. Falamos sobre isso ontem, mas Melissa tem medo em se aproximar e confundir Ana, a fazer se apegar a ela para depois...

— Vlad, combinamos que talvez não seria a melhor opção.

— Não, amor, você falou que achava melhor, ao menos por ora, não se aproximar tanto, porque está com a ideia de que carrega uma sentença de morte na cabeça, eu não disse que concordo — enfático. — Além do mais, já contei a ela que me casei, já conversei com minha irmã sobre isso, não tenho como privar Ana do seu convívio. Estamos casados.

Melissa rola os olhos, um tanto sem jeito. Em um primeiro momento, ela não demonstrou resistência em se aproximar de Dani e Ana, mas depois, a realidade caiu sobre ela e agora está com a

ideia fixa de manter distância de todos, para não machucar mais pessoas que o necessário. Isso, segundo ela.

— Contou a elas que tenho câncer? O motivo do casamento?

— Não, não contei, e o *tumor* não foi o motivo do nosso casamento.

— Poxa, Vlad, tínhamos combinado — ela insiste em dizer

— Mais uma vez, não combinamos. Você falou que achava melhor e eu não concordei. Nos casamos, Mel, e não vou esconder você de ninguém por achar que vai morrer e me deixar viúvo em breve, eu jamais concordaria com algo assim. — Minhas palavras a deixam alerta.

— Às vezes, é como se você não entendesse, ou melhor, não queira entender o que estamos vivendo. Eu já aceitei o meu destino, aceite você também.

— Claro que entendo, mas não quer dizer que aceito. — Ao deixar as palavras saírem da minha boca, faço Melissa se afastar

— Vai ter que aceitar de um jeito ou de outro, Vlad — fala, dando um passo atrás, notando o casal que passa ao lado, no corredor, que nos olham com curiosidade.

— Quanto a isso, tem algo que quero te falar — Não adianta querer esconder, não dá para sedar essa mulher teimosa e levá-la à força de volta ao hospital, para fazer novos exames.

— Está me olhando com cara de quem aprontou, Vladimir. Como há dois dias, quando me convidou para transar no deque, à vista de quem quer que saísse e olhasse em nossa direção.

Não é o momento, mas ao me lembrar disso, sorrio e seguro sua mão, a trazendo de volta para mim. Só que continua de braços cruzados, me olhando com receio.

— Às quatro da manhã não há muitas pessoas em deques, Melissa, e a adrenalina foi deliciosa — desconverso, mas ela não se desarma e solto o ar, antes de dizer: — Mel, eu mandei seus exames para um médico amigo meu.

— Você o quê? — ela praticamente grita, as mãos espalmadas em meu peito, me afastando. Estamos dando um verdadeiro show no corredor do aeroporto. — Não, você não fez isso.

— Sim, eu fiz.

— Ficou maluco? Vlad, eu pedi, eu disse que não queria... com que diabos de intuito fez isso, afinal?

— Eu sei o que disse. — E me sinto culpado realmente e tento me aproximar e segurar seu rosto. — Mas eu preciso de uma segunda opinião, Melissa. Por favor

— Não! Você invadiu minha privacidade, mais uma vez. Era isso o que eu não queria, é esse tipo de sentimento e de culpa que eu não queria sentir. O que espera com isso?

— De verdade?

— É claro!

— Mande os exames para um cirurgião geral, o mesmo que te falei outro dia. Ele é um dos melhores que conheço, tem uma reputação irrefutável, em especial com histórico de tumores inoperáveis, casos difíceis como o seu.

Melissa solta o ar audivelmente, o rosto antes relaxado, agora está vermelho, eu cutuquei a onça.

— Eu não acredito que fez isso, francamente, Vladimir. Eu disse não a você, eu fiz uma escolha, a escolha de não terminar meus dias em um maldito hospital com tratamentos paliativos, eu disse exatamente o que faria com a minha vida, ou com o resto dela, não te escondi nada e você quis ficar mesmo assim, e agora me vem com isso? — Ela não está errada, foi exatamente o que ela disse.

— Mel...

— Não, não me venha com Mel.

— Okay, apenas me diga, Melissa, o médico a quem tanto confia, ao menos fez uma biópsia? — Ao me ouvir, ela para, a boca entreaberta, as bochechas em brasa.

— Eu não sei... eu...

— Melissa, sem uma biópsia, é impossível diagnosticar um câncer — atesto, impaciente. — E nem estou falando como seu marido agora, estou falando como médico.

— Você viu as imagens, Vladimir. Você viu.

— Sim e pode ser apenas um tumor benigno.

— Você é inacreditável. — Sua impaciência toma forma. — Está fazendo exatamente o que tanto pedi para não fazer, tentando me dar esperança.

— Você está me ouvindo?

— Eu estou, infelizmente, e tudo o que penso agora é em como você violou minha privacidade, de novo — cospe, indignada. Melissa mudou em muitas coisas, mas em uma ela continua a mesma. Sua teimosia quando alguém tenta fazer algo forçado seus planos, se tornando até irracional. — Você não tinha esse direito. Sou eu a me afastar ao ouvi-la, o sentimento é como se eu tivesse sido acertado por um bom tapa ao ouvi-la.

Estava tudo bem, tudo tão bem, como se estivéssemos vivendo em uma bolha rosa só nossa, perfeita naquele navio, mas agora voltamos para a vida real e não é possível que ela não queira outra opinião, que confie tanto em um só médico assim e apenas aceite.

— Na verdade, eu discordo. Eu tenho esse direito, sim, sou seu marido, tenho todo o direito!

— Não seja ridículo, Vladimir. — Suas mãos vão para a cintura e ela se vira de costas para mim, respirando fundo, querendo ganhar tempo ou, talvez, esconder as lágrimas que já começam a se formar em seus olhos.

— Como seu marido...

— Marido? — fala baixo, com ênfase, se voltando para mim. — Pare com isso, aquele teatro nem ao menos foi de verdade! — rosna e suas palavras são como brasa, se infiltrando em mim.

O que diabos ela quer dizer?

— Como assim, pra você foi uma brincadeira, Melissa? É isso que está dizendo? Foi um tipo de mentirinha, uma aventura de veraneio?

Seus olhos suavizam um pouco, deixando os braços cair rente ao corpo, passando a mão na lateral da calça jeans azul, como se quisesse enxugá-las.

— Escute, Vladimir...

— Oi, casal! — Rebecca nos interrompe ao sair no corredor e nos pega em meio a uma discussão um tanto acalorada. Que droga estou fazendo ao discutir assim em um lugar público? Devo estar perdendo a porra da razão. — Algum problema, gente? — pergunta ao notar algo errado.

Sem tirar os olhos de Melissa, com a porra do meu coração queimando por dentro, me obrigo a dizer:

— Não, nenhum. Vamos, ou perderemos o voo.

Passo por ambas, as deixando no corredor e entro na sala de embarque, indo em busca da mala.

E se, no fim, Melissa não estiver levando isso a sério?

Melissa

Horas em um aeroporto, um bom tempo no avião, e Vlad não disse mais nada além de: sim, não, talvez e vamos. Ah, teve também um: depois falamos sobre isso, não vou discutir de novo. E ele tinha razão, já demos um show suficiente no corredor do aeroporto, não precisávamos repetir no avião.

Apesar disso, também não foi rude, pelo contrário, quem quer que nos olhasse, parecia apenas um casal comum em viagem,

de mãos dadas, ele mesmo fez questão disso. Vlad só não quis uma conversa com mais de três palavras comigo, já que com Rebecca ele conversou bastante durante a viagem.

Eu deveria ter controlado mais a língua, apesar da raiva em tê-lo fazendo algo sem consultar, vivi tanto tempo sozinha, sendo dona de tudo o que quer que eu faça, que ter alguém aqui, querendo tomar conta de mim, me assusta, ainda mais como marido. Mas não deixa de ser uma verdade, não foi realmente um casamento, legalmente falando e, além de tudo, ele não parece estar com os pés no chão. Aparentemente, Vladimir tem feito até mesmo planos para um futuro, incluindo projetos a longo prazo e por mais que eu não queira compactuar, ele continua como se eu tivesse décadas pela frente e eu não tenho. E isso me assusta.

Eu não entendo aonde ele quer chegar e, por vezes, me perguntei se fiz o certo em... me casar com ele. Foi rápido, impensado. Ao mesmo tempo, tudo se torna confuso e eu quero agradecer por tê-lo reencontrado, não teria uma pessoa melhor para deixar os meus últimos dias mais contentes. Ele é ótimo, perfeito, eu diria. Mesmo com esse olhar carrancudo, misturado a... culpa?

Talvez tenhamos sido mesmo irresponsáveis, em especial porque não sei se irei conseguir lidar com a dor que verei em seus olhos quando eu estiver indo.

Agora estamos em seu carro, que estava no estacionamento do aeroporto. Aparentemente, está nos levando para casa, mas minha dúvida é: ele irá ficar lá comigo? Está na hora de descobrir

— Eu pedi à Jeane para limpar o apartamento, então, vai estar tudo pronto quando chegarmos — puxo assunto, enquanto Vlad dirige seu Accord, sem me notar. — Creio que irá para minha casa conosco, certo? — arrisco, roçando minha perna em sua mão, que descansa sobre o câmbio.

— Não sei, Melissa. Eu tenho motivos para ir? — responde de mau humor e eu olho para Becca no banco de trás, que fingem não notar nosso estado atual, olhando a rua pela janela.

— Acho que sim, já que nos casamos — arrisco novamente, sem me importar se Rebecca está ouvindo ou não, só quero resolver logo isso. Sei que falei demais, sem pensar e o magoei.

— Me desculpem atrapalhar a conversa, mas para um casal que se casou em um cruzeiro às pressas e às escondidas, de forma tão romântica, não é cedo para começar uma briga? — Eu acho, esse é um péssimo momento para se ter a irmã xereta presente no carro.

— E já que tocou nesse assunto, Rebecca — Vladimir resolve falar buscando um lugar para estacionar o carro em frente ao meu prédio. — A sua irmã tinha dito que aquilo nem foi de verdade, então, acho melhor deixá-las aqui, em seu apartamento e ir para o meu próprio. Até mais, Melissa. — Ele sabe como matar alguém na unha, admito, e eu o olho, pasma.

Sua atitude faz meu peito gelar em apreensão.

— Becca, vai entrando, por favor depois conversamos — peço para uma Rebecca que me olha, inconformada.

— Eu te dou tchau, Vladimir, ou pode ser que mude de ideia e suba com ela? — Rebecca deveria ficar calada.

— Sim, ele subirá.

— Não, irei embora.

Falamos juntos e resolvendo se calar, Rebecca nos deixa a sós. O silêncio predomina e ele não parece nem um pouco propenso a falar o que quer que seja.

— Se não vai falar nada, Melissa, eu preciso descansar, já volto ao trabalho amanhã e, na verdade, nós dois precisamos descansar.

— Pare com isso, Vladimir, não foi o que eu quis dizer, eu fiquei chateada na hora, perdi a cabeça, só isso. Me desculpe — peço com ênfase e procuro sua mão.

— E sempre que ficar chateada, vai perder a cabeça e falar coisas do tipo? — Sua voz sai magoada e a culpa pesa sobre meus

ombros. — Não é a primeira vez que faz isso, Melissa. Para conversar e nos entendermos, não precisamos falar coisas que iremos nos arrepender depois.

Ele tem razão, nisso ele tem razão.

— Não, eu não vou mais dizer isso, porque não foi uma mentira para mim, eu quis, e de verdade. Quis dizer sim quando estávamos lá, parados em frente àquele pastor, eu realmente quis me casar com você.

— Então, Mel, por que eu deveria aceitar e não tentar nada? Não buscar outra saída e apenas esperar você ir? E se tiver uma chance, por menor que seja?

Eu nem sei o que dizer, estando sob seu olhar, que tem um pedido velado de que eu tente mais. Meu coração dói por isso.

— Mas não tem... — deixo escapar e ele suspira. — Vlad, sejamos práticos, acredito no que eu vejo e eu vi. Estava lá, está aqui me comendo por dentro. Já foi difícil suficiente aceitar, entender a doença e voltar a ter esperanças e depois... — Nego, não quero nem pensar nisso. — Eu não quero me enganar, não quero me decepcionar ao buscar outros médicos e eu nunca te enganei em relação a isso, só peço que entenda e aceite. — Tenho o coração batendo na garganta ou, ao menos, é essa a sensação. Ele apenas nega. — Olha, a gente desce, você fica aqui hoje, dormimos juntinhos porque cá para nós, eu acho que não consigo mais dormir sozinha, e amanhã conversamos melhor, o que me diz? — E ele não diz nada, apenas me olha. — Por favor.. peço algo para comermos e teremos um bom descanso, mas juntos.

Vladmir é alguém teimoso, descobri isso também e eu o chateei profundamente mais cedo e me coloco em seu lugar, caso fosse ele dizendo aquelas palavras. Eu teria surtado. Ele deita a cabeça no encosto do banco e fecha os olhos, deixando o ar sair pela boca. Tiro o cinto e me aproximo, deixando um beijo em sua bochecha.

— Anda, eu prometo recompensar o que eu disse, por favor, marido.

E um pequeno sorriso, quase imperceptível, é dado quando o chamo dessa maneira, é o seu ponto fraco e também o meu e, com isso, sei que o ganhei.

— Promete que amanhã podemos voltar a conversar melhor sobre isso, também? Sobre sua condição?

Engulo em seco, pensando com mais calma sobre a discussão que tivemos e, também, tentando me colocar em seu lugar.

— Amanhã, prometo.

Capitolo 25



A busca pela vida jamais ser á em vão, nunca par e de t ent ar!

Melissa

Poderia me acostumar com isso, com esse homem e com seu carinho, com a f ormaque f azamor comigo ou como transamos com f orça, como f ez ontem enquanto tomávamos banho. Eu o quero tanto que chega a doer e ainda que me sinta segura, entre seus braços, no f imtenho medo de que após minhas negativas ontem, Vladimir tenha se arrependido e que esteja agora se vendo preso a mim, em um relacionamento f adado ao f racasso.

Sinto um beijo em meu ombro e me viro entre seus braços. Amo olhá-lo pela manhã, o sono sempre deixa seus olhos apertadinhos por estarem inchados e sua boca geralmente amanhece mais vermelha que o normal. Levo a mão ao seu rosto, alisando-o.

— Bom dia — f alo, um tanto preguiçosa.

— Bom dia, minha Cinderela. Dormiu bem?

— Como poderia não dormir entre seus braços, depois de estar completamente saciada? E você? — pergunto, mas sei a resposta.

Vlad passou a noite em alerta, sempre que eu me mexia, que acordava à noite, ainda que f osse para ir ao banheiro ou tomar água. Prestativo ao perguntar se eu estava sentindo algo, pronto para f azer qualquer coisa por mim. Com isso, sei que ele praticamente não dormiu.

— Ao seu lado, meu sono f ica inf initamente melhor

Beijo seus lábios, sabendo que, na verdade, sua preocupação comigo o manteve acordado e permaneço fazendo carinho em seu rosto, olhando em seus olhos.

— Vlad, depois de ontem, você se arrependeu? — Tenho medo da resposta, mas preciso perguntar e ao notar que ele não me entendeu, explico: — De ter.. de termos nos casado.

— Não! — A resposta vem rápido, de pronto. — Não, não me arrependi e nunca o farei, mas se existe uma chance, uma única chance que seja de um tratamento ou uma recuperação, eu gostaria de saber.

— Vladimir...

— Um médico apenas, Mel. Eu só quero ter certeza. Confio em Pedro, só quero sua opinião, apenas isso, não é pedir demais. Quero entender o caso. Sei que deveria ter falado com você antes de enviar os exames para ele, me desculpe quanto a isso, mas não vou me desculpar por tentar, se é o que quer eu faça. — Tento explicar, fazer com que entenda. — Quero você, quero mais tempo, quero uma chance. Ao ouvir isso, me levanto, puxando meu roupão que descansa ao lado da cama. Sei que prometi que conversaríamos, mas logo tão cedo? Tudo que quero é viver, sem me lembrar o tempo todo que tenho um tumor, mas Vladimir está realmente convencido a não deixar isso acontecer.

— Eu também gostaria de ter mais tempo e te entendo, você também é médico, quer poder me dar um milagre, mas, Vlad, eu fiz todos os exames necessários, você mesmo viu as imagens e foi com o doutor Ivan, o médico ao qual mais confio no mundo, que me deu o diagnóstico. — Ao me ouvir, ele bufou e posso ver seu desgosto.

— Não, você não fez todos os exames como imagina.

— Porque seria invasivo demais, precisaria de uma operação para isso... que me custaria dias de repouso e...

— Então ele falou da biópsia e você não quis fazer?

— Sim, pois ele me explicou que em tantos anos de experiência, ele poderia atestar a complicação que meu caso envolve e...

— Melissa! — ele me interrompe e para em seguida, respirando fundo, parecendo buscar calma. — Tudo bem, tudo bem. Não quero discutir mais — fala e, por algum motivo estranho, sua mudança de postura.

— Não?

— Está decidida e não me ouve nem como seu marido, nem como médico e eu não tenho como amarrá-la e te arrastar para o hospital. Tudo o que posso pedir é que pense a respeito, que busque uma segunda opinião, apenas isso.

— Vlad...

— Eu te amo, Melissa — fala e me quebra com isso, com essa simples frase e permanece deitado, de lado, me olhando com afeto supremo. — Quero mais tempo. Eu nunca ameie ninguém como te amo. Nunca senti por nenhuma mulher o que estou sentindo por você, é algo único pra mim, grande demais, eu só quero — ele se levanta e se aproxima — você, eu só quero você. Quero recuperar o tempo perdido com você — fala e me enlaça pela cintura.

— Você me tem, Vlad, e me terá até os fins dos meus dias, só não me peça pra passar por tudo novamente. Não me dê esperanças de que eu possa ter um talvez, que haja uma chance para, em seguida, ela cair por terra. Estou aqui, agora, pra você.

— Só diga que irá pensar, por mim... — E talvez sejam os seus olhos que levam minha teimosia embora por segundos.

— Prometo, eu irei.

Recebo um beijo seu, de início algo casto, que toma forma e intensidade e sou içada do chão e sentada sobre a mesa de canto, que uso como penteadeira, derrubando algumas coisas e sorrindo quando ele invade minhas pernas, desfazendo o nó do roupão de seda e descendo a mangas, expondo minha nudez.

Vlad se afastapor centí metrose me olha, mordo o lábio sobre o seu olhar de apreço e admiração.

— Eu não me canso de você, nunca me canso... — Ele volta a me beijar de forma intensa, degustando, mordendo meu lábio e me fazendo gemer

— Eu quero você, quero com força,não quero carinho, quero que me faça esquecer que... só me faça sua, Vlad.

Vejo-o travar sua mandíbula,segurar meu queixo, descendo a mão grande para meu pescoço, empurrando minhas costas contra o espelho, segurando seu membro e guiando para minha entrada já molhada, descendo sua boca sobre meu seio esquerdo e eu arquejo, sua mão deixando meu pescoço e segurando meu cabelo.

Eu queria dizer que o amo também, queria dizer que também quero ter mais tempo com ele, mas não me permito, não me permito dificultar as coisas ainda mais. Prendo minhas pernas em sua bunda, trazendo-o mais para mim, fechando os olhos e me permitindo sentir cada centí metrodo seu membro dentro de mim, entrando e saindo com a força certa para me levar à loucura, me fazendo gemer seu cheiro me inebriando.

— Mais rápido, eu quero mais!

— Quer gozar gostoso no meu pau, Melissa?

— Quero, só não pare...

Ele vem como peço, me fazendo esquecer qualquer que seja o pensamento antes, me entregando ao momento e me deixando ir junto ao orgasmo que me arremete. Estremeço, sentindo meu corpo tremer, ondular, sentindo também seus músculos enrijecerem sob minhas mãos que o abraçam com força e o ouvindo chamar meu nome ao buscar seu próprio prazer.

E quando, por fim,deixo a cabeça tombar em seu ombro, eu o abraço forte, enfiaando o rosto em seu peito, podendo sentir cada centí metrodo seu corpo colado ao meu, seu membro ainda atolado em mim.

Busco por ar, sentindo algo frio e cortante se misturando dentro de mim, tornando difícil imaginar dizer adeus um dia. Eu queria que ele realmente estivesse certo e que o médico em que tanto confie pudesse mesmo ter algo para mim, uma boa notícia e nos dessem mais tempo, talvez uma vida inteira pela frente. Agora, tudo o que eu mais queria era viver esse amor, ter mais tempo com minha irmã, minha mãe, sua família e viver uma vida inteira como se realmente o amanhã fosse o último dia.

É estranho e até cômico, além de trágico, claro, ter que esperar ser diagnosticada como uma doença como essa, para enfim dar valor à minha vida, aos meus dias, ao que tenho, por menor que seja. Como esse abraço, ao qual me sinto tão segura agora. Quanto mais eu fizer, seríamos cada segundo como se fosse real a possibilidade de ser nosso último momento com vida?

— Obrigada, Vlad... obrigada por me amar. — Afasto-me e olho seu rosto, seu sorriso e as pequenas gotas de suor em sua testa.

Recebo um beijo em resposta, apaixonado, doce, com gosto de casa.

Capitolo 26



***A vida é algo passageiro, se o ser humano entendesse
realmente isso, daria mais valor a tudo ao seu redor!***

Melissa

Parada próximo ao quarto de Rebecca, enquanto a música “Findine” soa alto em seu quarto, criando eco no corredor onde estou. Eu deveria aproveitar este momento para conversar com minha irmã e contar a ela a verdade, o que estou passando. Já imaginei vários cenários possíveis em como começar essa conversa, em como ela irá reagir, como irei explicar minha decisão e após isso, lidar com sua recusa em aceitar e também com sua raiva pelo tempo que demorei para contar a ela sobre mim.

Penso na promessa que fiz a Vlad, sobre pensar a respeito de uma nova consulta, e talvez, caso a faça, possa esperar até lá para contar à Rebecca. Só de pensar nisso, sinto uma ponta de esperança, algo que eu não deveria sentir. Droga.

— Rebecca... — chamo ao entrar em seu quarto, tentando iniciar a conversa, contar tudo de uma vez, mas quando ela me olha, simplesmente perco qualquer reação. Logo, ela abaixa o som e tenho toda sua atenção. — Vamos visitar a mamãe amanhã? — Tomo outro viés, decidindo, covardemente, não falar

Fugir é sempre mais fácil e mais perigoso também. Quanto tempo eu perdi por fugir de Vladmir, por fugir de enfrentar Emília e toda a sua mesquinha e traição, quando eu realmente acreditava em sua amizade.

— Precisa dessa cara de espanto para dizer isso? — especula, enquanto tira as roupas da sua mala e coloca sobre a cama,

organizando as peças para guardá-las. — Vamos sim, está pensando em levar seu marido e apresentá-lo a ela?

— É por aí — falo enquanto mexo em um rímel sobre sua penteadeira.

O mais certo é que ao contar sobre a doença para ela, Vlad acabe ganhando uma aliada contra mim, a fim de me levar permanentemente para o hospital.

— O que foi, por que essa cara? Brigaram de novo, por isso ele saiu?

Claro que se refere a Vladimir e a nossa cena de ontem. Nunca me imaginei passando por algo assim. Sendo sincera, imaginei que me tornaria a velhinha dos gatos, a tia legal e feliz sozinha.

— Não, não. Ele foi ver a irmã e a sobrinha, que é quase filha dele, e depois irá ao hospital, parece que já precisam dele lá.

— Hum, ganharei uma sobrinha? Ganhamos o pacote completo, então. — Becca adora crianças e parece mesmo interessada. Concordo com um aceno e ela me analisa. — Tem algo errado, não tem? — pergunta, deixando de lado a blusa que tinha nas mãos. Ela me conhece e, sim, tem muita coisa errada. — Tem a ver com o pequeno show de ontem, no aeroporto?

— Você ouviu? — pergunto, temendo sua resposta.

— Não, mas vi vocês conversando um tanto fervorosos, muita gente viu. Foi uma briga chique, daquelas que falo abaixo, mas que todos ao redor sabem que estão brigando.

Sinto meu rosto esquentar ao lembrar a cena.

— Me arrependo, se isso melhora algo.

— Já passou e não devemos nada a ninguém, Melissa. Isso é uma bobagem. Mas se não é a briga, por que essa cara?

Sequer sei por onde começar. A verdade é que a conversa com Vladimir deixou uma pulga atrás da minha orelha, uma vontade de tentar, de ouvi-lo nem que seja para deixá-lo mais calmo, não sei, ou me acalmar. Não quero dar nomes, mas sua convicção de que

há algo errado no diagnóstico causou confusão e um resquício de esperança aqui no fundo.

— Só estou me sentindo estranha, amanheci assim. Um aperto aqui dentro, uma mistura de incerteza e medo — falo uma meia-verdade, com relação ao que sinto e omito por que o sinto.

— Eu entendo... quer dizer, tento. Fomos para um cruzeiro curtir alguns dias e olha só, você voltou casada. Não é para menos...

— É estranho, não é? — pergunto e a vejo rir, me dando conta que em nenhum momento pensei no futuro com relação a ela ao me casar, em como seria voltar para casa com um estado civil diferente, não a coloquei nessa equação. — Por falar nisso, te devo desculpas por não conversarmos antes e com calma sobre minha decisão. — Não a olho, prendendo minha atenção em uma cutícula solta em minha unha, me encostando à parede rosa atrás de mim.

— A vida é sua, Melissa. Minha preocupação é com relação à sua felicidade e só isso. Se aquele cara gato e gostoso te faz bem, nada tenho a ver com isso. — Eu amo isso nela, esse astral e sua despreocupação com as coisas ao seu redor. — Tem que parar de fazer isso.

— Fazer o quê?

— Você tem o histórico de dificultar as coisas em sua vida, Mel, claro, além de ser incrivelmente teimosa. — Com relação a isso, eu não posso negar. Ela tem razão. — É essa sua mania de querer prever o que vai acontecer, esse cuidado excessivo com o futuro, o medo de se aventurar em algo novo. Só deixe ir, Mel, só aproveite e tente ser feliz. Vladimir parece ser um cara legal, e gosta de você, é bonito. Não me peça desculpa por nada, só faça tudo para ser feliz.

Quando foi que Rebecca amadureceu tanto?

— Quem é mesmo a irmã mais velha aqui?

Rimos juntas e eu me aproximo de onde ela está, me sentando ao seu lado, a abraçando.

— Não sei se percebeu, mas cresci, Melissa, e já sou adulta.

— É, se parece mesmo com uma...

Eu realmente preciso pensar apenas em ser feliz agora em frente e parar de prever as coisas.

— Se joga e aproveite o seu partidão — diz, em meio a uma piscadela. — Me diz, Melissa, chegou a pesquisar o nome dele na internet? — pergunta, curiosa.

— Não — minto, claro que pesquisei quando o reencontrei. — Você sim?

— Claro, e só vi maravilhas, elogios, um prodígio. Tem a coisa lá da mulher morta, mas já faz tempo. Foquei mesmo nele, que se formou jovem, escolheu a plástica além de ser especialista em vascularização, inclusive, é chefe do seu setor, incluindo o centro de queimados do hospital São Salvador. Um currículo impecável. Sabe aqueles médicos que as peruas ricas procuram para uma recauchutagem?

Fico impressionada com o quanto ela descobriu e apenas faço que sim com a cabeça.

— Pois é, é ele. Você casou com um grande cirurgião, além claro, de um homem riquíssimo. Será que ele teria um amigo pra me apresentar?

Meu celular toca nos tirando da conversa que começava a tomar um ritmo leve. Quando vejo o nome de Vlad surgir na tela, junto a uma foto nossa, chego a sorrir bobamente, me levantando e me afastando antes de atender.

Estou mais leve, ele parece ter aceitado o que decidi após nossa última conversa, essa manhã.

— Oi, já sentiu saudade?

— *Um pouquinho, não parta meu coração ao dizer que não sentiu o mesmo.* — Gargalho ao ouvi-lo.

— Jamais f aria isso, estou sim com saudade. Já f oi ver sua irmã e Aninha? — Pouco as conheço, mas de tanto ver seu carinho ao f alardelas, já tenho um espaço aqui dentro reservado para elas, ainda que não queira me aproximar tão cedo.

— *Ainda não fui, tive que vir direto para o trabalho, irei daqui a pouco para lá.* — A voz calma e rouca parece um carinho ao meu ouvido. — *Liguei para saber se pode vir aqui ao hospital.*

Meu sangue gela no mesmo instante.

— Vladimir.

— *Ei, relaxa, estranharam eu ter aparecido com uma aliança no dedo, então quero apresentar minha mulher para alguns amigos. Pode vir? Está ocupada?*

— E não pode ser em um encontro mais bem planejado?

— *Até pode, mas venha agora e aproveitamos para ir ver Dani e Ana em seguida.*

— Sobre isso...

— *Não há o que dizer, amor. É minha famí lia e agora a sua.*

E também mais pessoas para que eu ame e as deixe — penso, mas não externo. Algo como isso eu não posso negar a ele.

— Então nem preciso entrar no hospital? — pergunto, mordendo o lábio.

— *Não, se não quiser.*

Respiro, aliviada, um hospital, médicos, exames não é algo que eu queira ver ou passar novamente.

— Então irei, vou só me arrumar e então nos encontramos.

— *Perfeito, te espero ansioso, talvez possamos inaugurar meu consultório...*

— Mas eu não vou entrar, se lembra?

— *Talvez possa mudar de ideia, tenho uma mesa que ficaria linda com você nua sobre ela.*

— Que tarado, doutor Rangel!

— *Venha logo, já estou duro e já deixei recado na recepção para te trazerem até mim, senhora Rangel.*

— Hum... não me lembro de ter mudado meu nome — brinco e ouço-o rir do outro lado, uma risada gostosa que eu adoro.

— *Na minha cabeça você mudou e em breve vamos oficializar isso frente a um juiz. Um beijo e estou te esperando.*

— Outro.

Estou mordendo o lábio inferior ao desligar a chamada, ele falou em casar no civil? Nego, não indo por esse caminho, tudo ainda é confusodemaís na minha cabeça. Tento apenas imaginar a cena que protagonizaremos em seu consultório.

Espera, mas e se isso for um tipo de armadilha?

Não, ele não faria isso, faria?



Passei pelo menos uns quinze minutos escolhendo uma roupa para vir ao hospital. Eu realmente não entraria, mas sua proposta foi tentadora. Por fim, coloquei um vestido midi, colado ao corpo na cor verde-claro, de alças grossas e tecido suave. Se, por acaso encontrar alguém, preciso no mínimo estar apresentável.

Ao entrar na recepção, sinto aquele frio costumeiro na espinha, é como um déjà-vu, misturado ao nervosismo de hoje estar no local de trabalho de Vladimir. Sinto meu estômago embrulhar com o cheiro de hospital e com a expectativa de ser apresentada a alguém como sua mulher. Estar aqui, assim, é tão estranho.

Nunca gostei de hospitais e talvez, por isso, tenha postergado tanto checar o que vinha me causando dores nos últimos meses.

Desde que fiquei com minha mãe em um hospital, eles não me trazem boas lembranças. Ao dar meu nome na recepção, uma moça negra de pele bonita e luminosa, que se chama Helen, está sendo gentil o suficiente para me acompanhar até o que acho ser o

consultório de Vladimir . Paramos frente à porta de uma sala entre as inúmeras do corredor e estranho quando vejo acima da porta escrito: Exames.

A realidade me atinge ao me dar conta que sim, ele é incapaz. Antes que eu possa dar meia-volta ou pedir informação, a moça bate na porta e a abre, olhando para mim com um sorriso gentil ao dizer:

— Fique à vontade.

Mal a vejo sair, tenho os olhos agora em Vladimir, que vem em minha direção com um sorriso aberto no rosto, apesar de culpado.

— Tanta beleza assim para me ver? — Vê-lo de jaleco branco é realmente sexy, ainda assim, estou pouco convencida de que tenha me dito a verdade ao me pedir para vir até aqui.

Eu deveria saber, sim, eu deveria imaginar que ele tentaria algo assim. Mas o cara é médico, seria comum que eu um dia viesse até aqui. Não sei o que pensar e espero qualquer indicação de algo a seguir.

Observo seus olhos, eles nunca mentem e tenho a certeza do que espera ao me trazer aqui, assim como sei que mentiu descaradamente, jogando pela janela tudo o que pedi e disse a ele ainda hoje mais cedo. O que me impede de dar meia-volta é que ele não está sozinho. Não era um tipo de aceitação mais cedo, quando não quis mais falar do assunto, ele tinha um plano.

— Vladimir. — Tento baixinho, como se pudesse suplicar um não com o olhar.

— Ora, então descobri o motivo de Vladimir voltar com as bolas presas, vejo que fez um ótimo casamento, meu amigo — o homem que está com ele na sala profere, olhando para mim, e Vlad segura minha mão, me trazendo para dentro da sala e posso então ver melhor quem nos faz companhia. O homem não está de jaleco como Vlad, mas tem um estetoscópio preto no pescoço, o que me leva a imaginar que sim, ele é médico e tem olhos fascinantemente, além de um sorriso gentil.

— Amor, esse é Pedro, um colega de trabalho e amigo.

Pedro... não é esse o nome do cirurgião que ele queria que eu encontrasse? Quero fechar os olhos e suplicar para voltar no tempo e dizer não a ele, quando me ligou.

— É um prazer, Melissa, e ele escondeu o jogo. Você é mais bonita do que me disse, meu amigo — fala, direcionado a Vlad. — Fico realmente contente que se reencontraram, uma bela história.

Fico sem jeito quando o médico, digo, Pedro, se aproxima com uma mão no bolso, e com a outra, segura meu ombro e deixa um beijo em meu rosto, de forma gentil e respeitosa. Este é um homem que com certeza chama atenção por onde quer que passe, disso eu tenho certeza. Um rosto quadrado, maxilar marcado e cabelos pretos perfeitos, quase um Cavill na vida real.

— O prazer é meu — deixo escapar, procurando os olhos de Vladimir, que parecem fugir de mim.

Mudo meu olhar para alguns exames de imagem, expostos pela sala e tem... meu nome gravado na parte inferior da sombra.

— Eu disse que eu não queria, Vladimir, não deveria ter...

— Bem, sente aqui, Melissa, por gentileza — Pedro me interrompe e eu olho fixo para o homem que se acha no direito de mexer com minha vida assim. Ao menos, tem um semblante culpado em resposta. — Vladimir me contou hoje que você não queria mais outras consultas, mas era tarde, eu já tinha olhado seus exames. Me desculpe por insistir para ele te trazer aqui, mas realmente preciso de algumas informações que só podem ser dadas por você.

O que ele está tentando, ao querer jogar a culpa em si ao me trazer aqui? Fazer com que eu deixe Vladimir dormir na cama esta noite e não no sofá?

— Olha, eu entendo o que quer, mas eu realmente não quero uma segunda opinião.

— Tem belos olhos, Melissa — ele me corta novamente e eu o olho, ainda de pé enquanto ele se senta atrás de uma mesa, tendo

um prontuário nas mãos.

— Não entendi... o quê?

— Seus olhos e também tem uma ótima pele, pelo que vejo. — O que é isso? — O que me causa muita estranheza, já que pelos seus exames, você já deveria estar com um aspecto amarelado e debilitado. Sendo o mais claro possível. — Fico sem reação ao ouvi-lo, aérea até, olhando os exames expostos na parede.

— Mas... espere, tá dizendo...

— Estou dizendo que sua condição física não condiz com as imagens que tenho. Além de estar a par de que leva uma vida saudável, como Vladimir me contou.

E neste momento, aceito o seu convite e me sento à sua frente, meu coração batendo acelerado em meu peito, o nervosismo esfriando meu estômago.

— Eu não entendo, está dizendo que não tenho câncer?

— Como médico, eu tenho que analisar o todo, Melissa. E o todo me diz que seu prontuário é vago. Sequer encontrei sua biópsia.

— Eu não a fiz.

— Entende aonde quero chegar?

— Seus exames dizem uma coisa, sua aparência diz algo completamente diferente. — Ele pausa e parece esperar que eu argumente, mas não consigo. — Eu não sei o que realmente aconteceu aqui, por que as coisas não batem, mas uma coisa eu posso afirmar, nenhum médico, por mais experiência que tenha, pode diagnosticar um paciente com câncer sem fazer uma biópsia. — Engulo em seco e procuro Vladimir com os olhos, vendo-o ao meu lado, mas em pé. — E ao vê-la, tenho ainda mais certeza de que há algo errado com o contexto, se tivesse um tumor neste estágio que as imagens acusam... — fala, apontando para a tela clara ao lado. — Melissa, você sequer se levantaria da cama.

— Mas... mas... mas... eu fiz muitos exames e são esses, como podem estar errados? — Sequer consigo pensar direito e sinto a mão de Vladimir segurar meu ombro, o apertando, como se quisesse me acalmar.

— Qual sua rotina, Melissa? Alimentação e tudo o mais? Não poupe detalhes.

Nem sei por onde começar.

— Tá, no geral não como açúcar, não sou muito fã de doces, também, nada de frituras durante a semana. Gosto muito de massas, é o que de mais pesado como, mas tento não abusar, balanceando com vegetais e carnes magras. Confesso que não sou dada a fazer exercícios, mas tento, vez ou outra, uma caminhada que seja. — Tento resumir, minha mente dando um nó.

— Mantém essa dieta há muito tempo? — pergunta, enquanto anota algo.

Não sei aonde ele quer chegar, mas agora, estou confusa e esperançosa.

— Sim, foi há cerca de cinco anos, quando tive que mudar a alimentação da minha mãe ao descobirmos o Alzheimer, desde então, me adaptei a uma vida mais saudável.

— Entendi. — Ele tira os olhos do papel e me observa por alguns instantes. — Sinto muito por sua mãe, Melissa — fala, tentando um sorriso afável.

— Obrigada. — Aperto mais minha bolsa contra mim, buscando Vladimir com o olhar e vejo que se encontra tão nervoso ou esperançoso quanto eu.

— Bom, sabemos que fez muitos exames, como disse, tive acesso ao seu prontuário e pelo que vejo, tem histórico de câncer na família.

— Sim, tenho. Minha avó...

Ao dizer isso, Pedro faz um gesto com a cabeça, a deitando de lado, me avaliando.

— Olha, é difícil analisar com base nos exames que, apesar de muitos, ainda são vagos para mim. Tem histórico de câncer na família, o que quer dizer que possa ter o gene do câncer, mesmo assim, Melissa, eu preciso de mais. Quero refazer todos os exames, quero começar no básico até chegar a uma biópsia, se for necessário, para descobrir onde as infecções não batem e como pode estar tão bem tendo um tumor, deste tamanho, em parte do fígado.

O quê? Olho para Vladimir e chego a sorrir, tentando não criar falsas expectativas, me preparando para não me decepcionar

— Golpe baixo até para você — falei e me levanto. Vladimir é rápido quando se coloca em minha frente, segurando meus ombros.

— Ei, o que quer dizer com isso?

— Tudo isso, você me trouxe aqui com uma desculpa esfarrapada, droga, e agora está me fazendo ter esperanças de que, de alguma forma irreal, esses exames estão errados, apenas para que eu aceite que o médico, esse médico — aponto, de forma acusatória, perdida em confusão —, capaz do impossível, como você o chamou, faça exames em mim, exames que você sabe que eu não quero, tudo para quê? Para se sentir melhor? Isso é egoísmo!

E eu não sei por que, mas quando dou por mim, lágrimas escorrem do meu rosto e sua expressão ao me olhar é confusa, ao tentar se aproximar e tocar meus ombros.

— Ei, Mel, não é nada disso, calma. — E em seguida estou entre seus braços, suas mãos tentando me acalmar. Me sinto perdida, confusa e me permito achar conforto em seu abraço, sentindo seu beijo no topo da minha cabeça enquanto desabo em seu peito, sem saber ao certo o que sentir e pensar. — Não é isso, jamais faria algo assim, meu amor. Eu menti, admito, mas foi só até te trazer aqui porque Pedro me disse sua confusão quando recebeu os exames e ao analisar a situação, acredito firmemente que algo está errado, só isso.

— Não veio aqui hoje por uma paciente, não é? — falo, o som da minha voz saindo abafado.

— Não — nega, segurando meu rosto entre as mãos, limpando uma lágrima com o polegar. — Vim conversar com Pedro, dizer a ele que não sabia mais como trazê-la aqui. Mas ao chegar, fui pegado de surpresa ao vê-lo tão confuso quanto eu.

— E se não tiver nada errado, Vlad, e se...

— Deixa só ele te examinar de novo, algumas picadinhas, uma endoscopia, alguns exames de imagem, só isso e vamos para casa. Prometo aceitar qualquer decisão que tome após isso — pede, quase em súplica. — Por favor, por nós. É só o que peço.

Foco em seus olhos bonitos e acabo cedendo, por ele, mas também por mim. E se... e se isso estiver mesmo errado?

Começo a temer a esperança que toma meu peito.

— Vlad, mas eu tenho sintomas, tenho sentido fraqueza, dor... e falta de apetite, perda de peso. Já vomitei várias vezes e...

— Desculpe me intrometer — Pedro chama nossa atenção. — Façamos o seguinte, refazemos os exames e saberemos melhor, Melissa, confie em mim, afinal, seu marido mesmo disse que sou o melhor — falo, dono de si, e ele poderia me convencer apenas com esse sorriso perfeito e reconfortante ao qual me dá.

— Mas não precisamos falar com o doutor Ivan?

— Não — ambos respondem em uníssono e algo me diz que talvez o homem ao qual confio tanto, já não é mais tão confiável assim. Será?

— Tudo bem, vamos fazer os exames — confiro, segurando com mais firmeza a mão de Vladimir



Minutos se passam, minutos de sangue sendo tirado, exames de imagem sendo feitos, e alguns outros que não me lembro o nome. Após uma nova bateria de exames, extensa, estamos em um tipo de sala reservada, o que parece um consultório sem uso, desta vez sozinhos, calados e mesmo após tantos exames, ainda falta um, a endoscopia, pois eu precisaria estar em jejum para fazê-la.

— Ei, calma — Vlad quebra o silêncio, tocando meu joelho, o parando de tanto que o balanço de um lado para o outro, enquanto estamos sentados lado a lado. Já falta algum tempo que estamos aqui, esperando.

— Estou nervosa, com medo e ansiosa. Só isso. — Mordo o canto da unha e olho de um lado ao outro. — Não deveríamos ir para casa? Tive que esperar alguns dias para receber meus exames quando fiz, semanas atrás.

— Sim, poderíamos, mas mexi uns pauzinhos e Pedro também. Teremos boa parte dos exames daqui a pouco, enquanto isso, apenas acalme-se.

— Hum...

E me dei conta de algo enquanto refaziaos exames, algo que pode ser ridículo de se pensar, mas que não dá para segurar. Até então, nos casamos porque eu tinha um câncer e morreria logo, mas se não tiver mais tumor, então o casamento... o que faremos com isso? Deus do céu.

— Vlad, e se...

Meus pensamentos são interrompidos quando o médico, Pedro, agora usando um jaleco sobre a calça branca e a camisa azul, entra na sala com uma expressão séria e preocupada. Eu murcho no lugar ao vislumbrar seu rosto, esse é o mesmo olhar que o doutor Ivan tinha ao me dizer que era câncer.

— Melissa, eu sinto muito, não entendo como... como algo assim aconteceu.

Eu perco as minhas forças, meus joelhos agora fracos, meu coração acelerado. Já Vladimir se levanta apressadamente,

praticamente indo para cima do homem, ansioso.

— Pode falar eu tenho mesmo um câncer terminal, não é?

— Ela tem? — Vlad tenta, de forma quase desesperada.

— Me desculpem, mas não, você não tem câncer, Melissa.

O mundo para, fica suspenso, por um tempo que eu não sei precisar e nem ao menos respiro. Sinto meu estômago esfriar algo como se eu tivesse saído do meu corpo.

Você não tem câncer...

Capitolo 27



***A verdade vem trazendo uma nova perspectiva, um novo
alvorecer e uma nova chance.***

Melissa

Três coisas acontecem ao mesmo tempo. Meu coração parece parar, em seguida ele volta a bater rápido, descompensado e meu cérebro vira gelatina. Pedro nos olha em expectativa, ainda que tenha um semblante preocupado e eu... apenas existo. Como assim, não tenho um tumor?

— O que há de errado aqui, não é possível — balbucio, meu cérebro, ainda gelatinoso, tentando funcionar de alguma forma.

Há cerca de três semanas, descobri que tinha um tumor e que era terminal e, com isso, eu sofri, eu chorei ao tentar aceitar, ao pensar na minha família, na minha irmã e em minha mãe. Então aceitei, depois de superar cada maldito estágio, montei um plano e... me casei.

— Tem, tem algo errado, sim, mas não com seus novos exames — fala, indo até a placa de luz na parede da sala e prendendo uma chapa, de forma animada. — Olhe, vê a diferença? — E até para mim, que sou leiga nesse quesito, consigo ver. — Claro que não é só isso, Melissa, tem os outros exames também, que fizemos, de sangue e afins e você realmente não tem câncer nem tumor.

— Como assim? — insisto e olho para Vladimir, o procurando, vendo-o tão perplexo quanto estou. Por algo assim, claramente, nem ele esperava.

— Eu entendo sua confusão até mesmo eu estou surpreso. Eu sabia que tinha algo errado, mas daí, a nada?

— Mas neste aqui ela não tem absolutamente nada, nem sequer um cisto? — Vladimir, pela primeira vez desde que Pedro entrou na sala, volta a falar

— Sim, sim... e está aí o problema, meu amigo — fala, atencioso. Posso ver o quanto se importa com um paciente, ele está feliz por mim e sequer me conhece. — Entenda, Melissa — explica, juntando as mãos frente ao corpo. — Essa é realmente uma situação rara pela qual eu nunca passei, admito. Um erro como este não tem explicação e não deveria acontecer, de forma alguma, mas ao que tudo indica seus exames foram trocados com o de outra paciente, inclusive, a administração já está ciente do que está acontecendo neste minuto e vamos nos reunir em breve, para entender esse erro. Seu médico, inclusive, já foi chamado.

Eu não tenho um tumor... continuo sentada, tentando controlar meu coração, recuperar a força das pernas.

— Espere! — Levanto-me, parecendo receber uma injeção de adrenalina, meu coração batendo a mil por hora. — Se isso aconteceu, se foi trocado com alguém, quer dizer que outra pessoa tem câncer e sequer sabe disso? — indago, perplexa, me colocando do lugar dessa mulher, afinal, ele disse que há outra paciente, que realmente possa ter a doença, seguindo a sua vida, acreditando que não tem nada.

— Sim, é o que eu quero dizer.

— Mas então, o que eu tenho? — pergunto, começando a andar de um lado para o outro na sala. — Não me entenda mal, mas, Pedro, eu tenho sentido os sintomas, tonturas, dores de estômago, queimação e até vômitos... e até onde o doutor Ivan me disse, isso são efeitos do tumor. Sem falar que esses sintomas têm ficado cada dia piores e mais recorrentes.

— Quanto a isso, precisamos conversar, uma coisa de cada vez. Sente-se — pede gentil, mas meu corpo se recusa e tudo

parece cada vez mais confuso, como se fosse possível.

— Não, eu não quero me sentar. Não consigo. — Procuro Vladimir e não sei explicar o que vejo em seus olhos e ele parece entender meu atual estado, vindo até mim, segurando minha mão.

— Ei, acalme-se, vamos tentar entender. — Vlad tenta me acalmar, deixando um beijo casto em minha testa.

— Sei que é professora, correto? — Pedro volta a falar e concordo.

— Sim e o que isso tem a ver?

— Você tem gastrite, Melissa e precisa de um gastro, aparentemente é só isso. — E a alegria que usa ao dizer isso é imensa. — No geral, sua profissão causa grandes níveis de estresse e a forma que seu corpo reagiu a tudo isso foi elevando isso a uma gastrite nervosa — explica e eu mal pisco. — Por acaso, quando está ansiosa, nervosa, as dores no estômago pioram ou surgem?

Procuro em minha mente lembranças de momentos, datas, lugares para que eu tente responder a ele.

— Sim, sim... às vezes, quase sempre é quando estou ansiosa ou com problemas ou quando como muito.

— Exatamente o que pensei. Nos últimos dias, seus sintomas se tornaram piores por passar por um alto índice de estresse ao achar ter uma doença que, obviamente, não tem. Suas dores são reflexos disso, apenas, assim como os outros sintomas. E para isso, iremos te indicar um excelente gastroenterologista.

— Isso está confuso, muito confuso. Vamos fazer exames novamente... vamos refazer tudo, eu não me importo, só tire isso de mim — peço nervosa e a dor no estômago, aquela que me incomoda ao extremo, começa a me atingir e eu massajeio meu estômago por cima do vestido.

Ao ver Pedro sorrir ao notar isso, fico ainda mais nervosa com sua calma. Aperto mais a mão de Vlad na minha.

— Desta vez, não estamos errados e Lauro também concorda comigo.

E como se eu fosse uma criança, Vlad me vira para ele, segurando meu rosto entre as mãos.

— Amor, já falei de Lauro para você. Ele é o chefe de cirurgia.

— Sim e tão experiente quanto eu — Pedro concorda. — Olhamos seus exames juntos, o chamei quando notei que algo ali não se encaixava. Analisamos várias vezes suas chapas e concordamos, você não tem câncer.

Uma batida na porta chama nossa atenção e uma mulher, acho que enfermeira, abre uma fresta, colocando apenas metade do corpo entre ela.

— Estão o esperando na sala de reuniões, doutor. Mandaram te avisar.

— Ah, claro, diga que já estou indo — pede com gentileza e não é impressão minha, apesar de estar feliz ao tirar a limpo um engano, algo o preocupa.

Busco por ar, minha confusão me sufocando ao mesmo tempo que uma esperança sem tamanho toma conta de mim ao ver a enfermeira sair. Sinto Vladimir me puxar, me levando até a cadeira na lateral da sala, me impulsionando a sentar. Obedeço como se fosse uma boneca de pano.

— Melissa — Pedro volta a falar —, seu caso merece atenção, mas não a minha como cirurgião. Vou indicar alguns profissionais que possam te ajudar com isso e logo você se sentirá ótima. Aqui mesmo temos ótimos profissionais, Vladimir pode te indicar alguns, mas claro, irei entender, caso não confie mais na nossa equipe, depois de passar por esse pesadelo de incerteza.

— Tá, eu... não sei. — Busco por Vladimir, mas noto que sua atenção está em outro lugar, nos papéis que há pouco foram deixados na mesa por Pedro.

— Mas... Melissa, o seu sobrenome, Sousa, é com S e não com Z, estou certo? Ou aqui foi um erro de digitação? — pergunta,

levantando uma pasta na mão.

— Sim, com S. Mas o que tem isso?

— Os exames anteriores, tinham Melissa Souza, com Z e não com S. — Aquele vinco está novamente em meio a suas sobrançelas. — É possível uma coincidência como essa, Pedro? Que outra paciente tenha o mesmo nome, com a pequena diferença de uma letra e tenha feito seus exames no mesmo dia que Melissa? — pergunta, apontando para mim.

— Me deixe ver... — pede e perde poucos segundos com isso.

Só pode ser algum tipo de brincadeira, algo assim, e agora, eu só consigo pensar nessa outra mulher, na outra Melissa.

— Mas então seria um erro só do laboratório? — pergunto, pensando também no doutor Ivan. Não processei bem meus sentimentos com relação a ele ainda, mas me preocupo.

— Não. Seu médico errou ao afirmar algo sem ter feito antes uma biópsia. Ele a assustou, antes mesmo de ter certeza de algo e só depois te deu opções. Foi um grande erro coletivo, o qual terá consequências.

— E agora?

— Agora você tem apenas que comemorar, já como um dos acionistas do hospital, me sinto na obrigação de informar que o hospital tem a obrigatoriedade de arcar com os danos da confusão que um médico da nossa equipe e o laboratório te causaram. Não só a você, mas também com a outra paciente, que temos ainda que localizar, isso, se a desconfiância de Vladimir, quanto ao seu nome, estiver correta.

Ele é uma boa pessoa, dá para ver.

— Podemos ver isso depois, Pedro, acho que Melissa precisa de tempo para processar toda a informação, por ora.

— Sim, Vlad está certo, eu sequer quero cogitar isso agora — sussurro, quero apenas acreditar que o que ele diz é real, que eu não esteja sonhando, que eu não esteja doente.

— Eu entendo, mas eu precisava deixar isso claro. Erros como esses não podem e não devem acontecer e me sinto na obrigação de te dar todas as informações necessárias.

Apenas confie e sinto o apoio mudo que Vlad me dá ao segurar meu ombro.

— Eu preciso ir, mas estou à disposição para o que precisarem. Posso não trabalhar mais aqui, mas ainda faço parte do conselho — explica. — E, Melissa, fique tranquila, você não tem um tumor e irá viver muitos e muitos anos ainda. Me entende?

— Entendo...

— Nos falamos mais tarde, pode ser Vladimir?

— Claro, claro e obrigado por tudo, Pedro — agradece, gentil e acompanha o médico até a porta.

Deixo minha cabeça tombar para frente, segurando entre as mãos, sentindo lágrimas virem aos meus olhos e desta vez, pelo motivo de felicidade. Eu não estou doente... eu não tenho câncer e tenho vontade de gritar isso, a plenos pulmões para o mundo.

O barulho da porta se fechando faz com que eu levante meu rosto e veja Vladimir voltar. Me levanto e me jogo em seus braços, buscando conforto ou apenas comemorar o que acaba de acontecer. Chego a suspirar de alívio e como se estivesse ganhando uma nova chance, mesmo sabendo que eu nunca estive doente. Sequer consigo sentir raiva do médico que me diagnosticou, ou do hospital, no momento eu só consigo agradecer.

Sinto-o beijar meus cabelos e me abraçar mais forte, como se quisesse se fundir a mim. E, Santo Deus, eu não estou com meus dias contados, não preciso deixar minha irmã sozinha, nem minha mãe, menos ainda Vladimir.

Afasto-me por alguns instantes, apenas para olhar seu rosto, notando então uma lágrima descer por sua face, morrendo em seus lábios. Beijo-o e encosto minha testa na sua, respirando aliviada, sentindo seu cheiro, seu corpo e proteção.

Olho para o homem que amo, agora vendo que o tempo todo ele teve razão e eu não deveria ter me conformado assim, sem lutar. O que aconteceria, caso eu demorasse mais tempo para saber a verdade?

Vladmir segura minhas mãos e as leva aos lábios, beijando minha palma, rindo ao me olhar e algo aperta em meu peito ao ver seus olhos brilharem.

Gastrite... é apenas gastrite.

Não vou morrer... não tenho um tumor.

Nem um motivo para estar casada.

Algo insiste em gritar isso em minha mente e me afasto, buscando respirar, tentando colocar minha cabeça no lugar. Aos poucos, meu sorriso vai morrendo, a praticidade toma seu lugar. Eu deixei meu emprego, me programei, gastei minhas economias, eu me casei e contornei minha vida, pois achei que morreria e agora... Santo Deus.

— Melissa — Vladmir me chama e em seu rosto ele já parece saber o que se passa em minha cabeça.

— Vlad... eu pedi demissão, eu gastei minha poupança, eu...
— O desespero toma conta e de fato pouco tem a ver com o emprego.

— Ganhou novamente a certeza de que terá uma vida longa e plena, só precisará de alguns cuidados e isso deve bastar.

— Sim, isso sim, mas o que eu faço agora? — pergunto e o meu medo em confiar junto à necessidade de fuga começa a tomar conta de mim.

— Mel... pode reaver seu emprego, ou tentar, não sei, e pode...

— Nós dois, Vlad, nós dois nos casamos! — exclamo, voltando a andar pela sala. Santo Deus!

— O que nós dois temos a ver com isso, Melissa? — Sua voz desce uma nota e eu já consigo saber que isso não é bom, mas eu começo realmente a surtar aqui.

— Nós nos casamos porque achamos que eu ia morrer. Não pensamos muito no depois, você mesmo disse: vamos aproveitar seus últimos dias, e agora...

— Agora nada. Você está bem, nós estamos juntos e só precisamos aproveitar isso.

— Vlad, e se amanhã você se arrepender?

— Chega, Melissa. Você não sabe o que quer, é isso! É inflexível, teimosa e incrivelmente insegura. E não te culpo por isso, de forma alguma, sei que tenho culpa em partes nisso, pelo que aconteceu conosco no passado, mas, porra, estamos juntos agora, descobrimos a melhor notícia que poderíamos e o que tem a perguntar é sobre nosso casamento?

Em qual dimensão maluca eu entrei?

— Eu preciso ir, preciso pensar, preciso pôr minha cabeça no lugar. Não dá pra ficar aqui, neste hospital, eu sou uma confusão e eu não quero te machucar com isso, não quero falar coisas de que vou me arrepender ou te magoar.

— Vai fugir de novo?

Não respondo, me sentindo sufocar o ar deixando meus pulmões. Saio pela porta, sensações de incerteza, medo e felicidade se misturando dentro de mim. Algo que se assemelha a sentir liberdade e eu nunca senti isso, liberdade...



—... Eu o amo, sempre amei e disso eu tenho certeza. Passei os últimos anos achando que eu o odiava, mas quando o vi, mesmo que eu quisesse matá-lo... era amor, nunca foi ódio. Mas e se não for suficiente? E se não der certo, mamãe? E se tivermos que encarar uma realidade e não nos adequarmos juntos a ela? — pergunto, aflita e aliviada ao mesmo tempo.

Peguei um táxi quando deixei o hospital e acabei aqui, na casa de repouso com a única pessoa no mundo que poderia me prover calma nesse momento. Ainda que não entenda, que não possa me aconselhar, ainda assim, eu precisava contar a ela que me casei.

— Vladimir... é o moço da foto — ela fala com a ponta da língua entre os lábios, enquanto tenta fazer crochê.

— O que disse?

— Ele magoou minha menina, sabe? E depois mandou uma carta. O pai dela a escondeu.

— O papai fez o quê? — Busco em minha cabeça se o que ela diz tem algum cabimento e não a entendo.

— O pai dela dizia que o garoto da foto não é a nossa menina feliz. Foi isso, acho que foi. Disse que era o tipo de gente que te fariam sofrer e decidi não dar a carta a ela. Depois eu a encontrei, mas já era tarde, já tinha passado muito tempo.

— E o que fez? Cadê a carta?

— Eu a guardei. Acho que dentro da... não lembro bem.

Como meu pai pôde ter feito isso? Ele nunca concordou que eu transferisse meu curso e viesse para o Rio, ainda mais por um namorado, mas fazer isso?

— Mamãe, por favor.. — peço, suplico para que se lembre e diga onde colocou a carta.

Minha mãe me olha e pisca algumas vezes, parecendo estar fora do ar

— Estou atrasada, preciso ir para a escola — fala, indo parar em uma realidade completamente diferente da que estamos, pegando o caderno ao meu lado e saindo, me deixando sozinha. Em sua mente, ela é jovem, ainda estudando.

Então teve mesmo uma carta? Vladimir realmente me escreveu.

Capitolo 28



Nada está perdido, abra seu coração, busque o amor, deixe de lado o orgulho!

Melissa

— Rebecca, Vladimir veio aqui? — pergunto, quando mal abro a porta do apartamento, ao encontrá-la na sala, comendo alguma besteira.

— Não, não veio. O que foi?

Recupero meu fôlego, respirando fundo após praticamente correr da entrada até aqui. Certo, ele não veio pegar suas coisas, mas também não veio para dormir e a julgar pelo horário... Pego o celular e descubro que ele está descarregado.

— Droga. — Jogo o aparelho no sofá, fingindo não ouvir sua pergunta. — Sabe onde estão aquelas caixas da mamãe? — Ela parece perdida ao me ouvir. — Santo Deus, aquelas que trouxemos quando esvaziamos a casa antiga?

— Não sei, talvez esteja naquele armário, no cantinho da cozinha onde guardamos quinquilharias.

Chego a sorrir ao me lembrar que sim, se há um lugar para procurar, realmente é lá. Corro para a cozinha, abandonando minha bolsa no chão, em qualquer lugar e me agacho em frente ao tal armário velho, que até destoa do restante dos móveis da pequena cozinha em branco e preto. Começo a olhar o armário que separamos para guardar coisas velhas, caixas que guardavam algumas coisas da mamãe, outras do papai e até da vovó. Itens que tínhamos dúvida ou pena se jogaríamos fora.

— O que tá caçando, maluca? — Não estou mais sozinha e sinto-me ser observada.

— Uma carta. Um envelope velho, de Vladimir.

— Como assim? Por que isso estaria nas coisas da mamãe?

— Não tenho tempo de falar agora, Rebecca — explico, deixando algumas caixas pelo chão.

— Mel, o que tá acontecendo?

Procuro dentro de caixas pequenas, algumas de presente e outras de sapato. Me sinto suada já, mais pelo desespero que pelo esforço, e continuo procurando.

— Droga, onde pode estar?

— Mel, como assim? Se me explicar, posso te ajudar...

Paro, soltando o ar pela boca, olhando ao redor e levo as mãos à cabeça. Onde isso está...

— Tá, eu fui até à mamãe hoje, fui lá à tardinha e ela disse que o papai escondeu uma carta, a carta que Vladimir disse que me mandou há um tempo e ela achou e a guardou. Nem sei se ela fez isso por querer, ou guardou e escondeu. Eu não sei!

— E você acreditou? Mel, ela pode estar flutuando... — Rebecca fala algo que faz sentido, mas não, ainda não volto a procurar a bendita carta.

— Não, Becca, a mamãe flutua em memórias antigas e esquecidas, mas não inventa. Isso, Santo Deus, eu achei! — falo, achando o envelope já amarelado em uma caixa de madeira, com um tipo de gavetinha embutida, bem escondido. Levanto a carta como se fosse um troféu, a mostrando para Rebecca.

Levanto-me e saio às pressas da cozinha, tirando sapato e procurando uma sandália e minha bolsa.

— Aonde diabos vai agora? — Sequer paro para ouvi-la.

— Viu os chinelos vermelhos?

— Melissa, pare! — ela praticamente grita, vendo o quanto pareço louca para quem me olha agora, principalmente para ela, acostumada a me ver sempre no controle.

Eu paro, como me pediu, me aproximando dela, parando à sua frente e sorrio, mesmo tendo lágrimas em meus olhos.

— A vida toda eu pensei, eu calculei e onde isso me levou? Agora... a vida me deu uma segunda chance, uma chance real. Eu me casei e por pura insegurança e confusão, posso ter feito ele entender as coisas de forma errada. Ele é o amor da minha vida, preciso dele e consertar as coisas.

— Minha nossa, você realmente o ama. — Confirmando e me agachando, pegando minha bolsa no chão. — E vai assim? Não vai abrir a carta?

Olho o envelope em minha mão, marcado pelas dobras. Eu vou abrir?

— Tchau, tenho que ir!

Vladimir

Sentado à mesa, enrolo o macarrão ao molho no garfo, sem ao menos ter provado sequer uma garfada ainda. Estou em casa, vim para cá assim que deixei o hospital. Após ver Melissa sair daquela forma, senti vontade e até necessidade em ir atrás dela, mas não consegui me mexer e fazer algo a respeito. Ainda fiquei lá por um bom tempo, queria entender o que aconteceu, como um erro daqueles pode ter acontecido.

Eu estava certo, no fim das contas, sobre a infeliz coincidência de nomes nos exames, o que causou um verdadeiro inferno no hospital essa tarde e o que, provavelmente, irá fazer com que Ivan perca sua licença. E não é para menos, o tempo passou e ele ficou

preso ao passado e, com isso, causou sérios danos na vida de duas mulheres e uma delas é a minha Melissa.

Minha Melissa... sequer entendo ainda o que sinto.

“ O casamento foi por causa do tumor.”

E mesmo diante de uma perspectiva totalmente diferente, ela continua dizendo isso. Qual a porra do problema?

Venho pensando se o cenário fosse outro, o que teria acontecido. Claro, eu a teria reencontrado, mas se não fosse o tumor inexistente, ela não estaria naquele navio. O que quer dizer que a essa altura não estaríamos casados, sequer teríamos conversado e menos ainda estaríamos juntos, quer dizer, estamos juntos ainda? Provável que ela sequer me ouviria se a situação fosse outra...

Posso dizer então que o tumor, que não existe, pode ter feito nos reaproximarmos, mas ele não muda o fato de que a amo. Perdi malditos dez anos por causa do amor maluco que uma outra mulher achou sentir por mim e então, acreditei que eu precisava resgatar esse tempo perdido. Nunca fui por causa do tumor, no início sequer cogitava algo assim.

Nós dois sofremos de formas diferentes nesses últimos anos e tudo tornou Melissa alguém cética em relação ao amor, a confiar e eu não sei se podemos lidar com isso ou se ela quer lidar com isso, não quando insiste em repetir que tudo aconteceu por achar que ia morrer.

E ao deixar o hospital, me vi em uma situação pela qual nunca tinha passado antes: sem saber para qual casa seguir. Por fim, vim ver minha garotinha, esfriara cabeça e colocar os pensamentos no lugar.

— Vladimir! — Dani praticamente grita e me assusta em decorrência.

— O quê? — Busco seus olhos e noto pena ao me olhar.

— Ana está falando com você — aponta e me dou conta de que saí do ar por um bom tempo.

— Desculpe, meu amor, eu estava longe. Hoje estou com coisas demais na cabeça, filha, me desculpe.

Deixo o garfo de lado e tenho os olhos castanhos curiosos a me olharem.

— Por isso não trouxe a minha tia? — pergunta, chupando o macarrão com um bico lindo, deixando os cantos da boca miúda ensopados de molho branco.

Desde que cheguei, ela não para de falar de Melissa e o quanto está ansiosa para vê-la e eu sigo a enrolando, desde então. Eu realmente não sei qual será o próximo passo, ao sair não foi um adeus o que ela me deu, tampouco foi alguma certeza. Não sei o que se passa com ela agora e me pergunto se Melissa vai querer ir devagar, retroceder, ou apenas desistir.

— Sim, é por isso. Precisava resolver umas coisas.

— Mas ela vai morar com você, não é? — Sua animação é contagiante e sinto tristeza por não saber como responder a ela.

Hoje deveria ser uma noite perfeita para nós dois, deveríamos comemorar a boa nova, o tão grande engano, traçar planos e pensar no futuro ao invés disso, sequer sei onde ela está.

— Filha, eu...

— Calma, meu amor — minha irmã intervém, me salvando. — Seu tio acabou de chegar, vamos com calma, okay? E pelo que vejo, você já terminou e está na hora de ir escovar os dentes.

Ana olha para mãe e chega a apertar os olhos, voltando a olhar para mim.

— Vai ter história hoje? — pergunta, com um belo sorriso.

— Deixe Vlad em paz, filha. Ele está cansado. — Devo me lembrar de agradecer à Dani depois, hoje não seria um bom dia para histórias, minha cabeça não está funcionando bem. — E pra hoje temos aquele livro novo, que comprei semana passada.

— Tudo bem, então... — Ana se levanta, mas antes de sair ela ainda tem algo a dizer. — Só uma última coisinha, papai. A mãe da

Ângelase casou de novo e ela foi morar na casa do marido novo dela. Acho que a tia pode morar aqui, não é? Tem espaço. — Eu sorrio, ela não é fácil.

— Talvez, pequena, agora vai lá fazer o que sua mãe está pedindo, vai.

Não muito satisfeita com apenas uma possibilidade, ela segue em direção ao corredor, seus passos evidenciando sua pouca aceitação.

— Deixe eu ir lá com ela ou vai molhar todo o banheiro, sabe como ela é.

— Sei, sim, e não se preocupe comigo, só preciso pensar. — Tento deixá-la calma, já que desde que cheguei, ela tem me olhado com pena e preocupação.

— Vlad... — começa, mas ela se cala por alguns instantes. — Deixa pra lá. Eu ia tentar dizer algo, mas não sou boa com relacionamentos, como bem sabe... então, espero que tudo se ajeite.

— Obrigado, Dani.

Aperto meus lábios, vendo-a sair, contemplando o silêncio que toma a cozinha. Olho meu celular ao lado, apenas para constatar o óbvio, não tem sequer uma notícia de Melissa, um indício de que está bem ou de onde possa estar.

O interfone toca e quando estou prestes a me levantar, Dani grita da sala que irá atender, volto a largar-me na cadeira, apoiando o cotovelo na mesa de vidro e apoiando a testa nos polegares.

Cogitei vários cenários para o dia de hoje desde que falei com Pedro, mais cedo, e ele demonstrou estranheza com os exames de Melissa, mas em nenhum deles eu acabava meu dia aqui, sozinho, sem ela. Agora sequer sei onde se meteu. Inferno de mulher teimosa.

Ao menos, ela é conivente consigo mesma. Não tinha muito o que esperar dela, Melissa sempre fez isso, sempre foi ótima em fugas. É só mais do mesmo.

Levanto-me, desistindo de continuar revirando a comida em meu prato e aproveito para recolher a louça e deixar na pia, com intuito de ir para o meu quarto. Sinto-me perdido em minha própria casa e essa é a pior sensação. A campainha toca, incansavelmente, em uma insistência irritante.

Quem diabos é? Dani não disse nada sobre alguém estar subindo. A passos largos, vou em direção à porta e a abro, irritado, dando de cara com Melissa, o dedo ainda na campainha, o rosto suado, enquanto segura a bolsa contra seu corpo.

— Melissa. — O som sai sem que eu perceba e a vejo dar de ombros, o rosto com as bochechas vermelhas, parecendo sem ar.

— Oi... posso entrar? — pede e eu continuo a olhando. — Subi pelas escadas, o elevador estava ocupado.

— Ah sim, claro, entre. — Dou espaço a ela, vendo-a um tanto diferente do que estava essa tarde. Um pouco bagunçada e, agora, de chinelos.

— Eu não sei por onde começar, mas... — começa e por experiência própria, algo que comece com essa frase, no geral, não é bom.

Analiso-a e sei que está nervosa, basta olhar a forma como segura a bolsa, seus dedos o tempo todo em movimento sobre o corpo.

— Olha, Mel, se veio aqui pedir tempo, pedir para irmos devagar com isso — aponto de mim para ela —, nem precisa. Não sou esse tipo de pessoa, que volta atrás em decisões importantes, como a que tomei com relação a nós dois. Não me casei com um tumor, me casei com você. Então, se é o que veio fazer..

— Pessoas são diferentes, como eu e você — fala, de supetão e então me calo. — Uns correm para o abraço em meio à tempestade ou em meio à felicidade, já outros... eu não sou assim, eu... fujo, me escondo é como funciono. E não estou dizendo que é o jeito certo, não é isso, é como me sinto segura, é o meu escudo.

— Não entendo aonde quer chegar. — Cruzo os braços sobre o peito, meu coração pesando em meu peito, com medo, não nego.

— Não quero mais fugir é sobre isso. Não quero mais me esconder, eu quero você. Quero sentir segurança em seus braços, confiar novamente, me sentir aquecida como quando fazemos amor — a última parte ela fala baixinho, olhando para os lados. — Sei que não vai ser fácil, mal nos conhecemos após dez anos de distância, mas é o que quero porque eu te amo e estou apaixonada de novo por você. — Seu rosto está vermelho e ela olha para cima, fugindo do meu olhar. — A vida não é fácil se tem algo que aprendi com os últimos dias, é que eu preciso e vou aproveitar cada dia como se fosse o último e vou fazer isso ao seu lado.

Pasmo, continuo a olhando, o cansaço do dia me trouxe algo como peso sobre meus ombros, um peso que acaba de ser retirado agora.

— Está dizendo que...

— Case comigo, Vlad, agora, legalmente, com nossas famílias juntas, como testemunhas. Case-se comigo porque quero o seu sobrenome e não quero que reste dúvidas externas sobre o que temos ou sentimos. — Em seu olhar enxergo medo, apreensão, enquanto espera uma resposta minha e ali vejo toma meu corpo.

— Está me pedindo em casamento? — Sorrio ao ver o seu rosto envergonhadamente lindo.

— Eu estou... e esta carta... ela não importa. Eu acredito em você, eu confio em você e em tudo o que me disse. Eu só quero esquecer o passado e, por isso... — Ela me entrega o envelope amassado, amarelado e me surpreende. Isso seria a confirmação do que contei a ela. — Sequer preciso abrir esse pedaço de papel, faça o que quiser com ele. O mais importante eu já tenho, você.

Puxo Melissa para os meus braços, a apertando contra mim e tomando sua boca. Beijo-a como se fosse um viciado, que há muito espera sua droga, alimentando o meu vício com seu mel. Eu amo essa mulher.

— Eu aceito... me caso com você, mas com uma condição.

— Qual? — pergunta e sorri de forma bela.

— Que sempre, sempre, lutemos um pelo outro. Não importam as consequências, sempre buscaremos mais tempo, mais amor. — Ela abre um sorriso genuíno, lindo e seus olhos brilham.

— Eu prometo e eu te amo.

— Eu também te amo, esposa.

Beijo-a apaixonadamente, querendo me fundir a ela para que nunca mais fuja de mim, para que nunca mais haja entre nós incertezas.

— Manhê, a tia Mel tá aqui beijando o papai. — Ouvimos a vozinha estridente e nos afastamos depressa, rindo ao buscar a dona da voz.

— Você está aí? — pergunto, fazendo certo suspense.

— Sim, eu queria ver quem era e eu acertei, é a minha tia — fala, dona de si, com um sorrisinho sapeca no rosto.

Procuro por Melissa e a encontro rindo, com um tipo de encanto preso no olhar ao observar Ana Júlia.

— Vem aqui, sua pequena, dê um abraço em sua tia! — ela chama e eu apenas aproveito o momento, vendo Aninha correr para seus braços.

A vida pode ser boa e às vezes o que acreditamos ser ruim, é apenas mais uma chance de fazermos coisas de forma diferente e sermos felizes.

Epitogo



4 anos depois...

E você, vive sua vida como dever ia? Como se fosse seu últ imo dia...

Vladmir

— Doutor, sua esposa ligou. Perguntou a que horas o senhor estará em casa. — Ouço a recepcionista me inf ormar assim que passo por ela na recepção do hospital. — O que digo, se ela ligar novamente?

Olho o relógio e f açouma careta. Prometi que chegaria mais cedo hoje, droga. Faço outra careta, conviver com uma educadora inf antilte ensina a não pensar ou f alarpalavrões. Sorrio ao imaginar isso.

— Pode dizer que já estou indo para casa, caso ela torne a ligar. Meu celular está descarregado.

— Sim, senhor.

Conf irmo, saindo para o estacionamento. Pego o carro e saio em seguida, antes que Melissa arranque minhas bolas ao chegar atrasado no nosso aniversário de quatro anos de casados.

Ao f alar desse tempo, é impossí vel não me lembrar do caminho até aqui. Há quase quatro anos, após Melissa descobrir que não tinha câncer e tentar reaver sua vida como era, ela realmente enf entou algumas dif iculdades, como, por exemplo, não conseguir voltar ao emprego, pois já tinha alguém em seu lugar.

Isso a abalou, pois mostrou a ela o quanto mexeram com sua realidade, o quanto erraram com ela. Passamos então a pensar sobre o grande erro do hospital.

Pensamos em processar o médico, o hospital e, por fim, não precisamos ir tão longe. A direção do São Salvador cuidou bem de tudo, buscando remediar danos e ofereceu a ela uma boa indenização pelo erro. Quanto à outra paciente, a encontraram e tentaram, assim como fizeram com Melissa, remediar a situação, mas era tarde. A mulher em questão já estava em outro hospital, em estado crítico, realmente.

Toda essa situação piorou a vida do doutor Ivan, que perdeu o CRM como consequência de seus erros e o hospital passou por grandes problemas com tudo isso, pois a família da outra paciente, diferente da minha Melissa, não aceitou um acordo apenas e foi adiante com o processo.

Quanto à Melissa, recebeu do hospital uma quantia relativamente, que Daniela, como sua advogada em questão, achou justa. Com isso, ela decidiu investir parte do valor em algo para si, abrindo uma escola particular. Hoje Melissa dirige sua própria escola de educação infantil. Já a outra parte da sua indenização, ela decidiu doar para o hospital de câncer, para ajudar aqueles que tanto precisam.

Suas visitas ao hospital do câncer também se tornaram corriqueiras, em especial a ala pediátrica, ela adora ler para as crianças. Sorrio, é impossível não sentir orgulho da mulher que Melissa se tornou, do ser humano gentil e bondoso que tenho ao meu lado.

Olho o relógio e me dou conta de que estou uma hora atrasado do horário ao qual combinei com ela. Então podem imaginar o quanto Melissa já deve estar chateada com meu atraso, dado que abriu mão de uma reunião hoje, para estarmos juntos e comemorar o grande dia em que nos casamos, naquele cruzamento.

Para em frente a uma floricultura, algumas quadras antes do meu prédio, preciso de algo que recompense meu atraso. Afinal,

precisamos comemorar o engano mais assertivo de nossas vidas.

— Me veja o maior e mais belo buquê que vocês têm aí — peço, olhando a beleza das rosas ao redor e adorando o cheiro do lugar.

— Namorada? — a jovem atendente pergunta de forma simpática e eu sorrio, orgulhoso.

— Esposa, comemoramos quatro anos de casados hoje.

— Ah, meus parabéns — f elicita, levantando a sobrancelha de forma condescendente, enquanto verifica o que pedi.

— Obrigado, é mesmo especial. — Ao falar o homem de estatura baixa ao meu lado, que está sendo atendido por outra moça, me olha e sorri em um tipo de camaradagem.

— O que aprontou, meu amigo?

Não entendo bem, ou melhor, entendo, mas gostaria de não ter entendido.

— Deve estar me confundindo com você, meu amigo, com licença — peço ao me afastar seguindo a moça para o fundo da floricultura.

— O que acha dessas, senhor?

— São perfeitas. Embrulhe, por favor algo grande e colorido. Ela gosta. — Tenho um sorriso bobo no rosto e deixo a jovem fazendo embrulho, indo em direção ao caixa, sacando meu cartão e pagando as rosas.

Algumas quadras e enfim estou no elevador, subindo para o apartamento, com um enorme buquê de rosas vermelhas, com ramos com algum enfite branco, espero que ela goste.

Como pensei, o apartamento reserva veio a calhar e sequer precisamos de uma reforma. Funciona perfeitamente bem, em principal para Ana Júlia. Que dia dorme com a mãe e dia, conosco. Seu amor por Melissa foi gradual e a forma como minha esposa ama a menina e a trata... só fez com que a amasse mais.

Já Rebecca, continuou morando no apartamento de ambas e hoje tem seu próprio consultório, uma excelente profissional.

Entro em casa, buscando pela sala de decoração de bom gosto, a mulher que geralmente a esse horário da noite estaria por aqui, com um livro nas mãos, às vezes acompanhada por Ana.

— Melissa? Mel?

Não preciso chamar duas vezes, ela aparece na porta do meio, que separa a sala de estar com a de jantar, vestida de forma impecável, em um vestido social vermelho, colado ao corpo, com uma fenda que vai até sua coxa. Linda...

— Uau... — Aproximo-me, abrindo um sorriso que é todo dela. — Você está perfeita e antes que me julgue pelo atraso, tenho algo para você, aqui.

Recebo dela um sorriso lindo, que amo demais, e um beijo, lento e saboroso ao pegar as flores que lhe entrego, doce como sempre é.

— Obrigada, são perfeitas. Eu amei e eu não estou brava, talvez um pouquinho ansiosa, brava não — assume, enrugando o nariz, seus dedos fazem um carinho em minha nuca. Feliz quatro anos de casamento, amor.

Beijo-a mais uma vez, passando o braço por sua cintura fina e a trazendo para mim.

— Para você também, meus dias são mais felizes por ter você em minha vida, sabia?

— Os meus também são.

— E Ana, aceitou a barganha? — pergunto, hoje era o dia de ela ficar conosco.

— Sim, desde que a levemos ao zoológico no fim de semana, Dani também irá.

— Perfeito, a pestinha sempre foi boa em barganhas. — Mais um beijo e Melissa sorri.

— Puxou a você nisso. E já que estamos sozinhos... tenho uma surpresa para nós esta noite.

O olhar sem-vergonha da minha esposa revela seus planos para nós e me imagino rasgando esse vestidinho, começando por essa fenda deliciosa em sua perna.

— Sério? Tem planos?

— Sim, a começar pelo jantar.

E ao olhar por sobre seu ombro, noto a mesa posta, com um belo jantar à luz de velas.

— Adorei. Posso escolher minha sobremesa?

— Pode, só não sei se será a mesma que preparei para você.

— Ah, não terá problema, a sobremesa que eu quero está bem aqui, na minha frente.— Meu corpo começa a reagir a ela, ao seu cheiro e meu pau responde ao seu toque.

Melissa sorri e a beijo mais uma vez, perdido somente nela. Sempre é delicioso estar ao seu lado e jamais me canso disso, de nós. Eu estava certo, é realmente amor, desde à primeira vista.

— Vem. — Ela me puxa pela mão, e me sento onde pede, no sofá. Notando que ela usa o anel que lhe dei essa manhã, deixado sobre a cama.

— Gostou?

— Claro, Vlad. Eu amei... adorei a surpresa.

Mel me olha por tempo demais, parada ao meu lado ainda de pé, sem se sentar e acho estranho o sorrisinho em seu rosto, ela está me escondendo algo...

— O que foi, amor? Conheço esse olhar. — Tonto, conheço a mulher que tenho e a julgar por sua ansiedade, ela não vai esperar muito tempo para me contar seja lá o que for

— Tá, eu ia esperar o jantar, a gente subir, enfim...Mas não consigo. — Ao dizer isso, ela segura as mãos, ansiosa e risonha.

Rio, sei bem como ela funciona e a trago para mim, a fazendo se sentar em meu colo.

— Sendo assim, podemos acelerar, subir, transar gostoso e vamos logo para o que quer que seja que está te deixando assim. O que acha?

Até tento, mas ela nega.

— Não, não vamos subir, pois iria me distrair a noite inteira e eu acabaria não contando o que realmente tenho a dizer e é importante. Aqui, pode abrir.

Recebo dela um beijo e uma caixa média, olhando seu rosto e estranhando tanta ansiedade apenas para me dar um presente. Não me lembro dela fazendo tanto mistério ao me entregar uma camisa, no ano passado.

— Abra, também te comprei um presente.

Tiro o laço dourado, abrindo a caixinha, e fico um tempo sem piscar, olhando o conteúdo. Dentro, tem dois sapatinhos de criança, um azul e um rosa. Mas não é só isso, também há um ultrassom. O quê...

— Melissa... é sério? Você está grávida?

A mulher tem lágrimas nos olhos e não precisa dizer mais nada, eu a aperto entre meus braços e me levanto junto a ela, em um abraço apertado e confuso. Sequer consigo processar a notícia. Não sei explicar, mas sinto como se meu peito fosse explodir em felicidade. Beijo-a com desespero todo o seu rosto, rindo, sem conseguir me conter.

— Acho que isso quer dizer que você gostou da notícia.

— Se eu gostei? Mel...

— É que há algum tempo, por conta do meu trabalho, a escola nova, falamos em esperar mais, planejar e agora...

— Ah, meu amor. Mel, eu te amo, amo nossa filha e a família que temos. Eu amo tudo o que construímos juntos, em especial nossa relação. Hoje, você não poderia ter me dado um presente

melhor ou mais especial. Obrigado, meu amor. Eu... vou ser pai de novo.

Sinto sua mão pequena e macia tocar meu rosto por cima da barba, seu rosto emocionado.

— Eu te amo, Vlad, hoje e sempre.

— Eu também te amo, Mel.

Fim

E como eu sempre digo, car o leit or Ah, o amor.

A carta



Melissa...

Estou há horas tentando escrever algo coerente, bonito até, algo que a tocasse, mas acabei abraçando a realidade que provavelmente você nem abrirá esta carta, tampouco se dará ao trabalho de lê-la, então optei apenas em ser direto e dizer-lhe a verdade.

Você se foi sem dizer adeus, sem me dar a chance de me explicar, de entendermos juntos o que aconteceu naquela ocasião e isso não é uma crítica, de forma alguma, pois eu a entendo. Contra fatos, como aqueles, não havia argumentos e eu tampouco saberia como te explicar realmente o que aconteceu ali, como acabei em uma cama com Emília, ambos nus.

É por isso que hoje te escrevo, pois agora eu realmente sei como te explicar, posso enfim contar a verdade a você e não sabe o quanto estou aliviado com isso.

Desde aquele dia em que te vi partir, eu me odeio por fazê-la chorar, por acreditar que a trai, que realmente joguei fora todo o sentimento que um dia eu senti pela garota de olhos risonhos que eu tanto amava. Passei muito tempo tentando entender, achar uma explicação para o que eu fiz, quando, na verdade, eu não fiz absolutamente nada além de tentar confortar alguém que naquele momento precisava, ou melhor, alguém que fingiu precisar.

Fomos apenas duas vítimas, presos em uma rede de mentiras bem bolada. Eu gostaria e preciso de te contar toda a história, desde o início, cada detalhe, mas é longa, Mel, e preciso de mais do que apenas um pedaço de papel para isso.

O que eu quero te pedir aqui é a chance de um encontro, uma conversa para que entenda e possa acreditar que eu jamais maculei o que sentimos um pelo outro. Talvez seja difícil acreditar, eu sei, mas peço uma chance.

Estou me divorciando de Emília. Não deve ser uma novidade que me casei com ela poucos meses depois daquela fatídica manhã. Me casei por acreditar que ela estava grávida de um filho meu. Mas com o tempo, descobri que nunca houve um bebê, nunca houve nada além do amor doentio de uma mulher controladora, que precisava de ajuda médica. Fomos vítimas de um plano perfeito daquela que se dizia sua amiga e caímos como patos em sua armadilha.

Emília mentiu quando bateu em minha porta naquela madrugada ao pedir ajuda, mentiu sobre termos transado naquela noite, mentiu quando disse estar grávida e com isso ela conseguiu por um bom tempo o que queria, uma bela família de aparência... até que, enfim, eu não pude mais levar essa farsa adiante.

Peço perdão a você, mas não por te trair, e sim, por não tentar mais ter você de volta, por não lutar por nós...

Saiba que eu sempre te amei e fui fiel a esse sentimento.

Caso chegue até aqui, caso sinta algo ao ler esta carta, me procure, pois meu coração nunca te esqueceu.

Para sempre, seu Vladimir...

Agradecimientos



Bom, se eu for listar, daria bem mais que um livro de agradecimentos, pois Deus foi e é generoso demasiadamente comigo ao colocar anjos em forma de pessoas em minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo nessa caminhada, nada sou sem sua força.

Também à minha família e amigos, meu muito obrigada. Vocês são o meu suporte, meu amor maior, e mãezinha, aqui vai um agradecimento todo especial para a senhora, minha maior fé, gente. Eu te amo, luz da minha vida.

Aos meus leitores, o meu muito obrigada. Eu não tenho palavras para agradecer o carinho e o amor que me dão sempre, em doses homeopáticas. Amo vocês. Por embarcarem comigo em cada loucura e me impulsionarem sempre a ir além. Vocês fazem toda a diferença.

Seguindo... às minhas amigas autoras, meus anjos, obrigada. Durante a escrita, tive algumas dificuldades e ela me ajudaram com todo o suporte necessário até aqui. Obrigada, Mari Monni e Lucy Foster, por lerem e me passarem opiniões verdadeiras sobre o livro, vocês são incríveis. Agradeço à Jack A. F e a Fernanda Santana, por todo o apoio e força que me dão, meus xuxus. Amo vocês. E claro, minha revisora maravilhosa, Barbara Pinheiro, você tem o meu amor e gratidão. Obrigada por me aguentar.

Agradeço também à Vanessa Pavan por sua assessoria incrível e dedicação, muito obrigada.

Sempre digo que a caminhada até aqui é árdua, porém, me sinto blindada com vocês, são meus anjos amados.

Obrigada a todos novamente e também a você, que chegou aqui agora e está conhecendo a Gisa pela primeira vez, tenha o meu muito obrigada.

Esta sou eu, uma apaixonada muito louca pela escrita, pela vida e encantada com novos mundos. Obrigada pela sua leitura e espero muito que gostem desta história.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!

*Mais livres
da Autora*



Conheça também o primeiro livro da Série Amores Reconstruídos:



UMA ESCOLHA PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

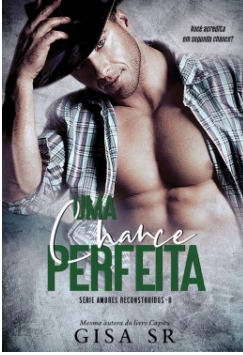
Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocara o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

O segundo livro da Série Amores Reconstruídos



UMA CHANCE PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Alice foi uma jovem doce, desinibida e de bem com a vida, que gradativamente se viu cair de amores pelo primo boa pinta. Ela o via como um herói, de forma romântica, apaixonada. Já ele a via apenas como a caçula da família Ribeiro, a prima maluquinha que ele vivia tirando de encrencas!

Um desentendimento!

Bastou isso para criar uma rachadura extensa no relacionamento e na amizade de ambos. Dois caminhos separados por desentendimentos e culpas. Anos depois, Alice está de volta, só que mais mulher, dona de si, trazendo também marcas profundas na alma e no corpo.

Pedro faz o tipo sensato, protetor, centrado em sua carreira e apaixonado pelo campo, aquele cara famoso por não deixar suas emoções tomarem conta de si. Ou assim ele imaginava, pois ao vê-la todo esse controle se vai. E Pedro queria que não tivesse tantos sentimentos guardados por aquela mulher, indo do amor ao ódio, mas, ainda assim, querendo fazê-la sua. Há apenas um impedimento: a própria Alice.

Uma mentira foi contada, um falso noivado é montado e pode desencadear sentimentos há muito guardados, trazendo segredos que podem vir à tona e soterrar qualquer resquício de amor!

"Ela não está disposta a ceder, ele não está disposto a desistir...

Estregue-se ao acaso...

O terceiro livro da Série Amores Reconstruídos



UMA ALIANÇA PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Como escolher os padrinhos de sua filha, quando, seus melhores amigos, não se suportam?

Bruno e Sophie mal aguentavam estar no mesmo ambiente, porém, aguentariam tal inconveniente apenas por Luna, a pequena criança que batizaram juntos, não por escolha.

No entanto, o destino pode pregar algumas peças e não foi diferente quando, por um desastre inesperado, seus caminhos se cruzaram de forma permanente. Uma aliança é formada, um acordo é feito e ambos terão de aprender a controlar o pior de si.

O capitão do BOPE, viciado por controle, terá de aguentar a mulher que, entre todas, passou a despertar nele seus piores instintos; o desejo de domá-la, de tê-la sua submissa.

Mas submissão não é algo que a lutadora de MMA aceitaria, menos ainda se esse DOM vier na forma de um homem esnobe, superficial, orgulhoso, que ela não suporta. Sophie só não imaginava que não conseguiria controlar o desejo de provar o proibido, de se entregar aos seus desejos mais íntimos.

Paixão, sedução, ação e suspense preenchem uma trama cheia de reviravoltas.



CAPITU ([Adquira aqui](#))

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...



LUZ DA MINHA VIDA - UM MILAGRE DE NATAL. ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 1

Sinopse:

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

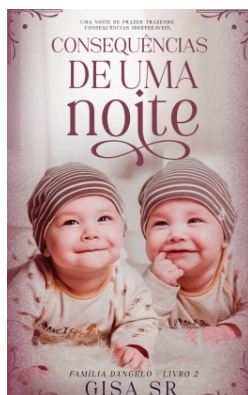
Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas

nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!



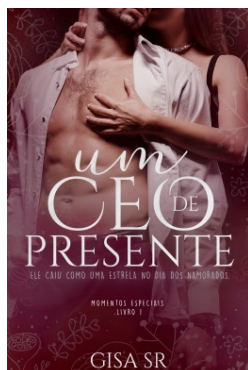
CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOITE ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 2

Sinopse:

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontroláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.



UM CEO DE PRESENTE ([Adquira aqui](#))

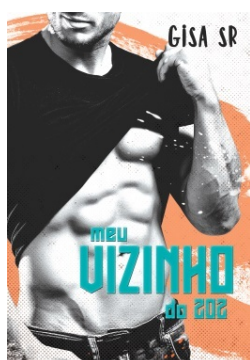
Sinopse:

Tendo seu coração destroçado às vésperas do dia dos namorados, Emily, uma bibliotecária e estudante de enfermagem de 21 anos, luta para juntar seus caquinhos. Ela só não esperava encontrar ajuda para isso tão rápido.

Uma ajuda deliciosa, diga-se de passagem!

Enrico Borges surge em seu caminho quase de forma planejada, rouba a cena e, talvez, seu coração com uma promessa nada velada: esquecer o passado. O CEO acredita ser capaz de fazê-la se desprender e trazê-la para um jogo de sedução sem amarras, porém nenhum deles imagina que uma paixão avassaladora pode surgir.

Venha conhecer o lobo mau e seu cordeirinho.



MEU VIZINHO DO 202 ([Adquira aqui](#)).

Sinopse

Uma noite, um engano e um delicioso desastre...

A vida de Mônica Maria era perfeita ou, pelo menos, era isso o que pensava. Romântica de carteirinha, ela sonhava com o casamento dos sonhos, a casa perfeita e, claro, o marido dos contos de fadas.

Essas eram suas metas, até que o destino lhe prega uma peça e ela é obrigada a crescer e encarar sua realidade nem um pouco cor-de-rosa. Desde então, Mônica decide deixar as emoções de lado e focar em preocupações maiores.

Mas o destino apronta outra vez e ela encontra Benjamin, seu vizinho pervertido, que parece tentá-la vinte e quatro horas por dia, atraindo-a para o pecado e despertando sensações há muito adormecidas.

A bela morena só queria amizade, no máximo um passatempo divertido, uma ajuda mútua, mas uma noite muda tudo e agora os dois vão aprender que com fogo não se brinca!

Comédia romântica para maiores de dezoito anos!



UMA VIRGEM EM APUROS ([adquira aqui](#))

Sinopse

Lucy é uma romântica incurável, que por muito tempo acreditou que encontraria, mais cedo ou mais tarde, o seu príncipe. Mas o tal encantado não apareceu e, para ela, sua saída é ir à luta, deixar de lado essa bobagem de romance e casamento e, enfim, perder sua virgindade. Para isso, surge a ideia de contratar um garoto de programa, como presente de Natal. Uma ideia maluca ou não...

Maxwell é um advogado boa-pinta, focado no trabalho, sem tempo para bobagens de amor. A única pessoa capaz de tomar o seu tempo é Luciana, sua melhor amiga desde a faculdade. Quando ouve dela a ideia estapafúrdia de contratar um garoto de programa, afinal, príncipes encantados não existem, algo muda em seu coração e ele se dá conta de que talvez, só talvez, o que era apenas amizade não é mais suficiente para si.

Agora, ele quer fazer do Natal, algo diferente para ela, resta saber o que Lucy achará disso!

*Sobre a
Aventura*





Biografia

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Contatos da Autora



Instagram: Autora Gisa SR

https://instagram.com/autoragisasr?utm_medium=copy_link

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>

Grupo de WhatsApp:

<https://chat.whatsapp.com/LULoXjc4S4iD9VKXcOdXpk>